

FLAVIA CAMBI ALVES

**HISTÓRIA E MUDANÇA: OS JUNTORES DERIVADOS
DE *TANTO* E SEUS DIFERENTES PADRÕES DE USO SOB
O OLHAR DA GRAMATICALIZAÇÃO**

São José do Rio Preto
2016

FLAVIA CAMBI ALVES

**HISTÓRIA E MUDANÇA: OS JUNTORES DERIVADOS
DE *TANTO* E SEUS DIFERENTES PADRÕES DE USO SOB
O OLHAR DA GRAMATICALIZAÇÃO**

Dissertação apresentada ao Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista, Campus de São José do Rio Preto, para obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos (Área de Concentração: Análise Linguística).

Linha de Pesquisa: Variação e Mudança Linguística

Orientadora: Profa. Dra. Sanderleia. R. Longhin

São José do Rio Preto
2016

Alves, Flávia Cambi.

História e mudança : os juntores derivados de tanto e seus diferentes padrões de uso sob o olhar da gramaticalização / Flávia Cambi Alves. -- São José do Rio Preto, 2016

129 f. : il., tabs.

Orientador: Sanderléia Roberta Longhin

Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas

1. Linguística. 2. Análise linguística (Linguística) 3. Funcionalismo (Linguística) 4. Língua portuguesa – Gramaticalização. 5. Língua portuguesa – Semântica. 6. Língua portuguesa – Português escrito - São Paulo (Estado) – Séc. XVIII-XIX. I. Longhin, Sanderléia Roberta. II. Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho". Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas. III. Título.

CDU – 41

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca do IBILCE
UNESP - Câmpus de São José do Rio Preto

FLÁVIA CAMBI ALVES

História e Mudança: os juntores derivados de *tanto* e seus diferentes
padrões de uso sob o olhar da gramaticalização

Dissertação apresentada ao Instituto de Biociências, Letras
e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista,
Câmpus de São José do Rio Preto, para obtenção do título
de Mestre em Estudos Linguísticos (Área de
Concentração: Análise Linguística).

COMISSÃO JULGADORA

Titulares

Profa. Dra. Sanderleia Roberta Longhin
UNESP – Câmpus de São José do Rio Preto

Profa. Dra. Sandra Denise Gasparini Bastos
UNESP – Câmpus de São José do Rio Preto

Profa. Dra. Ana Paula Antunes Rocha
UFOP – Câmpus Mariana

Suplentes

Profa. Dra. Erotilde Goreti Pezatti
UNESP – Câmpus de São José do Rio Preto

Prof. Dr. José da Silva Simões
USP – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas

São José do Rio Preto
19 de agosto de 2016

Aos meus pais Silvia e Luis Francisco. Por tudo.

AGRADECIMENTOS

Ao meu Deus, pelo dom da vida e por ser meu porto seguro em todos os momentos.

A minha família, pelo apoio, pela paciência e, sobretudo, pela confiança. Aos meus pais Luis Francisco e Silvia, que apesar de não escolherem a vida acadêmica, acabaram por vivenciar comigo todo este processo. Aos meus quatro avós, que ainda tenho o privilégio de tê-los junto a mim, que através da humildade carregada de sabedoria, também têm sua participação. Ao meu irmão Felipe que sempre me inspira a ser uma pessoa melhor.

A Profa. Dra. Sanderleia Longhin, pela competência e pelo profissionalismo que, além de me orientar nos caminhos da gramaticalização, me apresentou toda a beleza e também todos os desafios da vida acadêmica, mostrando-me que por trás de um bom trabalho é preciso que haja um pesquisador comprometido e, sobretudo, um ser humano equilibrado.

A Profa. Dra. Sandra Gasparini e a Profa. Dra. Ana Paula Rocha, por terem aceitado o convite para compor a banca, tanto para Exame Geral de Qualificação como para defesa. Agradeço pelas leituras minuciosas, pelas correções e pelas sugestões.

A Profa. Dra. Beatriz Decat, primeira arguidora deste trabalho, que não a minha orientadora.

Ao Prof. Dr. Márcio Scheel, que apesar de não ter uma participação direta neste trabalho, sempre esteve presente através da amizade construída durante a graduação. Obrigada por estar presente, ainda que virtualmente na maioria das vezes, ouvindo meus desabafos, meus medos e preocupações, e também pelas conversas altamente carregadas de sarcasmo e ironia, mas que também continham muita sapiência.

Ao Pe. Antonio Carlos, por se fazer presente, sobretudo nos momentos em que havia mais necessidade em se estar. Pelas ricas conversas, pelos livros, pelos passeios, pelos cafés e, claro, por todo aconselhamento: intelectual, moral e espiritual. A “tia” Paula, minha primeira professora, minha amiga e, agora, colega de profissão, que sempre enxergou em mim meu potencial, antes que eu mesma enxergasse.

A Gabriela, Juliana, Mariana, Matheus, Guilherme, Wesley, Camila e Márcio, aos quais não posso deixar de demonstrar minha gratidão. Gratidão por tê-los em minha vida. Gratidão por ter pessoas tão compreensivas e tão incentivadoras, que souberam dar todo o apoio, compreensão e conselhos que precisei nesses dois anos de trabalho. Agradeço a vocês por toda essa amizade e por todo companheirismo de quase duas décadas.

A Talita, que foi meu elo com alguns dicionários e gramáticas históricas da biblioteca do IEL e também pela ajuda com as traduções e versões deste trabalho – que não foram fáceis, eu sei. Ao Fernando, por cada “let’s talk about business”, por cada conversa, seja virtual, seja nos raros encontros, que me proporcionaram muitas reflexões construtivas e maneiras diferentes de encarar uma situação. Ao Guilherme, que além de emprestar os ouvidos, sempre me trouxe uma palavra encorajadora. A vocês três que, apesar da distância, sempre se fizeram muito presentes em qualquer hora. Obrigada!

A Ana Carolina (e aqui também incluo o Renan!) e a Mariana, pelo prazer em tê-las conhecido na graduação, e pelo prazer ainda maior em saber que nossa amizade se estendeu e continuará se estendendo para além dos cinco anos em que pudemos conviver. Sou grata pela amizade construída.

A Ana Paula, Beatriz e Milena, por dividirmos nossos desabafos, alegrias, risadas, desesperos, choros, almoços, passeios e quartos de hotel. Vocês foram fundamentais nestes dois anos – e sei que continuarão sendo.

A Alaina, pelos cinco anos de convivência, os quais foram os melhores possíveis. Mais do que dividir aluguel e contas, dividimos tudo aquilo que deve ser partilhado quando reconhecemos no outro. Sempre me lembrarei com muito carinho destes dias de vivência e, principalmente, da sua amizade.

“(...) o tempo altera todas as coisas; não existe razão para que a língua escape a essa lei universal.”

Ferdinand de Saussure

RESUMO

O propósito deste trabalho é investigar, sob uma abordagem que une tanto a perspectiva sincrônica quanto a diacrônica, aspectos relativos à gramaticalização dos itens juntivos derivados de *tanto*, considerando que existe uma relação de precedência entre o item fonte e os demais itens derivados – *entretanto*, *no entanto (que)*, *portanto* e *contanto que*. O *corpus* utilizado foi obtido a partir de um conjunto de gêneros textuais diversos – como cartas, diários, anúncios, notícias, peças teatrais, discursos etc. –, que mostraram diferentes esquemas de junção. Todos os textos são datados dos séculos XVIII e XIX, com produção predominante no estado de São Paulo e extraídos de duas grandes fontes: do *corpus* do PHPP (Projeto para a História do Português Paulista) e da Biblioteca Brasileira (USP). Partindo de propostos funcionalistas que tratam de juntores, entendidos como itens que exprimem alguma relação de sentido, além de ligar sintaticamente orações ou porções textuais maiores (TRAUGOTT; DASHER, 2002; HOPPER; TRAUGOTT, 2003; BLÜHDORN, 2006; NEVES, 2011), analisamos a transição categorial e a abstratização de significado sofridas por cada um dos juntores em questão. Para avaliação de aspectos formais, utilizamos uma série de parâmetros que permitiram averiguar uma maior/menor prototipicidade dos diferentes juntores; quanto à relação de sentido expressa, nos apoiamos no mapeamento da derivação semântica (KORMTANN, 1997) para descrever os diferentes padrões funcionais de cada juntor e, sobretudo, para identificar os diferentes tipos de contextos que condicionaram a emergência de novas relações de sentido, semânticas e pragmáticas. Por meio da análise das ocorrências, pudemos constatar que *entretanto*, *no entanto*, *portanto* e *contanto que* percorreram a trajetória juntor [- prototípico] > juntor [+ prototípico], permeando mudanças semânticas condicionadas por relações polissêmicas do tipo TEMPO > CONTRASTE; CAUSA > CONCLUSÃO; CONTRASTE > CONDIÇÃO, respectivamente, corroboradas pelos diferentes tipos de contexto em que tais juntores eram empregados.

Palavras-chave: Gramaticalização. Juntores. Mudança semântica.

ABSTRACT

The purpose of this study is to investigate, from an approach that unites both synchronic and diachronic perspectives, aspects related to the grammaticalization of junctive items derived from *tanto*, considering that there is a precedence relation between the source item and the other derived items - *entretanto*, *no entanto (que)*, *portanto* e *contanto que*. The used *corpus* was obtained from a set of several textual genres – such as letters, diaries, advertisements, news, theater plays, speeches etc. –, which showed different junction schemes. All texts are dated to the XVIII and XIX centuries, with predominant production in the state of São Paulo and extracted from two great sources: the *corpus* from PHPP (History of the Paulista Portuguese Project) and from the Brasiliana Library (USP). Starting from functionalist proposals that address junctives, which are understood as items that express a certain relation of meaning, besides syntactically linking sentences or larger textual portions (TRAUGOTT; DASHER, 2002; HOPPER; TRAUGOTT, 2003; BLÜHDORN, 2006; NEVES, 2011), categorical transition and the process of making meaning abstract that were suffered by each one of the junctives in question were analyzed. For the evaluation of formal aspects, a series of parameters which allowed to ascertain a higher/lower prototypicality of the different junctives were utilized; as for the relation of meaning expressed, the study relied on the mapping of semantic derivation (KORMTANN, 1997) to describe the different functional patterns of each junctive and, specially, to identify the different types of contexts that influenced the emergence of new semantic and pragmatic relations of meaning. Through the analysis of the occurrences, it was stated that *entretanto*, *no entanto*, *portanto* and *contanto que* went through the following path: junctive [- prototypical] > junctive [+ prototypical], permeating semantic changes conditioned by polysemic relations of the following type: TIME > CONTRAST; CAUSE > CONCLUSION; CONTRAST > CONDITION, respectively, supported by the different types of context in which said junctives were employed.

Key-words: *Grammaticalization. Junctives. Semantic change.*

LISTA DE FIGURAS, TABELAS E QUADROS

FIGURAS

Figura 1.	Desenvolvimento do auxiliar <i>be going to</i> , proposto por Hopper e Traugott (2003, p. 69).....	45
Figura 2.	A macroestrutura semântica das relações intersentenciais (KORTMANN, 1997).....	47

TABELAS

Tabela 1.	Frequência geral de <i>tanto</i> e dos itens derivados em textos dos séculos XVIII e XIX.....	68
Tabela 2.	Frequências <i>token</i> e <i>type</i> de <i>entretanto</i> em textos dos séculos XVIII e XIX.....	70
Tabela 3.	Tipos de manobras argumentativas realizadas por <i>entretanto</i> em dados dos séculos XVIII e XI.....	81
Tabela 4.	Frequências <i>token</i> e <i>type</i> de <i>no entanto</i> em textos dos séculos XVIII e XIX.....	86
Tabela 5.	Tipos de manobras argumentativas realizadas por <i>no entanto</i> em dados dos séculos XVIII e XIX.....	96
Tabela 6.	Frequências <i>token</i> e <i>type</i> de <i>portanto</i> em textos dos séculos XVIII e XIX.....	101
Tabela 7.	Frequências <i>token</i> e <i>type</i> de <i>contanto</i> que em textos dos séculos XVIII e XIX.....	112
Tabela 8.	Características das orações condicionais em textos dos séculos XVIII e XIX.....	117

QUADROS

Quadro 1.	Relação de dependência e encaixamento de orações (HOPPER; TRAUGOTT, 2003, p.178).....	27
Quadro 2.	Propriedades relevantes do cline de combinação de orações (HOPPER; TRAUGOTT, 2003, p. 178).....	28
Quadro 3.	Modelo de contexto proposto por Heine (2002, p. 86).....	35
Quadro 4.	Etapas do processo de reinterpretação induzida pelo contexto (HEINE et al., 1991, p. 71-72).....	41
Quadro 5.	Diferenças entre a atuação da metáfora e da metonímia (GONÇALVES et al., 2007, p.49).....	42
Quadro 6.	Composição do <i>corpus</i> analisado.....	56
Quadro 7.	Operação metodológica para identificar os possíveis contextos.....	61
Quadro 8.	Definição e classificação de <i>entretanto</i> pelos dicionários e gramáticas atuais.....	70
Quadro 9.	Tipos de manobras argumentativas realizadas por <i>mas</i> e <i>só que</i>	80
Quadro 10.	Proposta de reinterpretação induzida pelo contexto para <i>entretanto</i>	84
Quadro 11.	Definição e classificação de <i>no entanto</i> pelos dicionários e gramáticas atuais.....	86
Quadro 12.	Proposta de reinterpretação induzida pelo contexto para <i>no entanto (que)</i>	96
Quadro 13.	Proposta de reinterpretação induzida pelo contexto para <i>portanto</i>	108
Quadro 14.	Os tipos de orações condicionais (SCHACHTER, 1971 apud REILLY, 2009 [1986], p. 313).	111
Quadro 15.	Esquema modo-temporal presente nas orações condicionais (NEVES, 2011, p. 848).....	117
Quadro 16.	Proposta de reinterpretação induzida pelo contexto para <i>contanto que</i>	119

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
1. A JUNÇÃO	18
1.1. O paradigma das conjunções em PB: definições.....	18
1.2. Processos de articulação sintática: a coordenação e a subordinação.....	23
2. GRAMATICALIZAÇÃO	29
2.1. Os precursores da GR.....	29
2.2. Definindo a GR: definições e perspectivas.....	31
2.3. O princípio da unidirecionalidade.....	36
2.4. Mecanismos de mudança cognitivos e pragmáticos	38
2.4.1. Metáfora.....	38
2.4.2. Metonímia.....	40
2.5. Mecanismos de mudança morfossintática.....	43
2.5.1. Reanálise.....	43
2.5.2. Analogia.....	44
2.6. Juntores em mudança por GR: trabalhos recentes.....	45
2.6.1. Trabalhos teóricos na literatura: a contribuição de Kortmann (1997).....	46
2.6.2. Trabalhos empíricos.....	48
3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	53
3.1. O <i>corpus</i>	53
3.2. Apuração da frequência e critérios de análise.....	59
4. A GRAMATICALIZAÇÃO DOS JUNTORES DERIVADOS DE TANTO	67
4.1. A origem de <i>entretanto</i> , <i>no entanto (que)</i> , <i>portanto</i> e <i>contanto que</i>	67
4.2. Apresentação geral.....	68
4.3. A gramaticalização dos itens derivados de <i>tanto</i>	69
4.3.1. Entretanto.....	69
4.3.1.1. O papel do contexto no caso de <i>entretanto</i>	83
4.3.2. No entanto (que).....	85
4.3.2.1. O papel do contexto no caso de <i>no entanto (que)</i>	96
4.3.3. Portanto.....	100
4.3.3.1. O papel do contexto no caso de <i>portanto</i>	107

4.3.4. Contanto que	109
4.3.4.1. O papel do contexto no caso de <i>contanto que</i>	120
CONCLUSÃO	121
REFERÊNCIAS	125

INTRODUÇÃO

A noção de que toda língua evolui é consensual: continuamente, elas estão sujeitas à variação no tempo, impulsionada por fatores intrínsecos e extrínsecos à língua. Tais variações corroboram para que as línguas se constituam heterogêneas e diversas, no sentido de abrigarem uma riqueza e variedade de construções, nos seus vários níveis de funcionamento – o léxico, a fonética, a morfossintaxe e a semântica.

Dentre muitos estudos na literatura linguística sobre os casos de variação e mudança linguística no português brasileiro (PB, daqui em diante), interessam-nos, particularmente, os que se debruçam sobre a classe dos juntivos (cf. MARTELOTTA; SILVA, 1996; BARRETO, 1999; ROCHA, 2006; LONGHIN-THOMAZI, 2003, 2004a, 2004b, 2008, 2009; BELLAY, 2011). Para Meillet (1912), estes itens, tradicionalmente chamados de *conjunções*, estão em uma constante renovação que consiste em aproveitar formas já usadas na língua e atribuir-lhes uma nova função: a de articular orações, estabelecendo relações de sentido. Paralelamente aos estudos normativos, sobre a combinação de orações, algumas propostas funcionalistas (HALLIDAY, 1985; RAIBLE, 2001; HOPPER; TRAUOGOTT, 2003) salientam que a articulação não se limita apenas à coordenação e à subordinação, e admitem que haveria ainda outros processos mediadores neste domínio.

Nesse âmbito, Alves (2012), em um estudo de Iniciação Científica (FAPESP/12/12253-8), orientado pela Profa. Dra. Sanderleia R. Longhin, ao analisar a gramaticalização de juntores paratáticos em dados do português paulista dos séculos XIX e XX, oriundos de uma diversidade de gêneros textuais, notou que alguns dos itens que partilhavam a base comum *tanto* tinham forte predisposição à mudança no PB, uma vez que ora se comportavam como uma categoria mais adverbial, ora como uma categoria mais juntiva, além das diferentes relações semânticas estabelecidas, em um mesmo período temporal.

Assim, a partir de um quadro teórico que postula que o processo de mudança que leva à emergência de juntores não é abrupto, mas gradual, e que envolve em sua motivação fatores cognitivos e pragmáticos que resultam em uma abstratização crescente de significados (mudança semântico-pragmática) e uma recategorização do item e conseqüentemente da construção como um todo (mudança morfossintática) (cf. TRAUOGOTT, 1982, 1999; TRAUOGOTT; KÖNIG, 1991; TRAUOGOTT; DASHER, 2002), este trabalho investiga aspectos de funcionamento e de história de construções

conjuntivas, perifrásticas¹ e não perifrásticas, que derivaram da combinação de elementos de diferentes classes gramaticais e que têm em comum o item *tanto* em sua base de formação. Referimo-nos especificamente aos jutores *portanto*, *no entanto* (*que*), *entretanto* e *contanto que* e às construções que eles ajudam a formar. A pesquisa concentra-se em um período específico do português, a saber, o português dos séculos XVIII e XIX (cada século será tomado como uma sincronia), dado o propósito de contribuir com um projeto maior, ao qual este trabalho está vinculado, que é o Projeto de História do Português Paulista, conforme explicitaremos adiante.

Com base em Said Ali (1964), em dicionários etimológicos (CUNHA, 1986, 2010), e também na literatura sobre gramaticalização de jutores (TRAUGOTT; KÖNIG, 1991; KORTMANN, 1997; TRAUGOTT; DASHER, 2002), partimos da hipótese de que, no decorrer da história do português: (i) existe uma relação de precedência entre o item *tanto* e os jutivos dele derivados, formados por meio de reanálise semântica e categorial entre *tanto* e preposições; (ii) há emergência dos usos convencionais, que seguem a trajetória *advérbio* > *advérbio jutivo* > *conjunção*; e (iii) há uma relação de derivação entre o significado fonte e os significados alvo que não é arbitrária, mas motivada pelo contexto em que o item se insere.

Com base nessas hipóteses, o objetivo maior deste trabalho é analisar, sob a ótica da gramaticalização (HOPPER; TRAUGOTT, 2003; HEINE et al., 1991, dentre outros) as mudanças morfossintáticas e sobretudo as mudanças de significado, experimentadas por *portanto*, *no entanto* (*que*), *entretanto* e *contanto que*, em um período da história do português. Os objetivos específicos se concentram na descrição dos diferentes padrões funcionais de cada jutor e na identificação dos diferentes contextos que condicionaram a emergência de novas relações de sentido, semânticas e pragmáticas, e da reinterpretação das construções morfossintáticas das quais os jutores fazem parte. Além disso, objetivamos avaliar a contribuição do item base *tanto*, em termos de seus traços formais e funcionais, para a constituição dos novos itens jutivos.

A fim de alcançar os objetivos propostos, percorremos a seguinte trajetória:

- I) A partir do levantamento das ocorrências das construções de junção, nos textos do *corpus*, descrevemos qualitativamente os padrões de uso de cada

¹ Neste trabalho, referimo-nos como "construções perifrásticas" ou "jutores perifrásticos" os itens constituídos de mais de uma palavra, de fusão mínima, em que não é possível inserir material interveniente entre as partes que a constituem e cuja relação semântica estabelecida vem da locução como um todo, e não a partir do significado individual de cada palavra que a compõe.

juntor, distinguindo-os por meio de seu funcionamento semântico e morfossintático;

- II) Para avaliação do estatuto morfossintático dos juntivos em questão, utilizamos uma série de parâmetros que permitem reconhecer, caracterizar e verificar uma maior ou menor prototipicidade dos diferentes tipos de juntores em jogo – conjunções, advérbios juntivos e perífrases conjuncionais (KORTMANN, 1997; BLÜHDORN, 2008; NEVES, 2011).
- III) Baseando-nos no arcabouço da gramaticalização (GR, daqui em diante), enquanto processo e também enquanto paradigma, e nos parâmetros que definem uma conjunção, analisamos a atuação dos mecanismos de metaforização e de metonimização, que são altamente relevantes na teoria, além da ação dos parâmetros de Heine e Kuteva (2007), que contemplam não só reanálise dos significados, mas também as perdas e ganhos no âmbito da morfossintaxe, bem como os fatores de expansão contextual;
- IV) Partindo das propostas de Heine (2002) e Heine e Kuteva (2007) acerca da operacionalização dos tipos de contextos, buscamos apurar quais foram os contextos que propiciaram a mudança semântica.

O trabalho se divide em cinco grandes partes. Na primeira delas, nosso foco recai sobre a junção no PB. Contemplamos as abordagens tradicionais (ROCHA LIMA; 1972; CUNHA; CINTRA, 2008; BECHARA, 2009) e funcionais (PEZATTI, 2001; BLÜHDORN, 2008; NEVES, 2011; CASTILHO, 2012) que tratam dos principais mecanismos de junção e dos critérios que permitem avaliar o estatuto mais ou menos conjuncional de um determinado item. Como a função básica dos juntivos é a articulação de orações, ainda nesta seção, discutimos as noções de coordenação e de subordinação, privilegiando as abordagens de Hopper e Traugott (2003) e de Blühdorn (2008).

Na segunda seção, apresentamos a teoria da Gramaticalização, na qual esta pesquisa se fundamenta. Partindo de um breve percurso histórico, o objetivo está em definir gramaticalização, tanto como paradigma quanto como processo, além de suas perspectivas de análise (HEINE et al, 1991; HEINE, 2002, 2003; HOPPER; TRAUGOTT, 2003). Ainda nessa seção, abordamos os principais mecanismos da mudança: a metáfora e a metonímia, e a analogia e a reanálise. Ao final, focalizamos a mudança por GR que atinge especialmente a classe dos juntores, bem como suas

tendências, mostradas com base em trabalhos teóricos (SWEETSER, 1988; KORTMANN, 1997) e também empíricos (BARRETO, 1999; ROCHA, 2006; LONGHIN-THOMAZI, 2009). O objetivo é tratar da mudança sofrida pelas conjunções do ponto de vista semântico, tema que receberá maior enfoque neste trabalho (KORTMANN, 1997).

Em **Procedimentos metodológicos**, terceira seção, descrevemos o material utilizado e os critérios para composição do *corpus*: tradição discursiva (TD), temporalidade, espaço e quantidade; além disso, explicitamos a operacionalização metodológica adotada para analisar os dados. Os critérios de análise repousam na conjugação das abordagens qualitativa e quantitativa (BYBEE, 2003). Como veremos, a primeira delas se baseia em parâmetros semânticos e sintáticos, e tem, como objetivo, a caracterização das construções linguísticas ao longo do tempo, o que levará ao reconhecimento das perdas e ganhos dos traços referentes à forma e ao significado. A segunda, por sua vez, concentra-se na frequência das construções nas duas sincronias estabelecidas, que tem como objetivo fornecer evidências sobre a generalização da mudança.

A análise dos dados será apresentada na quarta parte. O propósito é apresentar os diferentes padrões funcionais de *entretanto*, *no entanto (que)*, *contanto que* e *portanto*, conforme os comportamentos morfossintáticos e, sobretudo, semânticos por eles apresentados. Em seguida, com base nos modelos de contexto, principalmente na proposta de Heine (2002), apresentamos para cada juntor uma tipologia de contextos correlacionada com os possíveis estágios de mudança.

Finalmente, nas **Considerações Finais**, retomamos os objetivos e sistematizamos os principais resultados obtidos.

A JUNÇÃO

Nesta primeira seção, apresentaremos, tanto da perspectiva tradicional como da funcional, uma breve revisão sobre as conjunções no PB, com o intuito de mostrar que há uma discussão sobre quais itens podem ou não ser considerados como conjunções propriamente ditas, dada a sua natureza. Em seguida, apresentamos as noções de coordenação e de subordinação, relacionadas à articulação de orações por meio dos conectivos.

1.1. O paradigma das conjunções no PB: definições

Em linhas gerais, do ponto de vista tradicional, as gramáticas definem *conjunção* como a classe que abriga palavras que “relacionam duas orações ou dois termos semelhantes da mesma oração” (CUNHA; CINTRA, 2008). Além dessa definição geral, há a distinção entre dois tipos de conjunções: as **coordenativas** e as **subordinativas**.

A característica principal do primeiro grupo é relacionar termos ou orações independentes, de idêntica função gramatical. As conjunções coordenadas se dividem tradicionalmente em cinco subgrupos, em conformidade com a relação de sentido que ajudam a estabelecer: aditivas, adversativas, alternativas, conclusivas e explicativas.

Já as conjunções subordinativas, diferentemente das coordenadas, conectam duas orações sintaticamente dependentes e se classificam em causais, concessivas, condicionais, finais, temporais, comparativas, consecutivas e integrantes.

Vejamos os exemplos de (01) a (03), extraídos de Cunha e Cintra (2008, p. 593, p.619):

- (01) O tempo **e** a maré não esperam por ninguém.
- (02) Ouvi primeiro **e** falai por derradeiro.
- (03) Ceamos à lareira, **que** a noite estava fria.

Tanto em (01) quanto em (02), *e* é uma conjunção coordenativa, pois conecta dois elementos de mesma natureza: na primeira, relaciona dois substantivos (*tempo e maré*) e, na segunda, duas orações de mesmo valor gramatical. Em (02), poderíamos fragmentar a frase em “Ouvi primeiro” e “Falai por derradeiro” sem que o sentido de

cada uma seja prejudicado, e, por esse motivo, as duas orações são classificadas como independentes.

Já em (03), *que* é uma conjunção subordinativa, pois relaciona duas orações cujos valores gramaticais são diferentes. “Ceamos à lareira” é, para este exemplo, a oração principal, enquanto “a noite estava fria” é a subordinada, pois completa o sentido da primeira. Diferentemente de (02), o exemplo (03) não poderia ser fragmentado em dois enunciados, pois seu sentido ficaria comprometido, o que indica que há uma integração de um termo da oração a outro, uma vez que a oração subordinada entra na lacuna argumental da oração principal.

Quanto à posição dos itens conjuncionais nas orações, no domínio da coordenação, Cunha e Cintra (2008) advogam que apenas *mas* é obrigatoriamente empregado no começo da oração, ao passo que *porém*, *todavia*, *contudo*, *entretanto* e *no entanto* possuem um caráter de mobilidade, podendo ser empregados no início da oração ou após um dos seus termos. No caso de *pois*, quando empregado como conjunção coordenativa conclusiva, é sempre empregado após um termo da oração a que pertence, i.e., aparece em algum lugar dentro do predicado, nunca aparecendo em posição inicial com este valor semântico. Ainda sobre as coordenativas conclusivas, que incluem *logo*, *portanto* e *por conseguinte*, os autores afirmam que a posição destes itens pode variar, a depender do ritmo e da entoação na frase.

Ainda no grupo das conjunções, Cunha e Cintra (2008, p. 604) trazem a noção de “locução conjuntiva” (tratada por “perífrase” ou “construção perifrástica”, neste trabalho), que se refere às conjunções formadas por advérbios, preposições ou participípios combinados com a partícula *que*, como *desde que*, *antes que*, *já que*, *posto que*, *visto que* e *dado que*.

A partir destas definições e exemplos dados por Cunha e Cintra (2008), verificamos que os autores classificam todos os itens como pertencentes ao mesmo grupo, fazendo distinção apenas dos itens coordenativos e dos subordinativos, e, também, dos itens perifrásticos (*x + que*) dos itens não perifrásticos. No mais, para os autores, embora *mas* tenha um comportamento sintático distinto de *entretanto* e de demais itens adversativos com relação à posição na oração, por exemplo, ainda assim ambos são definidos como conjunções.

Bechara (2009), por sua vez, faz a ressalva de que alguns itens, mesmo classificados por alguns autores (CUNHA; CINTRA, 2008; ROCHA LIMA, 1972) como conjunções, não são, na realidade, pertencentes a este grupo. Segundo o autor:

“levada pelo aspecto de certa proximidade de equivalência semântica, **a tradição gramatical tem incluído entre as conjunções coordenativas certos advérbios que estabelecem relações interoracionais ou intertextuais.** É o caso de *pois, logo, portanto, entretanto, contudo, todavia, não obstante*. [...] **tais advérbios marcam relações textuais e não desempenham o papel conector das conjunções coordenativas,** apesar de alguns manterem com elas certas aproximações ou mesmo identidade semânticas” (BECHARA, 2009, p. 322, negrito nosso).

Em defesa deste posicionamento contrário ao de Cunha e Cintra (2008), o gramático usa o fato de que tais itens, por ele chamados de “unidades adverbiais”, coocorrem com jutores mais prototípicos, como a conjunção aditiva *e*, além de mostrar que esses advérbios também podem vir em qualquer posição dentro da oração em que se inserem, conforme ilustram os exemplos (04) e (05a), (05b) e (05c), retirados de Bechara (2009, p. 322-323):

- (04) Não foram ao mesmo cinema *e, portanto*, não se poderiam encontrar.
 (05) **a.** Eles não chegaram *nem todavia* deram certeza da presença.
b. Eles não chegaram *nem* deram, *todavia*, certeza da presença.
c. Eles não chegaram *nem* deram certeza da presença, *todavia*.

Em (04) e no conjunto de exemplos em (05), *portanto* e *todavia* são, para o autor, pertencentes ao grupo dos advérbios. Enquanto *e* e *nem* coordenam as orações – e, no caso de *e*, este poderia ser eliminado do enunciado e aí teríamos um caso de coordenação assindética –, cabe a *portanto* e *todavia* a função de marcar a relação semântica.

Contudo, ainda que se elenquem estas particularidades no grupo das conjunções, não fica claro o porquê de estes itens possuírem um estatuto híbrido: possuírem características típicas de advérbios e, ao mesmo tempo, serem empregados como juntivos nas orações.

Por sua vez, Neves (2011), sob a ótica funcionalista, chama estas “unidades adverbiais” que servem de conjunções, mas não o são propriamente, de **advérbios juntivos** que podem indicar contraste (*porém, contudo, entretanto, todavia* e *no entanto*) e conclusão (*portanto, por conseguinte, então*). Para a autora, estes itens

possuem um valor altamente anafórico, pois se referem a alguma porção da oração ou do sintagma anteriormente enunciado e ainda destaca que:

A gramática tradicional coloca esses advérbios como **conjunções coordenativas** (**adversativas** e **conclusivas**, respectivamente), admitindo, assim, orações **coordenadas sindéticas conclusivas**. Na verdade, são elementos em processos de gramaticalização. Nesse processo, está em estágio mais avançado o elemento conclusivo *logo*, que tem o comportamento próximo ao de uma conjunção coordenativa. (NEVES, 2011, p. 241, **negrito no original**)

Neves (2006) trata, ainda, das dimensões das unidades que os juntores articulam: para a autora, que se baseou em uma análise das conjunções por excelência *e*, *mas* e *ou*, os juntores podem vir a extrapolar a organização sintática de uma frase ao articular uma porção discursiva maior, como parágrafos. Para a autora, tais itens, quando realizam esse trabalho de conectar todo um discurso, possuem um altíssimo valor semântico-discursivo. Dessa forma, Neves (2006) mostra que há critérios pragmáticos e discursivos envolvendo os conectivos, não os restringindo unicamente aos critérios sintáticos e semânticos.

Também sobre a conexão discursiva, Blühdorn (2008) contempla, além dos juntores coordenativos e subordinativos, os juntores adverbiais. Assim como os advérbios, os conectivos adverbiais não têm posição fixa na oração; possuem, na verdade, posição variável, conforme o exemplo (06) a seguir, retirado do alemão, em que *so lange* (equivalente à conjunção conformativa *por enquanto* em português) aparece em posição final:

(06) Wir warten hier **so lange**. Ich meine, bis ihr mit dem Einkaufen fertig seid.²

Além do caráter de mobilidade dos conectivos adverbiais, o autor declara que:

²Nós vamos esperar aqui por enquanto. Quero dizer, até quando você tiver terminado as compras.

Adverbial connectives link their relata neither by government and embedding nor by linear sequence. Instead, they connect them semantically or, more precisely, by reference. The semantic representation of an adverbial connective contains a slot for a referent that cannot be identified on grounds of the information provided by the sentence in which the adverbial is a constituent. In order to identify that referent, the interpreter must look for the necessary information in the preceding or following context. Depending on where the required information is placed, we can distinguish between anaphoric (backward oriented) and cataphoric (forward oriented) adverbial connections.³ (BLÜHDORN, 2008, p. 09)

Para Blühdorn (2008), a conexão realizada pelos conectivos adverbiais ocorre por meio das relações referenciais, como a anáfora e a catáfora, o que mostra que esses conectivos operam muito além da sintaxe. Ao contrário dos conectivos de coordenação e de subordinação, altamente sintáticos, os conectivos adverbiais atuam, sobretudo, pelo meio semântico, o que nos permite perceber que são conectivos com forte potencial discursivo.

Castilho (2012, p. 343), assim como Neves (2011), defende que várias conjunções derivam de advérbios, via processos de gramaticalização. Para o autor, que diverge das definições de cunho tradicional, baseando-se em Ilari (2008), a função de conectar orações não cabe apenas às conjunções, mas também às preposições. Quanto às relações semânticas, o jutor, quando presente, é um sinalizador dos sentidos, pois participa da construção semântica expressa. Por outro lado, em orações em que não há um conectivo, como é o caso das orações assindéticas, também é possível depreender uma relação semântica expressa, mesmo na ausência do sinalizador (conectivo). Como exemplo, o autor cita a relação de causa, que pode ser expressa por um complemento interno à oração ou por verbos ou substantivos que indicam causalidade ou motivo.

Ainda na perspectiva funcionalista, Pezatti (2001) propõe, baseando-se na contraposição da conjunção conclusiva por excelência *logo* e do item adverbial *então*, estabelecer alguns parâmetros para auxiliar na definição da categoria conjunção. A autora conclui que uma conjunção prototípica possui as seguintes características:

³“Conectivos adverbiais não ligam as unidades por regência e encaixamento ou pela sequência linear. Ao invés disso, eles os conectam semanticamente ou, mais precisamente, por referência. A representação semântica de um conectivo adverbial contém uma lacuna para um referente que não pode ser identificado por meio das informações fornecidas pela sentença da qual o advérbio é constituinte. A fim de identificar esse referente, o intérprete deve procurar pela informação necessária no contexto anterior ou no seguinte. Dependendo de onde a informação requerida estiver inserida, nós podemos distinguir conexões adverbiais anafóricas (orientadas para trás) e catafóricas (orientadas para frente)”.

- **Não apresenta mobilidade no interior da sentença que inicia**
 (07) *O narciso é uma flor, logo pertence ao reino vegetal.*⁴
 (08) **O narciso é uma flor, pertence, logo, ao reino vegetal.*
- **Não pode ser precedido de outra conjunção, como a aditiva:**
 (09) *O narciso é uma flor, e logo pertence ao reino vegetal.*
- **Pode coordenar termos, como as demais conjunções coordenativas:**
 (10) *Você está sentindo a sua emoção, daí ser mais fidedigno, logo mais verdadeiro.*
- **Não aceita focalizadores, como advérbios de inclusão/exclusão, e clivagem:**
 (11) **O narciso é uma flor é logo que pertence ao reino vegetal*

Em síntese, a discussão acima mostra que as definições de cunho funcionalista vão além das definições propostas pela visão tradicional, no sentido de explicar que, no que diz respeito às conjunções, a generalização de que todos os itens juntivos são conjunções é falha, pois, como visto, muitos deles, ainda que usados para conectar orações, apresentam algumas características típicas dos advérbios.

Na subseção seguinte, relacionada a esta em que expomos todas as definições sobre a categoria conjunção, trataremos da articulação de orações.

1.2. Articulação de orações: a coordenação e a subordinação

Como exposto na subseção anterior, as conjunções, do ponto de vista tradicional (ROCHA LIMA, 1972, KURY, 1987, CUNHA; CINTRA, 2008; BECHARA, 2009), exercem a função de conectar orações e podem ser de dois tipos: as conjunções coordenativas e as subordinativas. Ao exercer essa função, teríamos, então, os seguintes processos estabelecidos: a **coordenação** e a **subordinação**. Esses processos levam à construção do **período composto**, formado por duas ou mais orações, que podem ser de três tipos básicos: **principal**, **coordenada** e **subordinada**.

Sobre estes três tipos distintos de articulação de orações, Cunha e Cintra (2008, p. 610) definem que a oração principal não exerce nenhuma função sintática sobre outra oração do período. À semelhança desta, a oração coordenada relaciona-se com outra oração, também coordenada, mas em sua integridade, ou seja, nunca é termo de outra oração e nem a ela se refere, justamente pela sua independência sintática. Por fim, a

⁴ Todos estes exemplos foram retirados de Pezatti (2001).

oração completiva, diferente das outras duas, uma vez que possui o caráter de integração, sempre desempenha uma função sintática em outra oração: pode funcionar como sujeito, complemento verbal ou nominal, predicativo, adjunto, aposto etc.

Bechara (2009, p. 462), contudo, reconhece que nada é cristalizado. Para o autor, as orações subordinadas, por ele chamadas de **orações complexas**, podem constituir um texto, quando independentes do ponto de vista sintático. Assim, uma oração como “A noite chegou” pode passar a uma camada inferior e, então, funcionar como membro sintático de outra unidade, como em “O caçador percebeu que *a noite chegou*.”. A este fenômeno de estruturação das camadas gramaticais, Bechara (2009) chama de **hipotaxe** ou **subordinação**.

Com relação à coordenação, que Bechara (2009, p. 476) chama de **parataxe**, o autor define as orações envolvidas neste processo sintático de articulação como “orações sintaticamente independentes entre si e que se podem combinar para formar grupos oracionais ou períodos compostos”. Por “oração independente” o autor entende as orações que possuem todos os termos sintáticos previstos. Assim, em “Mário lê muitos livros e aumenta sua cultura”, tanto a primeira como a segunda oração são independentes, pois possuem sujeito, predicado e complemento.

Além destes dois conceitos de articulação, Bechara (2009, p. 479) ainda traz um terceiro: a **justaposição** – ou **assindetismo**, como também intitula. Para o autor, as orações justapostas, ainda que não sejam encadeadas por unidades juntivas, são articuladas e se aproximam das orações coordenadas, pois também possuem independência sintática e estreito relacionamento semântico, estabelecendo, através de seu conteúdo, relações de causa-explicação, concessão, consequência, oposição e tempo.

Com base nas definições acima, as noções de dependência e independência, bem como a presença ou a falta de um conectivo entre orações, são os parâmetros adotados, tradicionalmente, para a formulação de conceitos sobre articulação sintática. Entretanto, como veremos a seguir, tais parâmetros, sob um ponto de vista funcionalista, são insuficientes para classificar orações complexas em três tipos básicos, da forma que a gramática normativa o faz.

Blühdorn (2008) defende que a coordenação e a subordinação não são dois processos dicotômicos; são, para o autor, dois processos estritamente sintáticos que, na realidade, fazem parte de um *continuum*. Enquanto a coordenação, chamada por Blühdorn (2008, p. 02) de **coordenação prototípica** (*prototypical coordination*), possui

elementos articulados de mesma natureza formal e funcional, e, por esse motivo, é um processo não hierárquico, a **subordinação prototípica**, diferentemente, teria seus elementos oriundos de natureza distinta sendo, portanto, um processo de ligação hierárquico, em que há um elemento dominador e o elemento dominado.

Do ponto de vista semântico, Blühdorn (2008) argumenta que, à semelhança da sintaxe, podem-se distinguir dois tipos de articulação: o **simétrico**, em que os constituintes da oração são equivalentes, e, em oposição, o **assimétrico**, em que não há equivalência semântica entre os elementos articulados.

Relacionando as relações sintáticas (coordenação e subordinação) e as relações semânticas (simetria e assimetria semântica), Blühdorn (2008) declara que:

“[...] the distinctions between syntactic coordination and subordination and semantic symmetry and asymmetry are independent of each other. Connections of syntactic units and the connections of the encoded conceptual entities can be either parallel or non-parallel in structure.⁵ (BLÜHDORN, 2008, p. 18)

Como visto, o autor defende que uma relação não depende da outra, isto é, é possível ter tanto casos de coordenação como de subordinação simétricos e assimétricos. Vejamos os exemplos (12) e (13), do alemão, dados por Blühdorn (2008):

- (12) Die Pinguine waren braun-gelb, **während** die Giraffen schwarz-weiß waren.⁶
 (13) Maria ging in die Bibliothek **und** sie bekam Hunger.⁷

Ambos os exemplos são sintaticamente coordenados. Contudo, a relação semântica expressa por eles é diferente: em (12), temos um caso de simetria. Se alterarmos a ordem das orações coordenativas (*The giraffes were black and white, while the penguins were yellow-brown.*), o sentido continuará o mesmo. Os elementos que

⁵ “[...] as distinções entre coordenação e subordinação sintática e simetria e assimetria semântica são independentes umas das outras. As conexões de unidades sintáticas e as conexões de entidades conceituais codificadas podem ser paralelas ou não paralelas em sua estrutura.”

⁶Os pinguins eram amarelo-marrons, enquanto as girafas eram pretas e brancas.

⁷Mary foi à biblioteca, e ela começou a sentir fome.

constituem a oração são, para este caso, equivalentes. Já em (13), temos um exemplo de oração coordenada assimétrica, em que os eventos são ordenados em uma sequência temporal que, se invertidos, provocariam uma alteração no sentido de causa-consequência estabelecido. A partir desses exemplos, Blühdorn (2008, p. 14) reforça que “syntactic coordination and semantic symmetry must be carefully distinguished. By no means can they be identified with each other.”⁸

No que tange à articulação de orações, Hopper e Traugott (2003), por sua vez, argumentam que todas as orações articuladas estão presas a um contexto específico, uma vez que são unidades dentro de uma atividade linguística. Todas as línguas, sem exceção, possuem itens encarregados de unir orações que, por sua vez, são chamadas pelos autores de **orações complexas**. Por orações complexas, os autores entendem que são as constituídas de uma ou mais orações e que possuem diferentes graus de dependência entre a oração matriz e as orações margens (*margins*). Dessa forma, diferentemente das gramáticas tradicionais que usam, como visto, do termo “período composto”, Hopper e Traugott (2003, p. 177) definem três tipos de orações complexas:

- I) **Paratáticas:** abrangem as orações coordenadas e justapostas da tradição gramatical. Não há encaixamento de uma oração em outra, o que resulta em uma relativa independência entre as orações. No caso das orações justapostas, a relação semântica estabelecida se dá somente por inferência pragmática, enquanto nas coordenadas o juntor participa da sinalização dos sentidos expressos.

- II) **Hipotáticas:** diferentemente das orações paratáticas, temos, no grupo das orações hipotáticas, uma interdependência entre a oração matriz e as margens. É o caso das orações adverbiais e das relativas apositivas da tradição gramatical.

- III) **Subordinação:** formadas pelas orações completivas e pelas relativas restritivas da tradição gramatical, há encaixamento (*embedding*) das orações. Nesse caso, a oração margem está incluída dentro da oração matriz.

O Quadro 01 a seguir ilustra a relação de cada um dos três tipos de orações complexas com dois traços: \pm dependência e \pm encaixamento:

⁸“A coordenação sintática e a simetria semântica devem ser cuidadosamente distinguidas. De maneira nenhuma elas podem ser identificadas entre si.”

Quadro 01. Relação de dependência e de encaixamento de orações (HOPPER; TRAUGOTT, 2003, p.178).

Parataxe	Hipotaxe	Subordinada
- dependente	+ dependente	+ dependente
- encaixada	- encaixada	+ encaixada

A proposta de Hopper e Traugott (2003), exposta acima, contribui para uma nova interpretação, menos engessada do que a dada pelas gramáticas tradicionais, para os processos de articulação de orações. Com base nestas definições de tipos diferentes de orações complexas, cujo parâmetro é o encaixamento - entendido como incorporação da oração margem dentro de um constituinte da oração matriz - e a (in)dependência entre a oração matriz e as orações margens, os autores propõem um *cline* onde, em uma extremidade, estariam as relações sintáticas menos dependentes, ou mais frouxas, e, portanto, menos gramaticalizadas. Na extremidade oposta, por conseguinte, estariam as relações marcadas por um entrelaçamento maior e mais complexo. As estruturas, nesta extremidade, estariam então mais gramaticalizadas. Assim, podemos entender que, quanto maior for o grau de encaixamento e dependência entre as orações, mais avançado estará o processo de gramaticalização. O esquema a seguir ilustra, através de um *cline*, proposto por Hopper e Traugott (2003), esta relação da articulação de orações com o processo de gramaticalização:

PARATAXE > HIPOTAXE > SUBORDINAÇÃO

Dessa forma, as orações paratáticas justapostas estão menos gramaticalizadas, ao passo que as orações subordinadas estariam em um nível mais avançado no processo de gramaticalização.

Hopper e Traugott (2003), apoiando-se em Givón (1990 *apud* HOPPER; TRAUGOTT, 2003, p. 178), afirmam que “the more overt and independent devices for signaling clause linkage [...] are correlated with minimal semantic-pragmatic integration, and the least overt [...] are correlated with maximal semantic-pragmatic

integration”.⁹ Ou seja, para os autores, há um paralelismo cognitivo entre forma e função: quanto maior a integração semântico-pragmática, maior a integração gramatical entre as orações, conforme o Quadro 02 a seguir:

Quadro 02. Propriedades relevantes do *cline* de combinação de orações (HOPPER; TRAUGOTT, 2003, p. 178)

Parataxe (independência)	Hipotaxe (interdependência)	Subordinação (dependência)
núcleo	_____	margem
integração mínima	_____	integração máxima
ligação explícita máxima	_____	ligação explícita mínima

Como visto, as definições acerca da articulação de orações dadas pela tradição gramatical são bastante limitadas. Baseando-nos em trabalhos descritivos sobre o assunto, sob um olhar funcional, pudemos avaliar que a articulação de orações envolve mais processos que vão além do parâmetro de dependência e independência sintática, como, por exemplo, o de encaixamento.

Na seção seguinte, trataremos do quadro teórico no qual este trabalho se baseia, além de apresentar trabalhos teóricos e empíricos acerca dos juntores em mudança.

⁹“Os dispositivos mais evidentes e independentes para a sinalização de enlace de cláusula [...] são correlacionados com a mínima integração semântica-pragmática, e os menos evidentes [...] são correlacionados com a máxima integração semântica-pragmática”.

GRAMATICALIZAÇÃO

Nesta seção, são expostos os pressupostos teóricos nos quais este trabalho se baseia. Em 2.1, traçaremos um breve percurso histórico para, em seguida, em 2.2., definir Gramaticalização, bem como os critérios que auxiliam a avaliar o grau de gramaticalidade dos itens investigados. Já na subseção 2.3, trataremos do princípio da unidirecionalidade, considerada uma forte tendência em gramaticalização. Em 2.4 e em 2.5., explicitamos os mecanismos que corroboram para a mudança – a metáfora e a metonímia, de natureza cognitiva e pragmática; e a analogia e a reanálise, de natureza morfossintática. Por fim, em 2.6, tratamos especificamente do processo de gramaticalização que atinge a classe dos juntores e suas tendências, mostradas com base em vários trabalhos empíricos.

2.1. Os precursores da GR

Sob uma perspectiva linguística de cunho funcionalista, é sabido que todas as línguas estão em constante dinamicidade graças ao uso, o que pode, conseqüentemente, resultar em mudança linguística. Os estudos acerca da mudança sofrida pelas línguas no decorrer do tempo não são recentes (cf. PAUL, 1920; SAPIR, 1921; COSERIU, 1958; TARALLO, 1985), da mesma forma que não são poucas as teorias, das mais diversas correntes, que buscam compreender e explicar a natureza da mudança linguística. Dentre essas pesquisas, no que se refere à mudança, destacam-se os estudos em Gramaticalização, considerado um dos processos mais comuns que se tem observado nas línguas em geral. A GR é definida como o “processo em que itens lexicais e construções sintáticas, em determinados contextos, passam a assumir funções gramaticais ou, se já gramaticalizados, continuam a desenvolver novas funções gramaticais” (HOPPER; TRAUGOTT, 2003, p. 01).

Apesar dos estudos em GR terem se intensificado e ganho maior destaque a partir da década de 1970, o interesse pelo desenvolvimento de categorias gramaticais não é recente, bem como algumas investigações e estudos, considerados por Heine et al. (1991) como os estudos iniciais passíveis de serem reconhecidos como os precursores da GR. Os primeiros datam do século X, com os chineses, que já reconheciam e diferenciavam os signos plenos dos signos vazios, afirmando que os segundos derivavam dos primeiros. Já mais recentemente, no século XVIII, filósofos franceses,

como Bonnot de Condillac, apontavam que tanto a complexidade gramatical como os lexemas abstratos derivavam historicamente de lexemas concretos (HEINE et al. 1991). Condillac, por exemplo, afirmava que palavras independentes originavam flexões e sufixos verbais.

Mais adiante, no século XIX, o inglês Horne Tooke argumentava que a língua é concreta em seu estado original e que itens abstratos derivam de itens concretos, afirmando que “nouns and verbs are called ‘necessary words’ [...], while other word classes, such as adverbs, prepositions and conjunctions, result from the abbreviation or ‘mutilation’ of ‘necessary words’”.¹⁰ (TOOKE, 1857 *apud* HEINE et al., 1991, p. 05). Já no século XIX, estudiosos como Franz Bopp, Wilhelm von Humboldt e George von der Gabelentz também tiveram grande importância nos estudos em GR. Gabelentz, por exemplo, segundo Hopper e Traugott (2003, p. 21), afirmava categoricamente que o processo de recriação de itens gramaticais está sempre presente nas línguas.

Embora haja essa diversidade de estudos precursores que trazem as noções mais básicas da GR, é atribuído a Antoine Meillet o reconhecimento da importância deste processo de mudança linguística tal como hoje conhecemos, além de ser, segundo Hopper e Traugott (2003), o primeiro a usar do termo *gramaticalização* para se referir a “a atribuição de um caráter gramatical a uma palavra anteriormente autônoma”¹¹, em seu artigo *L'évolution des formes grammaticales*, datado de 1912.

De acordo com Meillet, a criação de novas formas gramaticais se deve a dois mecanismos: à gramaticalização e à analogia, que, para o autor, são o princípio de toda mudança. Enquanto a gramaticalização transforma o sistema como um todo, a analogia, diferentemente, não afeta o plano geral do sistema. Segundo o autor, a analogia se encarrega de renovar as formas, ao passo que a gramaticalização de certas palavras cria novas formas e introduz categorias que não tinham expressão.

Ademais, Meillet traz duas noções extremamente importantes acerca do processo: **gradualidade** e **unidirecionalidade**. A primeira delas permite caracterizar a mudança como não abrupta, o que significa dizer que um item cujo estatuto é, inicialmente, autônomo passa por uma série de transições até chegar a um estatuto mais gramatical. Nesse sentido, podemos entender que, dado o caráter gradativo, é possível

¹⁰ “Nomes e verbos são chamados de “palavras necessárias”, enquanto outras classes de palavras, como os advérbios, as preposições e as conjunções, resultam da abreviação ou da ‘mutilação’ de ‘palavras necessárias’”.

¹¹ “l’attribution du caractère grammatical à un mot jadis autonome” (Meillet, 1948 [1912], p. 131 *apud* HOPPER; TRAUGOTT, 2003, p. 22)

nos depararmos com estágios de ambiguidade durante o processo. A unidirecionalidade, por sua vez, conforme veremos mais detalhadamente adiante, em 1.3, trata do ganho crescente de informação gramatical, como sugere o próprio nome *gramaticalização* (= fazer gramática): palavras lexicais servem de fonte para a criação das palavras acessórias e gramaticais, e não vice-versa.

Por fim, depois dos trabalhos de Meillet, os estudos em GR ganharam força novamente só a partir da década de 70 e o nome mais representativo é o de Talmy Givón (cf. HEINE, 2002). Com a máxima “A morfologia de hoje é a sintaxe de ontem”, o autor defende que os estágios anteriores de desenvolvimento de determinada língua são fundamentais para que se entenda sua estrutura. A sua maneira, Givón prefere *sintaticização* à gramaticalização, e a define, grosso modo, como um processo em que determinado item, partindo do discurso, pode sofrer, ao passar pelo processo de sintaticização, desgaste morfológico e até mesmo fonológico para, finalmente, chegar ao estágio zero.

Através desse breve percurso histórico acerca dos estudos em GR, é possível constatar que o interesse em estudar tal processo não é recente e, no decorrer dos anos, desde os que antecederam a constituição da Linguística como ciência e até mesmo após, grandes nomes preocuparam-se com as questões de criação e renovação de itens gramaticais nas línguas.

Na subseção a seguir, veremos, com base em trabalhos mais recentes (HEINE et al., 1991; HEINE, 2003; HOPPER; TRAUGOTT, 2003), uma definição mais detalhada da GR, e contemplaremos as perspectivas adotadas pelos estudiosos que a utilizam.

2.2. Definindo a gramaticalização: definições e perspectivas

Quanto à definição propriamente dita de gramaticalização, não há consenso entre os estudiosos. Como argumenta Braga (1999), nos casos em que os fenômenos de mudança podem ser analisados sob o olhar da gramaticalização, percebe-se que o processo sofreu alargamento e, atualmente, não inclui apenas formas linguísticas, mas também a emergência de construções gramaticais (cf. também HOPPER; TRAUGOTT, 2003).

Para defini-la, trabalhos mais recentes tratam a GR de duas formas distintas: pode ser entendida como um **processo** (HEINE et al., 1991; HOPPER; TRAUGOTT, 2003) ou, também, como **paradigma** (HEINE, 2003).

Enquanto processo, a GR é, entre tantos outros, um tipo de mudança linguística, que trata, principalmente, de itens e construções que gradualmente, no decorrer do tempo, se tornam mais gramaticais. Traugott e König (1991) declaram que:

“Grammaticalization refers primarily to the dynamic, unidirectional historical process whereby lexical items in the course of time acquire a new status as grammatical, morphosyntactic forms, and in the process come to code relations that either were not coded before or were coded differently.”¹² (TRAUGOTT; KÖNIG, 1991, p. 189)

Hopper e Traugott (2003, p. 22), por sua vez, definem gramaticalização como “the passage of an autonomous word to the role of grammatical element”¹³ (HOPPER; TRAUGOTT, 2003, p. 22). Como exemplo, os autores mencionam/exploram o verbo *go* do inglês, conforme os exemplos (14) e (15):

(14) Bill is going to college after all.¹⁴

(15) Bill’s gonna go to college after all.¹⁵

Em (14), *go* tem a função de verbo principal que indica deslocamento espacial. Diferentemente, em (15), *go* integra, com função de verbo auxiliar, a construção perifrástica (*go* auxiliar + verbo principal) para indicar futuridade. Vemos, então, que, do ponto de vista sintático, *go* se tornou mais gramatical ao passar de verbo principal a auxiliar, e, do ponto de vista semântico, houve mudança de sentido, através de processos metonímicos, explicitada pela trajetória ESPAÇO > TEMPO.

Como paradigma, Heine (2002) ressalta a importância da GR para explicar o surgimento de itens e formas gramaticais, reconstruindo a gênese e o desenvolvimento de tais elementos, além de avaliar o uso.

¹² “A gramaticalização se refere, sobretudo, ao processo histórico, dinâmico e unidirecional pelo qual itens lexicais, no decorrer do tempo, adquirem um novo estatuto de formas morfossintáticas e gramaticais, e durante o processo começam a codificar relações que ora não haviam sido codificadas antes, ora haviam sido codificadas de outra forma.”

¹³ “A passagem de uma palavra autónoma para o papel de elemento gramatical.”

¹⁴ Bill está indo para a faculdade afinal.

¹⁵ Bill irá para a faculdade afinal.

Além destas duas concepções, há duas perspectivas metodológicas que podem ser utilizadas pelo pesquisador ao investigar fenômenos de GR: a **diacrônica** e a **sincrônica**. Segundo Hopper e Traugott (2003):

Grammaticalization likewise has been studied from these two perspectives. The chief perspective is historical, investigating the sources of grammatical forms and the typical steps of change they undergo. From this perspective, grammaticalization is usually thought of as that subset of linguistic changes whereby a lexical item or construction in certain uses takes on grammatical characteristics, or through which a grammatical item becomes more grammatical. The other perspective is more synchronic, seeing grammaticalization as primarily a syntactic, discourse pragmatic phenomenon, to be studied from the point of view of fluid patterns of language use.¹⁶ (HOPPER; TRAUGOTT, 2003, p. 02)

A abordagem diacrônica, portanto, investiga o processo de mudança sofrido por algum item ou construção ao longo do tempo, ao passo que cabe à abordagem sincrônica estudar os diferentes padrões de uso de um determinado item, em um dado recorte temporal. Além deste panorama, alguns autores, como Hopper e Traugott (2003) e Heine et al. (1991), trazem à luz a noção de **pancronicidade**, que, a grosso modo, é a união das duas primeiras perspectivas que, juntas, captam propriedades complementares para o processo.

Neste trabalho em especial, conjugamos as duas perspectivas metodológicas: em um primeiro momento, analisamos qualitativamente os dados de cada sincronia estabelecida para, em seguida, observarmos sob um viés longitudinal, com base no modelo de contextos de Heine (2002), o desenvolvimento de cada padrão de uso com base nos critérios semânticos e morfossintáticos dos itens analisados.

Dados os conceitos de processo e paradigma e de diacronia e sincronia, este trabalho se aproxima de ambas as noções de GR, para investigar, sob um ponto de vista

¹⁶ Da mesma forma, a gramaticalização tem sido estudada a partir dessas duas perspectivas. A perspectiva principal é histórica, investiga as origens das formas gramaticais e as etapas típicas de mudança pelas quais elas passam. A partir dessa perspectiva, a gramaticalização é pensada, geralmente, como aquele subconjunto de mudanças linguísticas pelo qual um item lexical, ou construção em determinados usos, assume características gramaticais, ou através do qual um item gramatical se torna mais gramatical. A outra perspectiva é a sincrônica, e vê a gramaticalização principalmente como um fenômeno sintático e discursivo-pragmático, a ser estudado pelo ponto de vista de padrões fluidos do uso da língua.

pancrônico, as mudanças morfossintáticas e, sobretudo, as mudanças semânticas, sofridas pelos itens derivados de *tanto*, em um recorte temporal que abrange textos dos séculos XVIII e XIX.

Heine (2002) e Heine e Kuteva (2007) afirmam que a GR pressupõe um conjunto de quatro alterações que estão correlacionadas. Tais mudanças são sintetizadas e definidas em quatro mecanismos, a saber:

- a. **extensão:** também chamada de generalização contextual, se refere à expansão dos usos em novos contextos. Para os autores, o uso em novos contextos dispara inferência de novos significados que, com o tempo, podem vir a ser convencionalizados.
- b. **dessemantização:** trata da alteração de significado sofrida e está relacionada, como dito em (a), à extensão contextual: enquanto, por um lado, há perda de traços de significado por conta da incompatibilidade com o novo contexto, de outro, há o ganho de novos significados, compatíveis com o novo contexto. Por um percurso dito metafórico, como veremos mais adiante, conceitos do domínio físico tendem a ser usados para expressar conceitos do domínio mental, por meio de um percurso que parte do concreto e segue para o abstrato, sob uma perspectiva semântica.
- c. **descategorização:** se refere à perda e/ou ganho de propriedades morfossintáticas. O item perde traços da forma fonte, que não são profícuos para a forma nova, e ganha traços da forma alvo, para a constituição da nova categoria. Como exemplo, os itens fonte do tipo nominal tendem a perder a propriedade de flexão, a de receber modificadores e a da liberdade sintática.
- d. **erosão:** os tipos mais comuns são fonéticos – perda de segmentos, sílabas, propriedades segmentais – e, também em alguns casos, são reconhecidas como perdas morfológicas. Ao contrário dos três primeiros, a erosão não é determinante para a GR, mas pode ocorrer em vários casos.

Heine (2002) elabora um *modelo de contextos*, que capta o gatilho da mudança sofrida por determinado item, bem como os estágios de polissemia percorridos, até que se chegue à convencionalização, que é uma possibilidade, não uma necessidade. Para o

autor, a GR requer contextos apropriados para ocorrer, o que leva ao aumento do número de contextos em que o item é usado, aumentando, conseqüentemente, a frequência de uso de determinado item/construção, fazendo com que a mudança ocorra.

De acordo com Heine (2002), partindo de um estágio inicial, o item, então, passaria sucessivamente por três tipos de contextos distintos, que podem descrever o desenvolvimento de novos itens gramaticais: contexto *bridging*, contexto *switch* e convencionalização.

O contexto *bridging* é, segundo o autor, ponte para a mudança, uma vez que, através da inferência, há uma nova interpretação para o item, diferente do significado fonte. Há, portanto, uma ambigüidade, induzida pragmaticamente, para a interpretação do item.

No contexto *switch*, o significado alvo fica em evidência, ao passo que o significado fonte é passado para segundo plano. Dessa forma, a leitura mais abstrata já começa a fazer parte do item, não sendo apenas uma inferência. Há, contudo, uma característica importante neste estágio: o significado ainda precisa ser sustentado pelo contexto que lhe deu origem, já que, embora haja perdas e ganhos, ainda são preservados traços da forma fonte.

Quando o contexto se torna dispensável e o significado alvo passa a se sustentar por si só, ocorre a chamada convencionalização. O significado alvo passa, finalmente, a fazer parte do item, ou seja, torna-se parte de sua polissemia. Isso faz com que o elemento possa ser usado em novos contextos, inclusive podendo coocorrer com seu significado fonte. A fim de ilustração, o Quadro 03 a seguir reúne sistematicamente os três tipos de contextos acima mencionados:

Quadro 3. Modelo de contextos proposto por Heine (2002, p. 86)

Estágio	Contexto	Significado resultante
I. Estágio inicial	Não restrito, natural	Significado fonte
II. Contexto <i>bridging</i>	Um contexto específico dá lugar a uma inferência em favor de um novo significado	Significado alvo em primeiro plano (<i>foregrounded</i>)
III. Contexto <i>switch</i>	Um novo contexto é incompatível com o significado fonte	Significado fonte em segundo plano (<i>backgrounded</i>)
IV. Convencionalização	O significado alvo não necessita ser sustentado pelo contexto que deu origem a ele, podendo ser usado em novos contextos.	Significado alvo é o único possível

Expostos os quatro parâmetros, Heine e Kuteva (1997) argumentam que o que garante a singularidade do processo da GR é a interação entre eles. Deste modo, a GR se torna uma ferramenta que ajuda a descrever e explicar o surgimento de itens e construções que, outrora, eram de outra natureza, mas que, dada a fluidez inerente às línguas, ao uso e aos mecanismos cognitivos e pragmáticos atuantes, passaram a ter novas formas e significados.

2.3. O princípio da unidirecionalidade

Meillet (1912) já defendia que a GR seguia um caminho único: palavras acessórias, como as conjunções, por exemplo, podem se originar a partir de palavras principais, como nomes e advérbios; o contrário, porém, não é possível. Trabalhos mais recentes, como Hopper e Traugott (2003), Heine et al. (1991), Neves (1997), também defendem que há um caminho fundamental para o processo: o princípio da *unidirecionalidade*. Nas palavras de Neves (1997, p. 121), “a unidirecionalidade da gramaticalização é tida como uma característica básica do processo, partindo-se do princípio de que uma mudança que se dá numa direção específica não pode ser revertida”.

Hopper e Traugott (2003), sobre a unidirecionalidade, declaram que:

“Given the theory of unidirectionality, it can be hypothesized that diachronically all minor categories have their origins in major categories. Finally, they recognize that unidirectionality is a strong hypothesis. The evidence is overwhelming that a vast number of known instances of the development of grammatical structures involved the development of a lexical item or phrase through discourse use into a grammatical item, and then into an even more grammatical item, and that these changes were accompanied by decategorialization from a major to a minor category. Counterexamples are few. All are of a specific type: more grammatical items become less so.”¹⁷ (HOPPER; TRAUOGOTT, 2003, p.136)

¹⁷“Considerando a teoria da unidirecionalidade, é possível trabalhar com a hipótese de que, diacronicamente, todas as categorias menores têm sua origem em categorias maiores. Finalmente, eles reconhecem que a unidirecionalidade é uma hipótese sólida. Há uma evidência avassaladora de que um vasto número de conhecidas instâncias do desenvolvimento de estruturas gramaticais envolveram o desenvolvimento de um item ou frase lexical por meio do uso discursivo em um item gramatical, e depois em um item ainda mais gramatical, e que essas mudanças foram acompanhadas pela descategorização de

Como observado por Hopper e Traugott (2003), há uma unidirecionalidade no que se refere à abstratização de significado: itens mais concretos são utilizados como itens cujos sentidos se tornam mais abstratos. Quanto à forma, há sempre ganho de gramática: a passagem é sempre do [+ lexical] > [+ gramatical] ou do [- gramatical] > [+ gramatical], e não ao contrário, uma vez que os casos em que a trajetória é inversa não são suficientes para que se refute a afirmação clássica.

Ademais, alguns autores, como Hopper e Traugott (2003) e Heine et al. (1991), também sustentam a noção de *cline*, importante para que se alcance uma representação da noção de unidirecionalidade. Hopper e Traugott (2003) definem que:

“The term *cline* is a metaphor for the empirical observation that cross-linguistically forms tend to undergo the same kinds of changes or have similar sets of relationships, in similar orders.”¹⁸ (HOPPER e TRAUGOTT, 2003, p. 6)

Para os autores, o *cline* é uma espécie de linha imaginária em que se organizariam os itens, tendo, de um lado, os itens lexicais, ao passo que do lado oposto estariam os itens gramaticais. De um ponto de vista sincrônico, o *cline* permite a distribuição dos itens ou construções de um modo que possamos observar as fronteiras fluidas, tanto de ponto de vista da forma quanto do da função. Por outro lado, sob uma perspectiva diacrônica, o *cline* mostraria o caminho percorrido pelos itens em mudança, sugerindo as relações de derivação entre os padrões de um item/construção.

Como exemplo, Hopper e Traugott (2003) elaboram o seguinte *cline de gramaticalidade*, conforme exposto a seguir:

item de conteúdo > palavra gramatical > clítico > afixo flexional

uma categoria maior para uma categoria menor. Há poucos contraexemplos. Todos são de um tipo específico: itens mais gramaticais tornam-se menos gramaticais”.

¹⁸ “O termo *cline* é uma metáfora da observação empírica de que translinguisticamente as formas tendem a sofrer os mesmos tipos de mudança, ou têm conjuntos de relações similares, em ordens semelhantes.”

Com base no *cline* acima, é possível entender que, pelo princípio da unidirecionalidade, um clítico, por exemplo, não derivaria de um afixo flexional, uma vez que a ordem de mudança é sempre da esquerda para a direita. Ademais, segundo Heine et al. (1991), é importante que não se conceba o *cline* como sinônimo de sequência, pois, em se tratando de variação e mudança linguística, é comum que haja estágios de sobreposição entre o item originado e o item fonte. Além disso, nem sempre o item passaria de categoria em categoria ou chegaria a percorrer o *cline* por inteiro, ou seja, o processo pode ser interrompido em uma categoria intermediária.

Embora grande parte dos autores ressalte a importância de que as formas, em processo de gramaticalização, tendem a seguir um caminho direcional de mudança (HOPPER; TRAUGOTT, 2003, p. 07), faz-se necessário dizer que a unidirecionalidade é uma forte tendência na GR, porém não é um princípio indiscutível. Segundo Martelotta (2010, p. 142), não há, nos contraexemplos que fogem ao princípio da unidirecionalidade, “reversão do processo de gramaticalização, e sim a atuação de processos diferentes”.

Dada a unidirecionalidade como forte tendência nos estudos em GR, a passagem de um estágio para outro é motivada por alguns mecanismos, os quais serão expostos na subseção a seguir.

2.4. Mecanismos de mudança cognitivos e pragmáticos

2.4.1. Metáfora

A metáfora é considerada por muitos autores (SWEETSER, 1988, HEINE et al., 1991, HEINE, 2002, HOPPER; TRAUGOTT, 2003, TRAUGOTT e DASHER, 2002) como o principal mecanismo motivador de mudança semântica. Como definição, Heine et al. (1991) a distinguem do conceito metafórico tradicional já conhecido – a metáfora como figura de linguagem – justamente porque esta é pragmaticamente motivada e totalmente voltada para a gramática. Assim, a metáfora, como mecanismo de mudança, pode ser entendida como processo de transferência de sentidos: itens mais concretos são utilizados para se referir a itens mais abstratos, ou, nas palavras de Heine et al. (1991, p. 48), “to express more “abstract” functions, concrete entities are recruited.”¹⁹

¹⁹ para expressar funções mais abstratas, entidades concretas são recrutadas.

Esse processo de transferência metafórica, no domínio da GR, refere-se à projeção de um significado em termos de outro. Em outros dizeres, a metáfora impulsiona o entendimento da noção de tempo a partir de espaço, ou a de contraste a partir da noção de tempo, por exemplo. Assim, a metáfora,²⁰ sob a perspectiva da mudança, estaria associada, então, à dessemantização, que envolve a abstratização de significados, o que implica a perda de significados da forma fonte e o ganho de significados da forma alvo.

Sob essa definição, portanto, é através do processo metafórico que formas já existentes são introduzidas em novos contextos, por meio da extensão de significados, fazendo com que os falantes materializem linguisticamente os conceitos, conforme suas experiências de mundo.

A partir da investigação de um grande número de fenômenos que envolviam a GR, Heine et al. (1991) sugerem a sistematização do seguinte *cline* para representar o processo de transferência metafórica, conforme o esquema a seguir:

pessoa > objeto > processo > espaço > tempo > qualidade

Para os autores, é possível descrever o processo de desenvolvimento gramatical através destas categorias expostas acima, em que cada um desses elementos é responsável por organizar cognitivamente e prototipicamente as experiências humanas, e estão distribuídas em um grau de abstração crescente, que começa na extremidade esquerda até a extremidade direita, e que vão de domínios menos abstratos para domínios mais abstratos que, diferentemente do primeiro, são mais difíceis de expressar. A categoria *qualidade*, por exemplo, é, de acordo com o *cline*, a categoria mais abstrata, pois abrange as relações semânticas de causa, condição, contraste, conclusão etc., e são originadas pelas categorias anteriores.

Para os conectivos, Heine et al. (1991) propõem um *cline* de gramaticalização, que parte da relação espacial até chegar ao domínio do discurso ou texto, conforme:

²⁰ Muitos teóricos em GR trazem a noção de “metáfora categorial” (HEINE et al, 1991) que, segundo os teóricos, lida com grandes categorias semântico-cognitivas.

ESPAÇO > (TEMPO) > TEXTO

De acordo com a escala, itens mais concretos que denotam as relações semântico-cognitivas de espaço e de tempo colaboram para o desenvolvimento de itens que irão atuar no domínio do texto. Longhin-Thomazi (2006) ilustra essa relação de derivação com o caso de *logo*, cujo valor inicial, datado do século XVI, era o temporal e que, no decorrer dos tempos e em determinados contextos de uso, adquiriu o valor conclusivo, além de mostrar que no período arcaico do português coexistiam os valores espacial e temporal.

Apesar de a metáfora ser definida como o principal mecanismo do processo de GR, como exposto anteriormente, não é somente ela que contribui para que a transferência de significados ocorra, porque a metáfora, por si só, não é suficiente para explicar o comportamento gramatical no processo de mudança. Por outro lado, temos também outro mecanismo, cuja motivação é de caráter pragmático, que envolve a reinterpretação induzida pelo contexto. Este outro mecanismo, chamado de *metonímia* será abordado na subseção a seguir.

2.4.2. Metonímia

De acordo com Gonçalves et al. (2007), o *continuum* de gramaticalização sugere também uma estruturação de natureza metonímica. Heine et al. (1991, p. 61), apoiando-se em Taylor (1989), definem este segundo mecanismo como “a figure of speech whereby the name of an entity is used to refer to another entity that is contiguous in some way to the former entity.”²¹

Em outras palavras, o termo *metonímia* é usado para caracterizar determinados aspectos da transferência semântica, tal como a metáfora, mas, diferentemente desta, aquela ocorre por meio de uma relação de contiguidade, apontando para relações no contexto e, também, operando entre constituintes morfossintaticamente independentes. A esse mecanismo que tem total relação com o contexto em que determinado item ou construção é empregado, Heine et al. (1991) chamam de *reinterpretação induzida pelo contexto* e definem os seguintes estágios presentes, apresentados no Quadro 04 a seguir.

²¹ “Figura de linguagem por meio da qual o nome de uma entidade é usado para se referir a outra entidade que é contígua de alguma maneira à primeira forma”.

É importante ressaltar que essa proposta é anterior e base para a proposta de modelos de contexto proposto por Heine (2002), exposta anteriormente, que reúne sistematicamente os três tipos de contextos – *bridging*, *switch* e convencionalização. Vejamos:

Quadro 4. Etapas do processo de reinterpretação induzida pelo contexto (HEINE et al., 1991, p. 71-72)

Estágio I	Em acréscimo a seu sentido central A, uma forma linguística F adquire um sentido adicional B, quando empregada em um contexto específico C, podendo resultar em ambiguidade semântica, já que ambos os sentidos A e B podem estar implicados em C (este é o momento propício para a mudança). Se esse é o caso, a situação comunicativa certamente pode ajudar a decidir por um ou outro sentido. Mais interessante, porém, é a possibilidade de o falante pretender comunicar A e o ouvinte interpretar como B.
Estágio II	A existência do sentido B torna possível que a forma relevante seja usada em novos contextos que são compatíveis com B, mas que ainda permanecem regidos pelo sentido A.
Estágio III	B é convencionalizado, podendo formar um foco secundário caracterizado por propriedades que contêm elementos não compartilhados por A.

Sendo assim, um item, em um contexto específico, adquire um novo sentido, diferente de seu sentido original, e este segundo sentido torna-se gradualmente convencionalizado ao item. Para Heine et al (1991), essa reinterpretação é motivada cognitivamente e pragmaticamente, uma vez que o surgimento de novos sentidos que podem se sobrepor ao sentido original estão sujeitos a fatores contextuais e a interpretações do discurso.

Segundo Heine et al. (1991, p. 74), a metáfora e a metonímia, no processo de gramaticalização, acabam por captar aspectos complementares do processo de mudança. A estrutura a seguir ilustra a coocorrência dos dois mecanismos em questão:

A ➡ A,B ➡ B

Heine et al. (1991, p. 75), citando Traugott e König (1991), exemplificam a coexistência dos dois mecanismos de natureza cognitiva e pragmática por meio da mudança de *since*, do inglês, que, inicialmente temporal também passou a apresentar,

em certos contextos, um valor causal, até que, finalmente, teve o valor de causalidade convencionalizado, tal como no inglês moderno. Vejamos os exemplos extraídos da obra dos autores:

(16) I have done quite a bit of writing *since* we last met.²²

(17) *Since* Susan left him, John has been very miserable.²³

(18) *Since* you are not coming with me, I will have to go alone.²⁴

Em (16), *since* estabelece a relação temporal para a realização da atividade cumprida pelo escrevente: a ação de escrever começa em um determinado período de tempo que tem início com o último encontro do escrevente. No exemplo (17), há uma ambiguidade: o mesmo conectivo pode ser interpretado como temporal ou como causal. Em uma leitura temporal, temos que, a partir do momento que Susan o deixa, John se torna um miserável. Já uma leitura causal é possível se entendermos que o fato de Susan deixar John é a causa para ele se tornar miserável. Já em (18), a leitura temporal já não é mais possível, e *since*, nesse caso, apresenta a causa para o escrevente ter de ir sozinho. Sendo assim, a passagem TEMPO > CAUSA acontece sob um processo metafórico, ao passo que o estágio intermediário é representante de um processo metonímico, já que é a partir de um determinado contexto que o sentido causal emerge.

Gonçalves et al. (2007) sintetizam os principais pontos que diferenciam o mecanismo metafórico do mecanismo metonímico, abordando as atuações de cada um, conforme o Quadro 05 a seguir:

Quadro 5. Diferenças entre a atuação da metáfora e da metonímia (GONÇALVES et al., 2007, p.49)

Metonímia	Metáfora
Opera no eixo sintagmático	Opera no eixo paradigmático
Opera na inter-relação sintática dos constituintes	Opera na inter-relação de domínios conceptuais
Opera por reanálise (abdução)	Opera por analogia
Envolve implicaturas conversacionais	Envolve implicaturas convencionais

²² Eu escrevi um pouco desde a última vez que nos encontramos.

²³ Desde que Susan o deixou, John tem estado muito infeliz.

²⁴ Já que você não virá comigo, eu terei que ir sozinha.

Em suma, a metáfora e a metonímia não são mecanismos que se excluem; ao contrário, são “complementary, not mutually exclusive, processes at the pragmatic level that result from the dual mechanisms of reanalysis linked with the cognitive process of metonymy, and analogy linked to the cognitive process of metaphor”²⁵ (HOPPER; TRAUGOTT, 2003, p. 40). Para Hopper e Traugott (2003), que partilham do que é proposto por Heine et al. (1991) acerca dos mecanismos de mudança de natureza cognitiva e pragmática, há, ainda, dois mecanismos, de natureza distinta: a reanálise e a analogia, que serão abordados na subseção seguinte.

2.5. Mecanismos de mudança morfossintática

2.5.1. Reanálise

Como já mencionado, Hopper e Traugott (2003) defendem que o processo de mudança por GR também envolve mudanças morfossintáticas, além das alterações semânticas e, assim como estas, aquelas também tendem a seguir uma direção previsível. Os mecanismos que envolvem tais alterações morfossintáticas são chamados de reanálise e analogia.

A primeira delas, de acordo com Hopper e Traugott (2003), envolve a criação de novas formas gramaticais, que passam a integrar novas classes gramaticais. Langacker (1977 *apud* HOPPER; TRAUGOTT, 2003, p. 51) definiu a reanálise como “[the] change in the structure of an expression or class of expressions that does not involve any immediate or intrinsic modification of its surface manifestation”.²⁶

Em seus estudos sobre GR, Meillet (1948 [1912]) equiparava a reanálise como sinônimo de gramaticalização. Heine (2003), por sua vez, argumenta que essa interpretação dos dois conceitos como único se dá, pois todo processo de gramaticalização envolve a reanálise; contudo, nem todo caso de reanálise envolve a gramaticalização.

Conforme apontam Hopper e Traugott (2003), o tipo mais comum de reanálise é a combinação de dois ou mais itens em um, formando uma única palavra, a *fusão*. Os juntores analisados neste trabalho – *portanto*, *entretanto*, *no entanto* e *contanto que* –

²⁵“Processos complementares de nível pragmático, que não se excluem mutuamente, que resultam dos mecanismos duais de reanálise, ligados ao processo cognitivo de metonímia, e a analogia, ligados ao processo cognitivo da metáfora.”

²⁶“A mudança na estrutura de uma expressão, ou classe de expressões, que não envolve nenhuma modificação imediata ou intrínseca de sua manifestação superficial.”

são exemplos claros de reanálise, uma vez que combinam preposições (*por, entre, em e com*) com o advérbio pronominal *tanto*, dando origem a itens que, convencionalmente, chamamos de conjunções.

2.5.2. Analogia

Meillet (1948 [1912]), segundo Hopper e Traugott (2003), declarava que a analogia é um processo em que irregularidades gramaticais eram, ao fim, regularizadas, conforme mostra a seguinte equação do tipo:

$$A:B :: C:D$$

Em B, partindo de uma forma A, teríamos uma regularidade prevista pela gramática e, em D, a forma irregular que surge pelo mecanismo de analogia. Para ilustrar o processo de forma mais concreta, Hopper e Traugott (2003, p. 64) oferecem o seguinte exemplo:

$$\begin{aligned} & \textit{cat: cats} :: \textit{child: X} \\ & X = \textit{childs} \text{ (não } \textit{children}) \end{aligned}$$

Dessa forma, a partir da reanálise temos o desenvolvimento de novas formas através de formas antigas; já a analogia, por sua vez, diz respeito à atração de formas existentes a construções também já existentes (HOPPER; TRAUGOTT, 2003).

Do mesmo modo que metáfora e metonímia são mecanismos que co-atuam no processo de mudança, reanálise e analogia também não são mecanismos excludentes: ambas são atuantes tanto na mudança categorial quanto na mudança semântica que acompanha o processo. Segundo Hopper e Traugott (2003), enquanto a reanálise envolve uma reorganização linear e sintagmática e uma mudança na regra, que não é diretamente observável, a analogia, por outro lado, envolve uma organização paradigmática, uma mudança na colocação superficial e nos padrões de uso. A analogia, portanto, torna possível observar as mudanças que antes, pela reanálise, não eram observáveis.

Com o intuito de mostrar a atuação tanto da reanálise quanto da analogia no processo, Hopper e Traugott (2003) ilustram a gramaticalização do auxiliar *be going to*, do inglês. Vejamos a Figura 01:

Figura 1. Desenvolvimento de *be going to*, proposto por Hopper e Traugott (2003, p. 69)

				Eixo sintagmático
				Mecanismo: reanálise
Estágio I	be PROGRESSIVO	going v. direcional	[to visit Bill] [oração de finalidade]	
Estágio II	[be going to] TEMPO (por reanálise)	visit v. de ação	Bill	
Estágio III	[be going to] TEMPO (por analogia)	like v.	Bill	
Estágio IV	[gonna] like/visit Bill (por reanálise)			
				Eixo paradigmático
				Mecanismo: analogia

Conforme a figura, no primeiro estágio *be going* é um verbo, cuja relação de sentido estabelecida é a de movimento. No estágio II, a construção *be going to*, através do mecanismo de reanálise, passa a funcionar como um verbo auxiliar, exprimindo a relação temporal de futuridade ao escopar um verbo de ação. No terceiro estágio, via analogia, permanece a função de auxiliar de futuro, porém, nessa etapa, passa a ser empregado com outros tipos verbais. Por fim, no quarto, pelo mecanismo de reanálise, o auxiliar de futuro passa a ser um morfema, na forma *gonna*.

Como os exemplos sugerem, tanto a reanálise como a analogia desempenham um papel importante no processo de GR.

2.6. Juntões em mudança por GR: trabalhos recentes

Como já dito no início desta seção, foi a partir da década de 1970 que os estudos em GR se intensificaram, muito embora o interesse pelo surgimento de novas formas gramaticais a partir de formas já usuais seja muito anterior. Nesta subseção, resenhamos

alguns trabalhos que tratam do fenômeno da GR no domínio dos juntores. Em um primeiro momento, avaliamos a contribuição de Sweetser (1988) e de Kortmann (1997), teóricos que se propõem a investigar e postular hipóteses e modelos de investigação para casos de variação e mudança linguística. Em seguida, abordamos alguns trabalhos de natureza empírica que se propõem a investigar casos de mudança linguística por GR em conectivos do português.

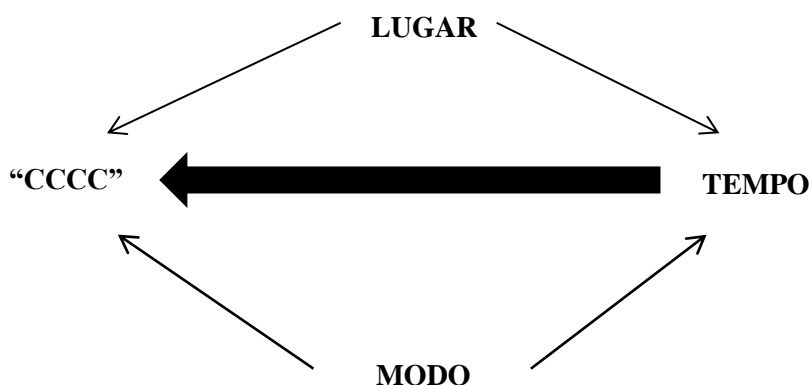
2.6.1. Trabalhos teóricos na literatura – a contribuição de Kortmann (1997)

Dentre alguns teóricos que se preocupam com a mudança no paradigma dos juntores (cf. SWEETSER, 1988, 1991; TRAUGOTT, 1982, 1999; TRAUGOTT; KÖNIG, 1991), Sweetser (1988) lida com itens lexicais que, em processos de mudança, sofrem apagamento semântico e passam a ser usados como itens cuja função é diferente da função da forma original. Tratando de casos do inglês e também de outras línguas como o italiano, Sweetser (1988) mostra que itens que inicialmente denotavam um sentido espacial são, atualmente, usados em um sentido mais abstrato. A autora trata dos juntivos *anyway* e *tuttavia*: para ela, ambos, em sua etimologia, significavam *todo caminho*, mas, por processos de mudança semântica, adquiriram uma função mais pragmática: *anyway* e *tuttavia* passaram a significar o equivalente a *de qualquer modo*, *entretanto*, *contudo*.

O trabalho de Kortmann (1997), por sua vez, é de extrema importância, sobretudo para este trabalho, no que diz respeito às derivações das relações semânticas em processo de mudança. O autor, com base em um estudo tipológico sobre o processo de gramaticalização de juntores de natureza adverbial em línguas europeias, parte da ideia de que algumas relações de sentido derivam de outras – ideia esta que conduz toda a análise feita sobre os itens estudados. Sendo assim, o autor agrupou as relações semânticas em quatro grandes macrossistemas: (i) “CCCC” (contraste, condição, causa, concessão); (ii) **TEMPO** (simultaneidade, anterioridade, posterioridade etc.); (iii) **MODO** (meio, comparação, modo, instrumento etc.) e (iv) **ESPAÇO** (espaço, lugar, preferência etc.).

Segundo o autor, a mudança semântica é sempre *direcional*, no sentido de que a trajetória dessa transformação é condicionada pelas relações polissêmicas entre os sistemas semânticos. Essa trajetória é esboçada pela Figura 02 a seguir, proposta por Kortmann (1997, p. 178):

Figura 2. A macroestrutura semântica das relações intersentenciais (KORTMANN, 1997)



Como se vê, as relações temporais podem surgir pelas relações de lugar e modo, mas não o inverso. Além disso, “Tempo”, “Modo” e “Espaço” podem servir para a formação do canal “CCCC”, o que nos permite entender que estas relações são originadas de várias fontes, mas, principalmente, das relações temporais, uma vez que a seta, que ilustra essa derivação, possui uma espessura mais larga do que as demais. Tal afirmação acaba sendo corroborada pelos resultados obtidos neste trabalho, conforme veremos mais adiante, em que a relação semântica TEMPO é bastante produtiva na emergência de novos sentidos, em diferentes usos.

Ademais, pelo esquema, também é possível verificar que a mudança semântica tende a seguir um percurso *concreto > abstrato*, uma vez que conceitos físicos (TEMPO, ESPAÇO), são usados, metaforicamente, para expressar conceitos mentais (CAUSA, CONTRASTE, CONDIÇÃO, por exemplo). A proposta de Kortmann (1997) vai ao encontro do que Heine et al. (1991) propuseram com a escala ESPAÇO > (TEMPO) > TEXTO, a respeito dos itens conectivos em mudança, mostrada anteriormente, com base na escala de abstratização das categorias cognitivas básicas.

Além das mudanças semânticas, Kortmann (1997) também reconhece que os conectivos são, do ponto de vista morfossintático, bastante heterogêneos, no sentido de que nem todos os itens chamados de “juntores” possuem o mesmo estatuto, dada a sua natureza de origem. Assim, com base nos resultados obtidos no referido estudo tipológico, o autor propõe alguns parâmetros para auxiliar na avaliação da prototipicidade de juntores, tanto perifrásticos como não perifrásticos. É com base

nesses parâmetros que podemos avaliar se determinados conectivos estão mais próximos de um estatuto mais adverbial ou de um estatuto mais conjuncional.

No caso dos jutores não-perifrásticos, Kortmann (1997) estabelece que, para serem classificados como jutores prototípicos, eles: (i) devem ter ordem inflexível na oração a qual eles pertencem, o que significa que a posição variável na oração é característica de jutores menos prototípicos; (ii) não devem apresentar flexão e (iii) não devem exercer função sintática. Os jutores perifrásticos, por sua vez, devem apresentar os seguintes traços: (i) perda de propriedades morfológicas e semânticas; (ii) fusão mínima, i.e., não deve haver material interveniente entre os itens envolvidos; e (iii) condição de não-composicionalidade, ou seja, a perífrase deve ter pelo menos uma interpretação que não seja totalmente recuperável através dos significados das partes que a compõe.

2.6.2. Trabalhos empíricos

Em trabalhos de natureza empírica, no caso do português, Barreto (1999), em um recorte temporal que abrange desde o século XIII até o século XX, analisa um total de 136 itens conjuntivos tanto do português brasileiro quanto do português europeu. Em sua análise, a autora destaca as mudanças sintático-semânticas das conjunções, de acordo com suas semelhanças, sob um viés qualitativo. A contribuição de Barreto (1999) para os estudos em GR de jutores está principalmente no fato, evidenciado pela autora, de que um grande número de formas conjuncionais utilizadas obedeceu a seguinte trajetória de mudança, conforme proposta de Heine et al (1991):

ESPAÇO > TEMPO > TEXTO

Conforme a escala de abstratização semântica, já apresentada nesta seção, Barreto (1999) demonstra que itens que denotavam uma relação espaço-temporal serviram como base para o surgimento de itens que vieram a atuar no domínio do texto, como, por exemplo, é o caso de *todavia*. Para a autora, a origem do item se deve à justaposição do pronome indefinido *tota* e o sintagma nominal *via*, que juntos veiculavam um sentido equivalente a *todo o caminho*. Por meio de mecanismos metafóricos, o item passou, no português arcaico, a estabelecer um sentido temporal,

equivalente a *constantemente*, até que teve sua forma adversativa convencionalizada, motivada por processos metonímicos.

Como o trabalho de Barreto (1999) apresenta análises sobre *portanto*, *no entanto*, *entretanto* e *contanto que*, estabeleceremos um diálogo entre as análises da autora e as nossas, conforme veremos na seção de análise.

Outro trabalho importante que contribui para os estudos em gramaticalização no domínio da junção é o de Rocha (2006), que se dedicou especificamente a tratar da motivação conceptual que levou os itens adversativos *mas*, *porém*, *contudo*, *todavia*, *entretanto* e *no entanto*, considerados pela tradição como conjunções adversativas, a passarem por um processo de gramaticalização. Para a autora, com exceção de *mas*, os demais itens não têm um comportamento sintático típico de conjunção, considerando que todos os outros, de alguma forma, se tornaram mais gramaticais desde suas origens.

Baseando-se em Lakoff (1971), Sweetser (1991) e Fabri (2001), Rocha (2006) admite que os juntores adversativos por ela analisados são, no português, menos prototípicos e, na realidade, passaram por um processo de gramaticalização, motivados pelo uso em contextos negativos em que tais juntores eram empregados. Essa constatação também fora feita anteriormente, conforme o exemplo (19) a seguir, dado por Barreto (1999):

- (19) E eu **nã** ey d'aguardar a ter Recado que as tenho, mas como poder, me hirei caminho de Portel, e dahi a alguã aldeã d'esas ahi preto: por isso entretanto mãdaime Remedear.

No caso da prototípica *mas*, a hipótese de Rocha (2006) era a de que o item encontrava-se nesses contextos negativos graças a uma motivação metafórica e que as relações contrajuntivas, para cujo estabelecimento o item contribuía, ocorriam nos domínios epistêmico, i.e., no mundo mental, e também no conversacional da linguagem, que se refere aos atos de fala.

Por fim, por meio de análises qualitativas, tal como Barreto (1999), a autora comprova que a mudança dos itens analisados ocorreu via metáfora, sob a trajetória ESPAÇO > (TEMPO) > TEXTO, em que o valor semântico original dos itens sofreu um processo de abstratização para que, por fim, se atingisse a ideia de contrajunção.

Por sua vez, Longhin-Thomazi (2009) tem se dedicado aos estudos que visam investigar as mudanças que atingem a classe dos juntores, via processos de GR, já que, para ela, essa classe de palavras sempre esteve sujeita à renovação. Assim, a autora, em diversos trabalhos (cf. LONGHIN-THOMAZI, 2003, 2008, 2009, 2011), aborda os mais variados itens, perifrásticos e não-perifrásticos, buscando explicar como determinados itens, no decorrer da história do PB, sofreram mudança linguística, não apenas na forma, mas sobretudo no conteúdo semântico-pragmático.

Longhin-Thomazi (2009) analisa o juntor *porém* em um recorte temporal que vai do século XIII ao século XVI, adotando a hipótese de base metonímica da reinterpretação induzida pelo contexto, seguindo o modelo proposto por Heine (2002), também adotado para a análise do desenvolvimento diacrônico dos itens gramaticais *entretanto*, *portanto*, *no entanto (que)* e *contanto que*. Como já discutido anteriormente, esse modelo de contextos descreve os quatro estágios sucessivos, relacionados a quatro tipos diferentes de contexto, pelo qual passam os itens mais lexicais a caminho de se gramaticalizarem. Assim, após descrever o comportamento sintático-semântico de *porém* nas sincronias investigadas, analisa as ocorrências e conclui que o item passa pelos quatro estágios, inicialmente como advérbio fórico até que se convencionaliza como um advérbio juntivo adversativo.

Por fim, um trabalho que se propõe investigar o processo de gramaticalização do item *tanto*, enquanto perífrase *tanto que* é o de Bellay (2011), intitulado *O processo de gramaticalização do uso de tanto que (e variantes) em corpus dos séculos XIII, XIII ~ XIV, XV, XVI, XVII e XIX*. Analisando um conjunto de textos²⁷ propícios para as ocorrências temporais e as consecutivas, a autora tem como objetivo, em perspectiva diacrônica, identificar em que momento do PB a perífrase *tanto que*, de base adverbial, perde seu valor temporal (cf. exemplo 09), com posição mais fixa em início de período, e passa a assumir apenas o valor consecutivo, conforme o exemplo (20) a seguir. Para avaliar o grau de gramaticalidade do item, a autora se baseia nos cinco parâmetros de Hopper (1991) - *estratificação*, *divergência*, *especialização*, *persistência* e *descategorização*. Vejamos os exemplos a seguir, extraídos da obra da autora, referentes aos séculos XIII e XV, respectivamente:

²⁷Segundo Bellay (2011, p. 81), os gêneros textuais utilizados são propícios, pois estão relacionados à cronologia e à relação causa/consequência, tais como narrativas (de costumes e históricas); hagiografia (biografias de santos ou beatos); crônicas; sermões e documentos históricos.

- (20) Costume é que molher que he en uila non sse pode chamar forçada saluo sse a tõe en logo que non possa braadar. mays quando sayr desse logo deuesse logo a carpír & braadar pela rua & dizer que foãao me forçou e irse logo aa justiça & dizer-lhj quen a forçou e en que logar & sse o assy non fezer non sse pode chamar por forçada & sse ffora da vila for forçada deue uijr carpindo & braadando & nomeando quen a forçou & ir logo aa justiça & queyxr-se & dizerlhi quen a forçou & assy sse pode dizer por forçada & se non poder esse dia per noyte que seia ou per prison que lhi façan uenha en outro dia ou **tanto que** for solta.²⁸ (*Dos Costumes de Santarém*, século XIII)
- (21) Depoys, el rey de Castela, dando lugar aa sua nan boa entençan, **tanto** escandalizou el rey de Portugal **que** ele ronpeo guerra con Castela.²⁹ (*História dos Reis de Portugal in Crônica Geral da Espanha*, século XV)

No primeiro exemplo, Bellay (2011, p. 48) defende que a relação de temporalidade “advém da correlação entre as ações expressas nas orações conectadas: *E, se não puder nesse dia, porque está de noite ou na prisão, que venha em outro dia ou (venha) assim que for solta*”. Além disso, a autora destaca a presença do sintagma de valor temporal *em outro dia*, responsável por reforçar o valor temporal expresso por *tanto que*. Em (21), diferentemente, *tanto*, segundo Bellay (2011), escopa e intensifica o verbo *escandalizou* justamente com o intuito de que a ação de escandalizar foi tanta que acabou por romper guerra com Castela. Dessa forma, vemos que a construção, agora, assume um significado novo, sem apresentar resquícios do significado fonte.

Bellay (2011), fazendo uso de abordagens quantitativas e qualitativas, afirma que *tanto que* se apresenta mais prototípico em orações temporais, o que indica maior gramaticalização, quando comparado a sua presença em orações consecutivas. Dessa forma, para a autora, na trajetória TEMPORAL > CONSECUTIVO, há a perda de características adjetivais para que o item *tanto que* se apresente como uma locução conjuntiva temporal.

A partir de toda a discussão acerca dos pressupostos, princípios e mecanismos que regem a GR e também com base nos trabalhos empíricos, que se encaixam na vasta literatura acerca da formação, variação e mudança dos conectivos no PB, propomos

²⁸É costume que a mulher que está na cidade não seja chamada de abusada, salvo se alguém a possuir em local onde não possa gritar. Mas, quando sair desse lugar, ela deve logo chorar e gritar pela rua e dizer “João me forçou” e ir à justiça, dizendo quem abusou dela e em que lugar. E, se assim não o fizer, não se pode chamar de abusada e, se fora da cidade for forçada, deve vir chorando, gritando e nomeando quem a forçou e ir logo à justiça, queixar-se e dizer-lhe quem a forçou e assim se pode dizer por forçada. E, se não puder nesse dia, porque está de noite ou na prisão, que venha em outro dia ou **assim que** for solta.

²⁹Depois, o rei de Castela, dando lugar a sua má intenção, tanto escandalizou o rei de Portugal, que ele começou guerra com Castela.

verificar, neste trabalho, o processo de mudança experimentado pelos juntores de base *tanto*, por meio da atuação no processo de mecanismos como a metáfora e a metonímia. Ademais, com base no modelo de contextos proposto por Heine (2002), buscaremos flagrar as etapas de mudança de significado de acordo com o contexto de uso em que determinado item é empregado.

Diante de todas essas considerações expostas nas duas primeiras seções deste trabalho, baseamo-nos nas postulações de Hopper e Traugott (2003) e de Blühdorn (2008) sobre os limites da coordenação e da subordinação, no âmbito da articulação de orações. Arelado a isso, nosso interesse foi o de buscar, com base em diversos autores da literatura (PEZATTI, 2001; BLÜHDORN, 2008; KORTMANN, 1997; NEVES, 2011;), exemplares prototípicos da classe das conjunções, a fim de lançar mão dos parâmetros estabelecidos para o protótipo para então analisar o estatuto dos juntores *portanto*, *no entretanto*, *no entanto (que)* e *contanto que*. Além disso, com base em Kortmann (1997) que, como discutido, reuniu evidências sobre relações de derivação semântica em processos de mudança, partimos da expectativa de que algumas relações de sentido realmente derivam de outras, em determinados contextos. Dessa forma, buscamos, ao longo das duas sincronias analisadas, flagrar os estágios de mudança semântica sofridos pelos itens em questão, sobretudo na trajetória TEMPO > CCCC.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Nesta seção, apresentamos a descrição do material e dos procedimentos metodológicos usados neste trabalho de pesquisa. Na primeira subseção, explicitamos os critérios para a composição do *corpus*. Em seguida, apresentamos os procedimentos metodológicos utilizados para descrição e análise dos dados.

3.1. O *corpus*

Como já dito, este trabalho focaliza a flutuação dos usos juntivos dos itens derivados de *tanto*, enquanto indícios de processos de mudança linguística por GR, com base em dados escritos de gêneros ou tradições discursivas diversas, que supomos reveladores de como as construções eram usadas e de como mudaram. Mais especificamente, investigamos, sob a perspectiva da mudança, os diferentes padrões funcionais de *tanto* em processos de gramaticalização, buscando identificar os contextos que proporcionam as relações de derivação. Sendo assim, partindo do pressuposto de que a tradição discursiva condiciona o uso de certas construções linguísticas, determinando, dessa forma, uma correlação entre tradição e junção (KABATEK, 2006), a composição do *corpus* foi feita a partir da conjugação de quatro critérios:

- (i) **tradição discursiva**³⁰: Raible (2001) defende que o domínio da junção é universal, e articula informações de vários níveis de análise, de modo que permite sistematizar os diferentes itens usados para juntar elementos proposicionais, com diferentes graus de agregação ou integração e, sobretudo, com o estabelecimento de diferentes relações semânticas. Baseando-se na hipótese de Kabatek (2006, p. 15) sobre a correlação entre junção e tipos de texto, “os esquemas de junção de um texto – os *juntores* que contêm e a frequência relativa – são sintomas para determinar a tradição discursiva a que pertence”. Em outras palavras, os esquemas de junção (*junktion*) utilizados em um texto estão diretamente relacionados com a variedade de textos no qual se inserem. Assim, admitindo a relação estreita entre junção e tradição discursiva,

³⁰As Tradições Discursivas (TD, daqui em diante) “consistem em modelos textuais, social e historicamente convencionalizados, que integram a memória cultural de uma comunidade, sendo mobilizados na construção e na recepção do sentido” (LONGHIN, 2014, p. 09).

selecionamos uma diversidade de textos que, em função das condições de produção e dos propósitos comunicativos, abrigam “modos de dizer” ou tradições diversas, que predisõem a realização de construções de junção, com o propósito de buscar textos de diferentes gêneros ou tradições: diários de navegação e de viagem, anúncios e notícias de jornais, cartas pessoais e de leitores de jornais, peças teatrais, memórias históricas, cartas de aldeamento, contos e crônicas, almanaques de províncias, cartas régias, discursos e folhetins. Tal diversidade deverá mostrar diferentes esquemas de junção, evitando, desta maneira, que a amostra ficasse enviesada em razão da prevalência de uma tradição.

- (ii) **temporal:** textos produzidos nos séculos XVIII e XIX. Uma questão importante a ser levantada diz respeito às duas sincronias escolhidas para este trabalho. Conforme veremos mais adiante, os itens analisados têm seus usos reconhecidos muito antes dos séculos XVIII e XIX. A opção por esse recorte se deve a uma contribuição às pesquisas sobre o tema, especialmente as pesquisas que integram o Projeto para História do Português Paulista³¹, com o qual este trabalho contribui. Em outras palavras, este trabalho pretende focalizar as mudanças experimentadas pelo português brasileiro (PB), particularmente no âmbito de São Paulo, nos dois referidos séculos. Todavia, embora o foco não esteja nas mudanças sofridas pelo português europeu (PE), é necessário recuperar a herança europeia, para, a partir dela, descrevermos as mudanças que ocorreram no PB.
- (iii) **espacial:** a proposta inicial buscava concentrar-se em textos produzidos predominantemente no estado de São Paulo, uma vez que, como mencionado, este trabalho é parte do PHPP – Projeto para a História do Português Paulista.

³¹ Projeto Temático de Equipe, financiado pela FAPESP (processo 2011/51787-5), sob a coordenação geral do Prof. Dr. Manoel Mourivaldo Santiago Almeida e envolve pesquisadores da USP, UNICAMP e UNESP, com sede na UNESP de São José do Rio Preto. É um conjunto articulado de projetos na área da Linguística Histórica do Português, tendo como objetivo geral investigar as variedades linguísticas do português brasileiro, tanto do ponto de vista gramatical, quanto do semântico, do lexical e, também, do ponto de vista textual-discursivo. Além da organização dos corpora diacrônicos, o projeto objetiva (i) analisar o estudo da variação e da mudança gramatical sob três perspectivas: funcionalista, cognitivista e gerativista; (ii) estudar a formação da variedade culta, além da variedade popular, em paralelo ao traçado sócio-histórico do português paulista; além do estudo dos gêneros discursivos e dos processos de construção textual. Este trabalho, em particular, está vinculado ao subprojeto *Tipologia e história das construções complexas em perspectiva funcional*, coordenado pela Profa. Dra. Sanderléia Longhin (IBILCE/UNESP).

Contudo, em razão da baixa ocorrência de alguns itens no material referente a São Paulo, tivemos de acrescentar 06 textos que foram produzidos no Rio de Janeiro, e que forneceram ocorrências.³²

- (iv) **quantitativo:** outro fator importante considerado na constituição do *corpus* se refere à quantidade de material selecionado para cada sincronia. O critério que norteou a seleção foi o número de páginas. Nosso propósito foi equilibrar a quantidade de material para cada sincronia, para garantir a legitimidade da comparação entre elas. Como consta no Quadro 6, a seguir, o número total que compõe o *corpus* é de 1.650 páginas, sendo 825 para cada sincronia. Contudo, como se pode observar, não há um número de páginas exato e uniforme para todos os textos, pois cada tipo de texto, além de apresentar um formato diferente em razão de seu gênero textual, também é apresentado à sua maneira com uma formatação própria em sua descrição e transcrição. A distribuição no espaço em branco e a disposição do próprio texto até o final da linha, o tamanho da letra e o espaçamento entre linhas, por exemplo, são fatores considerados para a seleção do número de páginas que justificam a não simetria entre estas de uma tipologia textual para a outra, o que significa dizer que há uma aproximação no número de páginas, não uma quantidade exata.

Estabelecidos os quatro parâmetros para a composição do *corpus*, os textos foram buscados em duas grandes fontes. Em um primeiro momento, a base de dados maior escolhida foi o *Corpus* do Projeto História do Português Paulista (disponível em: <http://phpp.fflch.usp.br/corpus>). A segunda fonte está na plataforma digital da Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin³³, da Universidade de São Paulo (USP) (disponível em: <http://www.brasiliana.usp.br/bbd>).

³² Inicialmente, contávamos com um total de 265 ocorrências (49 ocorrências datadas do século XVIII e 214 do século posterior): 79 ocorrências para *tanto*, 70 com *entretanto*, 33 com *no entanto (que)*, 59 para *portanto* e 22 com *contanto que*. Após a ampliação do *corpus*, somamos 140 ocorrências de *tanto*, 108 para o item *entretanto*, 44 com *no entanto (que)*, 109 para *portanto* e, por fim, 49 ocorrências de *contanto que*, tendo, ao final, um total de 450 ocorrências – 138 para o século XVIII e 312 datadas do século XIX.

³³ Criado em janeiro de 2005, o acervo em questão foi doado pela família Mindlin à Universidade de São Paulo (USP) e abriga a coleção particular reunida por José Mindlin, bibliófilo, e sua esposa Guita. Reunindo livros e manuscritos das mais variadas épocas, lugares e gêneros, é considerada a mais importante coleção formada por particulares, com mais de 32 mil títulos e 60 mil volumes, aproximadamente.

No Quadro 06 a seguir, relacionamos os textos que compõem o *corpus* deste trabalho, com a indicação dos respectivos tipos textuais, períodos em que foram produzidos, as plataformas-fonte dos dados e números de páginas utilizados para a pesquisa:

Quadro 6. Composição do *corpus* analisado

Sigla	Material	Tipologia textual	Século	Fonte	Páginas
AJCP	<i>E os preços eram commodos...: Anuncios de Jornais Brasileiros Século XIX.</i> GUEDES, M; BERLINCK, R. (orgs) São Paulo: Humanitas/ FFLCH, 2000.	Anúncio de jornal	XIX	<i>Corpus PHPP</i>	50
AJFP	<i>Jornal O Farol Paulistano.</i> n. 122 e 164. Ano 1828	Anúncio de jornal	XIX	Biblioteca Brasiliana	30
APSP	<i>Almanak da Provincia de São Paulo para 1873.</i> Primeiro anno. Luné, Antônio José Batista de (org.).	Almanaque	XIX	Biblioteca Brasiliana	30
CAI	<i>Cartas de Aldeamento de índios.</i> SIMÕES; KEWITZ (org.)	Carta de aldeamento	XVIII	<i>Corpus PHPP</i>	50
CLJ	<i>Críticas, queixumes e bajulações na Imprensa Brasileira do século XIX: Cartas de leitores e redatores de jornais.</i> BARBOSA; LOPES (2006)	Carta de jornal	XIX	<i>Corpus PHPP</i>	90
CPAG	<i>Cartas particulares (Cartas de Alexandre de Gusmão, Cartas presentes em processo de esponsais do Arquivo da Cúria Metropolitana de São Paulo).</i> Cecília Faria de Sousa, com supervisão de Marcelo Módolo (2010).	Carta pessoal	XIX	<i>Corpus PHPP</i>	15
CPRT	<i>Correspondências particulares do Fundo Rafael Tobias de Aguiar editadas,</i> Museu Paulista. Edição de Alexandra de Souza Marques, Supervisão de Marcelo Módolo (2010).	Carta pessoal	XIX	<i>Corpus PHPP</i>	15
CPJB	<i>Correspondência Passiva de José Bonifácio de Andrada e Silva.</i> SIMÕES-KEWITZ (2006, Org.)	Carta pessoal	XIX	<i>Corpus PHPP</i>	20
CR	<i>Caminhando Mato Dentro – Série Diachronica.</i> São Paulo: Espaço Editorial, 2009. MEGALE, H. et al. (org.)	Carta régia	XVIII	<i>Corpus PHPP</i>	20
DAV	<i>Apontamentos de viagem [...].</i> Morais, Joaquim de Almeida	Diário de viagem	XVIII	Biblioteca Brasiliana	30

	Leite, 1733-1795.				
DH	<i>Discursos</i> . Machado, Brasílio, 1848.	Discurso	XIX	Biblioteca Brasileira	05
DVCS	<i>Hans Staden – Suas viagens e captiveiro entre os selvagens do Brasil</i> . 1792.	Diário de viagem	XVIII	Biblioteca Brasileira	50
DVCM	<i>Documentos de Ouro do século XVIII</i> . Série Diachronica. São Paulo: Espaço Editorial, 2009. MEGALE, H. et al. (org.)	Diário de viagem	XVIII	Corpus PHPP	20
DMN	<i>Três discursos do Illmo. e Exmo. Sr. Paulino José Soares de Souza, ministro dos negócios estrangeiros</i> . Uruguai, Paulino José Soares de Souza, Visconde de, 1807-1866.	Discurso	XIX	Biblioteca Brasileira	100
DN	<i>Diário de viagem, que de Villa Bella de Matto-Grosso fiz para a Cidade de São Paulo pelas ordinárias derrotas de terra, e Rios que delle constar no anno de 1788</i> – Francisco José de Lacerda e Almeida.	Diário de navegação	XVIII	Corpus PHPP	50
FAZB	<i>O fazendeiro do Brazil Criador</i> . Veloso, José Mariano da Conceição, 1742.	Diário de agricultura	XVIII	Biblioteca Brasileira	100
FOJB	<i>A Justiça dos Bohemios (Folhetim) de autoria de Ponson du Terrail</i> 1884. MODOLO-SILVA (2010)	Folhetim	XIX	Biblioteca Brasileira	10
JC	<i>Jornal O Cabrião</i> . n. 11, 19, 20, 24, 28, 32, 40, 46. Ano 1867	Noticiário	XIX	Biblioteca Brasileira	15
JFP	<i>Jornal O Farol Paulistano</i> . n. 122 e 164. Ano 1828	Noticiário	XIX	Corpus PHPP	15
LC	<i>Contos e phantasias</i> . Vicente Sobrinho, José.	Contos e crônicas	XVIII	Biblioteca Brasileira	30
LI	<i>Livro da Infancia</i> . Silva, Francisca Júlia, 1871.	Contos e crônicas	XIX	Biblioteca Brasileira	15
LRC	<i>O livro das noivas de receitas e conselhos domésticos</i> . Almeida, Júlia Lopes de, 1862-1934.	Livro de etiqueta	XIX	Biblioteca Brasileira	15
MHRB	<i>Historico da fundação da Republica Brasileira</i> . Ferreira Junior, Alexandre Dias	Memória Histórica	XVIII	Biblioteca Brasileira	50
MHCAV	<i>Dissertação sobre as Capitánias de Santo Amaro e São Vicente</i> – Frei Gaspar da Madre de Deus (1780). Códice da Biblioteca Nacional de Lisboa e Códice do Arquivo Nacional da Torre do Tombo.	Memória histórica	XVIII	Corpus PHPP	50
MHCSP	<i>Dissertação a respeito da</i>	Memória	XVIII	Biblioteca	50

	<i>Capitania de São Paulo e sua decadência</i> (1781) – Marcelino Pereira Cleto. Biblioteca Nacional de Lisboa.	histórica		Brasiliana	
MMV	<i>Systema de materia medica vegetal brasileira</i> . Martius, Karl Friedrich Philipp von, 1794-1868.	Ensaio	XIX	Biblioteca Brasiliana	100
OC	<i>O café e o Estado de S. Paulo</i> . Teles, Augusto Carlos da Silva, 1851-1923.	Memória histórica	XIX	Biblioteca Brasiliana	25
PHP	<i>Physiologia das paixões e affecções</i> (Tomo 01). MORAIS, Alexandre José de Melo, 1816-1882	Ensaio	XIX	Biblioteca Brasiliana	200
PTA	<i>A Almanjarra</i> , Aluísio de Azevedo. 1888	Peça teatral	XIX	<i>Corpus PHPP</i>	15
PTSL	<i>Edição de Sangue Limpo</i> de Paulo Eiró (1863) MÓDOLO-SANTOS (org), 2010.	Peça teatral	XIX	<i>Corpus PHPP</i>	15
RAFR	<i>Systema, ou collecção dos regimentos reaes, contém os regimentos pertencentes à administração da Fazenda Real</i> (Tomo 4). Sousa, José Roberto Monteiro de Campos Coelho e (org.)	Diários de Administração	XVIII	Biblioteca Brasiliana	100
REL	<i>Colonias Nova Louzã e Nova Colombia : relatório apresentado ao Exm. Sr. Presidente da Provincia de São Paulo em 6 de fevereiro de 1775</i> . Monte-Negro, João Elisário de Carvalho, n.1824	Memória histórica	XVIII	Biblioteca Brasiliana	50
ROODP	<i>Ao correr da penna</i> . Alencar, José de, 1829-1877.	Contos e crônicas	XIX	Biblioteca Brasiliana	20
RSVAH	<i>Reflexões sobre a vaidade dos homens, ou viscursoes moraes sobre os effeitos da vaidade</i> . AIRES, Matias, 1705-1763	Ensaio	XVIII	Biblioteca Brasiliana	200
Total de páginas					1.650

É importante ressaltar que, embora todos os textos da amostra estejam transcritos, digitalizados e sejam de fácil acesso, a identificação dos itens, muitas vezes, não é facilitada, devido à ortografia empregada, distinta da forma convencionalizada que usamos e conhecemos no português contemporâneo: ora temos um item hipersegmentado, como é o caso de *portanto* > *por tanto*, ora podemos encontrar também um *contanto que* que, diferente do empregado atualmente, é, além de

hipersegmentado, grafado com ‘m’. Por estas razões, a busca pelas ocorrências se deu de forma manual e não automatizada por alguma ferramenta de busca, garantindo, assim, um rigor maior na seleção das ocorrências e na recuperação do contexto, fundamental para este trabalho.

Com relação às siglas usadas para a identificação dos textos e posteriormente das ocorrências, adotamos o seguinte critério: para diferenciar os dados quanto às duas sincronias, optamos por sinalizar o século frente às duas primeiras iniciais, em maiúsculo. Estas fazem referência ao tipo de gênero/tipo textual, ao passo que as outras que seguem abreviam o nome do destinatário das cartas, do jornal ou do livro em que tal ocorrência aparece. Frente às letras, separado por um hífen, atribuímos um número, que pode se apresentar em até quatro dígitos. Tal numeração corresponde ou ao número/data de um documento, ou à edição/data de um jornal ou ao capítulo do referido livro. Exemplificando, a sigla 18CAI-19 significa: de produção datada no século XVIII, refere-se ao conjunto de Cartas de Aldeamento de Índios e, mais especificamente, à carta de número 19. Por sua vez, a sigla 19CPWL-31 se refere a uma produção do século XIX, é do gênero carta pessoal, integra o acervo particular de Washington Luiz, e o número 31, que consta na descrição, refere-se ao número da carta em questão.

3.2. Apuração da frequência e critérios de análise

Nos estudos em GR, a frequência tem sido destacada pela sua importância no processo. Segundo Bybee (2003), a alta frequência de um item mais gramatical, se comparada à frequência de usos mais lexicais, sugere um aumento na variedade de tipos de contextos em que esse item pode ser empregado. A frequência, no entanto, não irá necessariamente resultar na GR, mas poderá contribuir para que o processo ocorra, uma vez que a mudança está intimamente ligada ao uso e à fluidez na língua.

Ainda segundo Bybee (2003), há dois métodos relevantes para apurar a frequência: a frequência *token*, que diz respeito à frequência textual de ocorrência de um item ou construção independentemente de seu significado, e a frequência *type*, que diz respeito à frequência com que um padrão particular ocorre, podendo ser avaliada por meio da consideração das diferentes funções assumidas pelo item ou construção. Retomando o que foi dito acima, um item que apresenta uma alta frequência *type* sinaliza, portanto, a expansão dos contextos em que ele é apropriado, constituindo, assim, um forte indício de GR.

Conjugando as abordagens quantitativa e qualitativa, com maior ênfase na segunda, este trabalho prioriza, como dito anteriormente, a investigação das construções baseadas no item *tanto* – em especial, os juntivos *portanto*, *entretanto*, *no entanto* e *contanto que*, com o objetivo de investigar os diferentes padrões funcionais de cada juntor, focalizar a flutuação destes padrões, via processo de GR, dos pontos de vista morfossintático e semântico-pragmático, e identificar os contextos linguísticos que possivelmente condicionaram relações de derivação e que continuam pressionando flutuações de uso desses jutores.

Para este trabalho, a apuração da frequência *token* foi obtida pela contagem geral das ocorrências dos itens de base *tanto*, ao passo que a frequência *type* foi obtida pela análise e quantificação dos diferentes usos dos jutores dentro das construções que ajudam a formar/de que fazem parte. Para a identificação dos diferentes padrões encontrados, analisamos as ocorrências de acordo com os seguintes fatores, que correspondem a dois níveis distintos – o semântico e o sintático - os quais nos auxiliam a identificar os itens derivados de *tanto* que estão mais próximos de um comportamento juntivo e os que estão mais distantes.

O critério semântico é o que norteia a análise. As construções com os jutores *portanto*, *entretanto*, *no entanto* e *contanto que* veiculam, no português contemporâneo, respectivamente, os significados de conclusão, contraste, contraste e condição. Trata-se de relações de sentido que, na literatura linguística (HOPPER; TRAUGOTT, 2003; KORTMANN, 1997), são abordadas como relações “alvo”, ou seja, são derivadas de outras relações de sentido.

Conforme discutimos em seção anterior, segundo Kortmann (1997), algumas noções são tipicamente fonte para a constituição de jutores adverbiais como, por exemplo, as noções semântico-cognitivas de espaço, tempo e modo. Para ele, essas três categorias consistem em grandes canais de derivação, em que itens lexicais ou gramaticais, como pronomes, advérbios, relativizadores e complementizadores, quando utilizados em contextos específicos, podem ser reinterpretados em termos de causa, condição, contraste e concessão (as chamadas relações CCCC, cf. KORTMANN, 1997).

Com base em Kortmann, propomos analisar o funcionamento desses jutores sob o ponto de vista do sentido, com o objetivo de flagrar aspectos da mudança semântica experimentada. Para tanto, vamos recuperar a etimologia de cada juntor no português europeu (PE, daqui em diante), reconhecendo os sentidos fonte e, em seguida, focalizaremos os usos, nos diferentes contextos, nas sincronias estabelecidas, com a

expectativa de identificar mais de uma relação de sentido relacionada a cada juntor. Assim, tendo em vista o modelo de contextos que adotamos (HEINE, 2002), que prevê o reconhecimento de etapas, com estágios de ambiguidades, metodologicamente, vamos examinar as ocorrências considerando (i) a compatibilidade com o significado fonte, (ii) a dupla compatibilidade com significado fonte e alvo e (iii) a compatibilidade somente com significado alvo, conforme representado no Quadro 07:

Quadro 7. Operação metodológica para identificar os possíveis contextos

I.	Contextos compatíveis com o SO fonte
II.	Contextos compatíveis com SO fonte e alvo (= dupla compatibilidade)
III.	Contextos compatíveis com SO alvo

Reconhecidos os diferentes padrões de funcionamento, com seus respectivos sentidos, a próxima etapa consiste em caracterizar cada um desses padrões do ponto de vista morfossintático. Para isso, fatores como posição do juntor dentro da sentença, posição das sentenças, coocorrência com outros jutores, dentre outros, serão contemplados, conforme explicitamos a seguir. A consideração desses fatores permitirá não só reconhecer os contextos linguísticos ou ‘co-textos’ em que as construções se inserem, contextos estes que podem ser os instigadores da mudança, mas possivelmente capturar aspectos da reanálise categorial, com a observação de perda e ganho de traços morfossintáticos.

Em outras palavras, do ponto de vista metodológico, tais parâmetros, segundo Heine e Kuteva (2007), são suficientes para a descrição de instâncias de GR, a saber: a *expansão contextual*, que consiste na generalização de usos dos itens em diferentes contextos (estruturais, pragmáticos), *dessemantização* e *recategorização*, que consistem nas alterações de significado e de categoria, respectivamente. Como argumentamos na seção teórica, as alterações de significado permitem testar a hipótese da unidirecionalidade da mudança, em que os significados alvo se tornam cada vez mais abstratos e cada vez mais centrados na atitude subjetiva do falante/escrevente, ou seja, se tornam mais subjetivizados (TRAUGOTT, 1982, 1985, TRAUGOTT e KÖNIG, 1991; TRAUGOTT; DASHER, 2002). As alterações categoriais também permitem

pensar aspectos de unidirecionalidade, uma vez que a mudança tende a partir de categorias menos gramaticais para mais gramaticais.

Como observado, quando determinado item estiver em um contexto compatível com o significado de origem, teremos um padrão, ao passo que outro padrão, diferente do primeiro, será identificado quando um mesmo item, em um contexto díspar, apresentar um significado que seja compatível com o significado alvo. Entretanto, é possível que o item esteja empregado em um contexto em que haja dupla compatibilidade, i.e., em um contexto em que o significado seja compatível tanto com o significado fonte quanto com o significado alvo, revelando o caráter ambíguo do item. Através dessa operacionalização metodológica, além de podermos caracterizar os *type*, também conseguiremos recapitular, com base no modelo proposto por Heine (2002), os contextos responsáveis que proporcionaram as mudanças das referidas construções, com o intuito de captar propriedades complementares para a mudança.

Para avaliar o estatuto morfossintático das construções com *entretanto*, *no entanto*, *portanto* e *contanto que*, adotaremos os seguintes critérios:

(i) posição do juntor

A posição do juntor dentro da sentença com a qual se articula parece ser um parâmetro relevante, visto que a tendência é que jutores prototípicos ocupem posição inicial na sentença (NEVES, 2011, KORTMANN, 1997). Por meio desse critério, avaliamos a posição – inicial ou não inicial – ocupada pelo juntor no enunciado. Se a posição é inicial, i.e., se o item ocupa a fronteira entre as orações, entendemos que ele possui um estatuto mais próximo de juntivo prototípico. Por outro lado, se a posição é variável, podemos afirmar que o juntor é menos prototípico, já que a mobilidade posicional é característica de outras classes de palavras como, por exemplo, advérbios e advérbios juntivos e, portanto, pode ser um forte resquício da construção fonte (BLÜHDORN, 2008).

(ii) coocorrência com outros jutores

A coocorrência com outros jutores também é um parâmetro que, conforme avaliamos, pode dar respostas sobre o estatuto mais ou menos gramaticalizado do juntor e também sobre possíveis contextos condicionadores da mudança. Se um determinado juntor coocorre com outro juntor mais prototípico, julgamos que o segundo item assume um papel de reforço de sentidos, podendo ser até gramaticalmente dispensável, uma vez

que a relação sintática é estabelecida pelo primeiro item. Na segunda perspectiva, que relacionamos com motivação, entendemos que a contiguidade de um elemento com outro juntor pode levar o primeiro a assumir aquele sentido, por pressão do contexto. Assim, se a princípio atua como reforço, com o tempo, pode incorporar os valores vizinhos.

(iii) **dimensão da unidade articulada pelo juntor**

Com base em Neves (2006), analisamos as unidades que o item em questão articula: se sintagmas, orações, parágrafos ou, até, partes maiores do texto. Analisando os jutores *e*, *mas* e *ou*, que, tradicionalmente são classificados como conjunções coordenativas, a autora defende que, muitas vezes, há casos em que determinados jutores extrapolam a organização sintática da frase e constituem articuladores de altíssimo valor semântico-discursivo ao articular unidades maiores, como parágrafos ou partes maiores, fazendo junção externa à organização sintática. Esse parâmetro parece se correlacionar com o (i), posição do juntor, visto que os jutores adverbiais coordenativos podem realizar um trabalho de conexão de porções discursivas.

(iv) **possibilidade de paráfrase**

O quarto parâmetro permite verificar se os itens estudados podem ser parafrazeados por uma conjunção prototípica. Se houver possibilidade de troca, é possível dizer que o item possui características de conjunção, tal qual hoje conhecemos convencionalmente. Contudo, a permutação de um item pelo outro não implica, necessariamente, características sintáticas, mas ajuda a checar a relação semântica que é expressa, justamente porque há uma aproximação de sentidos entre os itens.

(v) **correlações enfáticas**

Além de usos enfáticos de coocorrência de dois jutores, consideraremos casos em que o juntor em questão atua como correlato enfático. Dubois (2006) define como *correlativos* os termos que “indicam uma relação de dependência entre a oração principal (ou matriz) e a oração subordinada”.³⁴ Said Ali (1964), mostrando a mudança

³⁴ Dubois (2006) exemplifica a noção de correlativos com a oração “Pedro é **tão** hábil **que** saiu com vantagem dessa situação.”, em que *tão* e *que* são termos correlativos. Contudo, para este trabalho em especial, o *correlato enfático* é um tipo de correlação em que o segundo membro tem a função específica de reiterar o significado expresso pelo primeiro, podendo esse significado ser temporal, causal, contrastivo ou concessivo.

através dos contextos de correlação enfática, exemplifica como o uso concessivo de *todavia* surgiu de contextos específicos em que o item, cujo valor original era temporal, era empregado como correlato enfático de conjunções concessivas, conforme o exemplo (22) abaixo:

- (22) E ainda que alguns sejam de obscura geração, **todavia** são venerados e acatados.

No exemplo acima, *todavia*, veiculando o significado de *sempre*, ocorre na sequência da perífrase *ainda que*, de valor concessivo, presente na oração anterior. Para o autor, esse contexto estimulou o uso contrastivo de *todavia* convencionalizado, tal como hoje conhecemos.

Além Said Ali (1964) já registrar a relevância dos contextos de correlação enfática, nos estudos de natureza empírica, esse parâmetro mostrou-se relevante para a descrição da história de *porém* (LONGHIN, 2009), em que, a princípio, era de natureza adverbial e utilizado como correlativo enfático de construções causais, sobretudo construções com *porque*, em que o significado explicativo de *por isso* era apropriado, conforme ilustra o exemplo (23) abaixo, retirado de Longhin (2009, p. 2704):

- (23)(...) e porque i é onrra de nos e de nossos reynos, **porẽ** queremos mostrar como se guarden por todo tempo as cousas das eygreyas.³⁵

Com o tempo, *porende* passou a atuar como correlato enfático de construções concessivas com *ainda que*, *posto que*, gerando mais de uma interpretação: a leitura causal/explicativa, podendo ser parafraseado pela explicativa *por isso* e, também, uma leitura contrastiva, semelhante à locução *apesar disso*. Vejamos o exemplo (24):

- (24)E dise-lhe o tirãno que, se nõ cessasse de chamar o nome de Jhesu, que lhe mãdaria talhar a língua, e dise-lhe Sancto Ignácio: Posto que me talhes a língua, nõ cessarey **poren** de chamar o nome de Jhesu, porque o tenho scripto emno meu coração.³⁶

³⁵ “E porque aqui está nossa honra e de nossos reinos, por isso queremos mostrar como se guardam por todo tempo as coisas das igrejas.”

Ao longo da história de *porém*, o significado fonte temporal recuou e desapareceu, enquanto o significado alvo, de valor contrastivo, acabou por ser assimilado gradualmente e, por fim, se convencionalizou como uma conjunção adversativa.

(vi) presença da negação que pode direcionar para outra relação semântica

A literatura linguística também mostra que sentenças com negação ou precedidas por ela são contextos propícios à emergência de construções, sobretudo as contrastivas.

Vogt e Ducrot (1980), exemplificando com o caso de *magis*, do latim, do qual se originou *mas*, a conjunção prototípica adversativa por excelência no PB, afirmam que o emprego de *magis* em enunciados comparativos, nos quais sempre há negação argumentativa, expressa por termos explícitos (como, por exemplo, os vocábulos *não*, *nem*, *nunca*) e implícitos (como a presença de prefixos ou de valores semânticos que denotam negação nos verbos), propiciou que *magis* fosse usado como conjunção adversativa, já que qualquer enunciado que expresse negação pressupõe oposição por parte do interlocutor, o que leva ao sentido adversativo que, por sua vez, apresenta uma negação ao sentido que é veiculado pelo enunciado com o qual se articula.

No caso de trabalhos empíricos sobre a gramaticalização de conjunções em PB, Barreto (1999), por exemplo, retomando Said Ali (1964), constata que em contextos em que há negação, seja na primeira, seja na segunda oração, um item de natureza adverbial acabava por assimilar, via processos metonímicos, a relação de sentido de contraste.

(vii) ordem das sentenças

Para o caso das construções contrastivas e das conclusivas (representadas neste trabalho por três dos quatro juntores em estudo – *no entanto*, *entretanto* e *portanto*), a segunda oração do complexo carrega uma carga argumentativa maior, no sentido de ser decisiva para a relação de sentido que é estabelecida: a segunda posição introduz o argumento principal para o contraste e para a conclusão (NEVES, 2011). Se alterarmos a ordem em que elas são postas, há o comprometimento do significado que é veiculado. Pensando em termos de mudança, esse parâmetro sintático pode ser importante, uma

³⁶ “E disse-lhe o tirano que se não parasse de chamar o nome de Jesus, que mandaria cortar-lhe a língua, e disse-lhe Santo Inácio: ainda que me cortes a língua, não pararei por isso/ apesar disso de chamar o nome de Jesus.”

vez que, na medida em que os itens vão se constituindo como juntores, a tendência é que a posição das sentenças com os itens em questão se torne cada vez mais rígida para atender às manobras argumentativas.

A GRAMATICALIZAÇÃO DOS JUNTORES DERIVADOS DE *TANTO*

Nesta seção, apresentamos a descrição e a análise de cada item investigado, subsidiadas por todo o aparato teórico que fundamenta este trabalho. Consideramos os parâmetros de análise estabelecidos na seção anterior, a fim de investigar, sob a perspectiva da mudança, os diferentes padrões funcionais dos jutores de base *tanto* que resultam de processos de GR.

Na primeira subseção, expomos uma pesquisa de cunho etimológico acerca de cada jutor, seguida de uma avaliação geral da frequência *token* de cada jutor no *corpus* analisado. Em continuidade, a partir da análise qualitativa das ocorrências, obtivemos a frequência *type* de cada jutor. Ademais, investimos em identificar os contextos que disparam as mudanças e que condicionam as relações de derivação semântica, juntamente com a mudança categorial de um estatuto mais lexical para um estatuto mais gramatical.

4.1. A origem dos derivados de *tanto*

Como dito anteriormente, os jutores analisados, em sua maioria, têm suas formas reconhecidas muito antes do recorte temporal estabelecido para este trabalho: segundo Cunha (1986, 2010), no século XIII, período mais antigo em que temos textos escritos em português, as expressões *com tanto que* e *no entanto* coexistiam, o que indica que são criações bastante antigas, enquanto *portanto* e *entretanto*, segundo o autor, surgem posteriormente, no século XIV.

Quanto ao étimo de *tanto*, as gramáticas e os dicionários históricos (SAID ALI, 1964; CUNHA, 1986, 2010) classificam *tanto* (do latim *tantus*, *tanta*) como: (i) pronome, no sentido de ‘tão grande’; (ii) como substantivo masculino que se refere a uma ‘porção indeterminada’ ou, ainda, como (iii) advérbio de grau ou intensidade, cujo sentido é o de ‘tantas vezes’, além de também sustentar uma noção quantitativa de caráter indefinido.

Com relação aos itens derivados, por sua vez, *no entanto* (de *em* + *tanto*) e *entretanto* (de *entre* + *tanto*) são classificados como advérbios, cujos valores semânticos corresponderiam aos mesmos valores de ‘neste meio tempo’, ‘neste íterim’ (CUNHA, 1986, 2010; HOUAISS, 2001). Enquanto *no entanto* e *entretanto* são reconhecidos como advérbios em sua origem, *portanto* (*por* + *tanto*) e *contanto que* (*com* + *tanto* + *que*) são classificados, respectivamente, como conjunção e locução conjuntiva. O

primeiro se aproxima em funcionamento da conjunção conclusiva ‘logo’, ao passo que o segundo se assemelha às locuções condicionais ‘sob condição de que’, ‘desde que’ e ‘uma vez que’ (CUNHA, 1986, 2010, HOUAISS, 2001).

4.2. Apresentação geral

De um modo geral, no que diz respeito à frequência, os jutores *portanto*, *no entanto*, *contanto que* e *entretanto* comportam-se, com base no *corpus* das duas sincronias analisadas, de forma bastante instável. Conforme a Tabela 01 a seguir, todos os itens, com exceção do item fonte *tanto*, mostram uma frequência muito baixa nos textos do século XVIII, se comparada à frequência do século XIX. Essa variação na frequência talvez se justifique em virtude de fatores linguísticos e extralinguísticos, correlacionados com o tipo e gênero textual, inseridos em tradições e/ou práticas discursivas diversas, que circundam o *corpus* – como o grau de formalidade, o estilo do autor ou o emprego de outros itens concorrentes que expressam relações semânticas similares.

Tabela 1. Frequência geral de *tanto* e dos itens derivados em textos dos séculos XVIII e XIX

	Tanto	Entretanto	No entanto (que)	Portanto	Contanto que	Total (por século)
XVIII	65/138 (47,1%)	17/138 (12,3%)	02/138 (1,4%)	30/138 (21,8%)	24/138 (17,4%)	138/450 (30,7%)
XIX	75/312 (24%)	91/312 (29,2%)	42/312 (13,5%)	79/312 (25,3%)	25/312 (8%)	312/450 (69,3%)
Total geral	140/450 (31,1%)	108/450 (24%)	44/450 (9,8%)	109/450 (24,3%)	49/450 (10,8%)	450/450 (100%)

Como se observa em nossos dados, *tanto* mostra o maior número de ocorrências em sua totalidade (31,1%) e é, também, o item que apresenta menor discrepância entre as sincronias, ao passo que *no entanto* é o menos frequente (9,8%), e o de maior discrepância entre os séculos analisados, com 42 ocorrências no século XIX e apenas 02 ocorrências datadas do século XVIII. O item *entretanto*, por sua vez, apresenta o maior número de ocorrências no século XIX (29,2%). Já *portanto* é o derivado mais representativo do século XVIII (21,8%) e o segundo item mais recorrente do século seguinte (25,3%).

4.3. A gramaticalização dos itens derivados de *tanto*

4.3.1. *Entretanto*

Como dito, nos dicionários, *entretanto* tem seu primeiro registro datado do século XIV. Como ilustra o exemplo (25),³⁷ extraído de texto do PE, *entretanto* é formado pela reanálise da preposição *entre* com o pronome *tanto* e a expressão é classificada como um advérbio. Os dicionários históricos (CUNHA, 1986, 2002, 2010) ainda registram uma variedade de formas em que o vocábulo pode ser encontrado no decorrer da história, inclusive em séculos precedentes e posteriores ao XIV: *ontre tanto* e *entre tanto*, no século XIII; *ontretãto*, *entre-tãto*, *entretãto* e *entretanto* no século XIV; e, no século XVI, têm-se registradas as formas *amtretamto*, *antretanto*, *emtre tanto*, *entretamto* e *êtretanto*. Todavia, nos nossos dados, nos deparamos apenas com a grafia convencional *entretanto* e com a forma *entre tanto*, hipersegmentada, além da perífrase *no entretanto*.

(25) advérbio temporal	<p>E porem vos vos hy pera vossas casas e cada hum em sua parte consire quaaesquer duuidas que se possam seguir açerqua de seruiço de nosso Senhor Deos. e entre tanto mandarey chamar meu confessor e assi outros alguũs letrados e falarey com elles toda a ordenança deste feito e encomendarlhies ey que prouejam em seus liuros e conçiencias se per uentura terey alguũas duuidas em contra do que eu deuo de fazer segundo fiel e catolico christão. (15CTC-C8)</p> <p>{E por isso vocês vão para vossas casas de cada um em sua parte considere quaisquer dúvidas que se possam seguir acerca do serviço de Nosso Senhor Deus. E entre tanto mandarei chamar meu confessor e assim outros alguns letrados e falarei com eles toda a ordenança deste feito e encomendar-lhes-ei que provejam em seus livros e consciências se por ventura terei algumas dúvidas em contra do que eu devo de fazer segundo fiel e católico cristão.}</p>
------------------------	--

Quanto ao valor semântico do item, vários autores (BARRETO, 1999; SAID ALI, 1964; CUNHA, 1986, 2010; CUNHA; CINTRA, 2008) defendem que o significado fonte de *entretanto* é ‘entre tantas coisas’, uma vez que a preposição *entre* se referia, inicialmente, a um espaço ‘no meio de’ e que, antes de chegar ao estatuto de conjunção adversativa, tal como conhecemos hoje, há ainda o uso temporal, que equivaleria ao sentido de ‘enquanto isso’, ‘nesse ínterim’.

Além dessa classificação de cunho histórico, algumas gramáticas normativas e dicionários mais atuais (SILVA, 1958, CUNHA; CINTRA, 2008; BECHARA, 2009;

³⁷ Esta ocorrência foi retirada do *Corpus Diacrônico do Português*, disponível em <http://www.cdp.ibilce.unesp.br/>, coordenado pela Profa. Dra. Sanderleia R. Longhin (Apoio: Fapesp 02/12005-2).

HOUAISS, 2001) enumeram outras acepções que se correlacionam com três tipos categoriais, conforme o Quadro 08 a seguir: (i) locução adverbial; (ii) conjunção; e (iii) substantivo masculino. Contudo, Houaiss (2001) afirma que, no PB, registra-se o uso de *entretanto* apenas como conjunção.

Quadro 8: Definição e classificação de *entretanto* pelos dicionários e gramáticas atuais

Categoria	Função expressa	Exemplo
a. locução adverbial	equivalente a <i>entrementes, nesse ínterim, nesse meio tempo</i>	<i>Entretanto, resolvemos caminhar um pouco pelo jardim.</i> (HOUAISS, 2001)
b. conjunção	para designar adversidade	<i>Tinha loucura de lhe falar, entretanto ficou mudo.</i> (HOUAISS, 2001)
c. substantivo masculino	para designar um determinado espaço de tempo, equivalente a <i>ementes</i>	<i>Neste entretanto os hospitalários chegaram à boca do pontilhão.</i> (SILVA, 1958)

Neste trabalho, flagramos amostras em que *entretanto* aparece empregado em um sentido que conota espaço, *entre tantas coisas*, conforme o exemplo (26), mais adiante, e com o sentido temporal, podendo ser parafraseado pela expressão *enquanto isso*, conforme os exemplos (27) e (28) que serão explicitados a seguir, na descrição dos padrões. Ademais, no período do PB investigado, pudemos flagrar aspectos da transição da mudança do sentido temporal para o sentido adversativo, ora com o significado fonte, ora com o significado alvo, ora ambíguo, o que provou que o item passou por mudanças semânticas, conforme análise apresentada adiante. Além disso, pudemos verificar a flutuação do item, sob o ponto de vista morfossintático, entre as categorias adverbiais, adverbiais juntas e conjuncionais.

A seguir, na Tabela 02, apresentamos as frequências *token* e *type* de *entretanto*, em que especificamos o valor semântico e a função sintática que *entretanto* assume nos enunciados extraídos dos séculos XVIII e XIX:

Tabela 02: Frequências *token* e *type* de *entretanto* em textos dos séculos XVIII e XIX

Frequência type: 05		
Valor semântico	Função	Ocorrências
Espaço	Advérbio	01 (1,4%)
Tempo	Advérbio	09 (12,9%)
Tempo > Adversidade	Advérbio juntivo	24 (34,3%)
Adversidade	Advérbio juntivo	18 (25,7%)
Adversidade	Conjunção coordenativa	18 (25,7%)
Frequência token		70 (100%)

Como podemos observar, a frequência *token*, com 70 ocorrências, está correlacionada com a distribuição dos dados por 05 *type* distintos: um primeiro padrão para *entretanto*, com 1,4% das ocorrências, apresenta relação de sentido espacial, enquanto 12,9% das ocorrências se referem a um padrão temporal. O terceiro padrão, com 34,3%, configura um padrão ambíguo: o sentido temporal fonte permanece, mas a construção tem traços que permitem inferir uma leitura também adversativa. Por fim, o quarto e o quinto padrões, com 25,7% cada, revelam um uso de caráter unicamente adversativo para *entretanto*, diferenciando-se apenas do ponto de vista sintático: no primeiro, o item se comporta como um advérbio juntivo; já no segundo, assume o caráter de uma conjunção propriamente dita.

A seguir, apresentamos as ocorrências de (23) a (48), que exemplificam todos os cinco padrões de uso de *entretanto*, conforme listados na Tabela 02 acima.

Padrão 01: advérbio de espaço

Em (26), *entretanto* é um advérbio de sentido espacial:

(26) advérbio de espaço	<p>Em consecuencia da Directoria dos Indios enova Aldea de Quelúz deque VossaExcelencia fesme a honra encarregar por Portaria de28 de outubro de 1808, vou por na respeitavel prezenca de VossaExcelencia o estado de umento nc em que axei amesma Aldea pella disperção de alguns Indios que por faltas deprovisoens para a sua umento ncia, ou mesmo por inertes, epreguiçozos, epouco amantes de sugeição sesubtrahiraõ ao trabalho, des empararaão aPovoação, mas entre tanto pro curei todos os meios suaves, egrangeantes para os reunir, e empregallos nos trabalhos deque necescitaõ. (18CAI-29)</p> <p>{Em consequência da Diretoria dos Índios e nova Aldeia de Queluz de que Vossa Excelência fez-me a honra de encarregar, por portaria de 28 de outubro de 1808, vou por, na respeitável presença de Vossa Excelência, o estado de lentidão em que achei a mesma Aldeia pela dispersão de alguns índios, que por faltas de provisões para a sua lentidão ou menos por inertes, e preguiçosos, e pouco amantes se subtraíram ao trabalho, desampararam a povoação, mas entre tanto procurei todos os meios suaves e granjeantes para reuni-los e emprega-los nos trabalhos de que necessitam.}</p>
-------------------------	--

No exemplo, a função referencial anafórica é bastante evidente. Neste caso, *entretanto* não desempenha a função de estabelecer uma relação entre duas orações independentes, quem a desempenha é a conjunção *mas*, mais prototípica, com a qual o item coocorre; na verdade, *entretanto* exerce papel de advérbio pronominal espacial, recuperando informações textuais, podendo ser parafraseado por *entre tantas coisas* que, de acordo com Barreto (1999), é o significado fonte do item (SAID ALI, 1964). Dessa forma, é possível interpretarmos a ocorrência deste modo: “achei a mesma Aldeia

pela dispersão de alguns índios, que por faltas de provisões para a sua lentidão, ou menos por inertes, e preguiçosos, e pouco amantes se subtraíra ao trabalho, desampararam a povoação, mas *entre tantas coisas* [*entre os problemas encontrados*: a dispersão, a inércia e a preguiça dos índios que não trabalhavam, que resultaram no desamparo da povoação] procurei todos os meios suaves para reuni-los e emprega-los nos trabalhos de que necessitam”. Como *entre tanto* recupera informação textual, remetendo a grandes porções do texto, muitas das vezes não segmentáveis, é possível perceber que se trata de um espaço mais cognitivo, i.e., menos concreto.

Padrão 02: advérbio temporal

As ocorrências (27) e (28) a seguir exemplificam o segundo padrão funcional de *entretanto*: seu uso adverbial temporal. Vejamos:

- | | | |
|------|-------------------|--|
| (27) | advérbio temporal | <p>E' melhor esperar-mos aqui pelo padrinho, e entretanto a senhora cobrará forças. (19PTSL-C02)</p> <p>{É melhor esperarmos aqui pelo padrinho, e entretanto/enquanto isso a senhora cobrará forças.}</p> |
| (28) | advérbio temporal | <p>A inquisição não tem por ventura o direito de regular as consciencias, de dirigir a crença? Mercê de Deos, o Brasil vae ser a Hespanha d'America. Elle tem a fortuna de ter um Poder Supremo, que é por si só um connubio de Realeza com Soror Patrocionio. Amanhã teremos de obedecer aos senhores que hoje nos ameaçam; mas entretanto seja-nos licito dizer-lhes, em quanto ainda nos é permittido, que não conhecem a sua época. (19POLGO-62)</p> <p>{A inquisição não tem por ventura o direito de regular as consciências, de dirigir a crença? A mercê de Deus, o Brasil vai ser a Espanha da América. Ele tem a fortuna de ter um Poder Supremo, que é por si só um conúbio de realeza com Sórór Patrocínio. Amanhã teremos de obedecer aos senhores que hoje nos ameaçam, mas entretanto/enquanto isso seja-nos lícito dizer-lhe, enquanto ainda nos é permitido, que não conhecem a sua época.}</p> |

Tanto em (27) como em (28), o valor semântico de *entretanto* é temporal com duração. No primeiro exemplo, vemos dois eventos envolvidos em uma construção cuja relação expressa é a de simultaneidade: *esperamos aqui pelo padrinho* oração principal e *entretanto [enquanto isso] a senhora cobrará forças* oração temporal posposta.

Já em (28), o escrevente declara que é de seu conhecimento que em breve estarão subordinados aos senhores que lhes ameaçam, mas, enquanto lhe é permitido (e

nota-se aqui a importância deste *enquanto*, empregado pelo escrevente, que reforça a relação temporal), *neste meio-tempo*, isto é, enquanto este “amanhã de obediência” não chega, ele aproveita para expressar sua crítica sobre estes senhores: que eles não conhecem sua época.

Entretanto, em (28), coocorre com um juntor adversativo prototípico no PB: o *mas*, e em (27), coocorre com *e*, aditivo, que, junto com *mas*, integram nosso paradigma conjuncional coordenativo por excelência. Dessa forma, *mas* é que articula as orações do período e se encarrega de estabelecer o sentido de adversidade, ao passo que *entretanto* opera como um reforço adverbial, sem a função de estabelecer a conexão entre as orações, contribuindo para a argumentação do escrevente. Com base em Blühorn (2008), discutido anteriormente, a conexão de jutores adverbiais, de que esse uso de *entretanto* é exemplar, não se dá pelo meio sintático, mas pelo meio semântico, através da relação de referência anafórica exercida pelo item. Além disso, como afirma Câmara (1975), essa contiguidade de determinado item com um juntor prototípico, conforme constatamos nos exemplos (27) e (28), pode levar o primeiro a assumir o sentido expresso pelo segundo, através de mecanismos como a metonímia, cuja importância já foi ressaltada por diversos pesquisadores (HEINE et al, 1991; TRAUGOTT; KÖNIG, 1991; HEINE, 2002; HOPPER; TRAUGOTT, 2003).

Padrão 03: advérbio juntivo ambíguo

Como visto, o terceiro padrão de *entretanto* é o mais recorrente em nossos dados: em 34,3% das ocorrências analisadas, o item assume um significado ambíguo, característica comum em processos de mudança semântica, que permite uma leitura temporal e uma leitura adversativa, diferentemente do que ocorria nos exemplos (26), (27) e (28) anteriormente mostrados. Vejamos os exemplos (29) e (30) a seguir:

- | | | |
|------|---------------------------------------|---|
| (29) | advérbio
temporal >
adversativo | Acha-se aquella estrada no mais deploravel estado; pontes cahidas, pantanos, caldeirões, é o que n'ella se observa; entretanto Sua Excelência o Senhor Presidente parece que nem ao menos sabe, que tal é o estado d'essa estrada, por onde diariamente tantas tropas transitão! De meado do anno passado para cá duas ou tres viagens tenho feito, e nada de concertos, e a estrada arruinando se cada vez mais, de maneira que está hoje quasi intrasitavel. (19CLJ-441) |
|------|---------------------------------------|---|

- (30) advérbio temporal > adversativo | É provável que o Henrique, compre a referida pharmacia, um pouco mais tarde, uma vez que entre em acordo com os proprietarios, sobre preço e condições de pagamento; isto, está claro, na hypothese de querer os donos vendel-a. O Henrique Lindenberg, é um rapaz sério, habilitado e trabador, offerecendo portanto garantias de bom desempenho dos serviços que forem confiados. Si o negocio offerecer vantagens elle póde seguir immediatamente para occupar o logar. Como já disse, elle póde comprar a pharmacia preferindo **entretanto**, trabalhar primeiro alguns mezes por contados actuaes proprietarios, com o fim de relacionar-se con a freguezia. (19CWL-63)

Na ocorrência (29), o item flutua entre as relações de tempo e contraste. Em uma leitura temporal, temos dois fatos ocorrendo simultaneamente no mesmo espaço de tempo: há uma constatação por parte do escrevente sobre uma determinada estrada, onde há diversos problemas que a caracterizam como um local que nitidamente está em péssimas condições, mas, ao mesmo tempo em que são observáveis, não são notados pelo presidente.

Por outro lado, em uma leitura contrastiva, é possível interpretar que todo mundo vê os problemas da estrada, uma vez que as tropas transitam por ela, com exceção do presidente que, por lei, é quem deveria tomar alguma providência com relação ao estado precário em que a via se encontra. Assim, a construção habilita um contraste por quebra de expectativa, marcado pela partícula negativa *nem* pois, apesar de ser visível o estado de calamidade, parece ser de desconhecimento por parte daquele que detêm o poder para revertê-lo. *Nem*, neste caso, é que direciona, juntamente com outros correlatos linguísticos como a oposição semântica entre os eventos – “nela se observa” *versus* “o Presidente nem ao menos sabe”, a leitura contrastiva e, metonimicamente, a emergência de construções adversativas com *entretanto*. Assim, a passagem TEMPO > CONTRASTE não é aleatória, no sentido de que há um vínculo entre estes dois canais que teria agido como gatilho que possibilitou a mudança, que é justamente a ocorrência de eventos que coexistem em dado tempo, mas que estão de algum modo em oposição.

O mesmo caso de dupla interpretação acontece em (30): é possível fazer uma leitura temporal, na qual, Henrique, segundo o locutor, pode comprar a farmácia, porém ele pode preferir trabalhar antes, enquanto não a compra, a fim de relacionar-se com os fregueses. *Entretanto* pode, nesta leitura, ser parafraseado por *enquanto isso*, que denota um sentido temporal concomitante: “Como já disse, ele pode comprar a farmácia preferindo *enquanto isso* trabalhar primeiro alguns meses”.

Também para (30), é possível uma leitura em termos de adversidade. Nesse caso, há a hipótese de Henrique comprar a farmácia, contudo, não sabemos, pelo contexto, se ele a comprou de fato. Diante disso, há duas situações prováveis que geram o contraste: (i) Henrique comprar e imediatamente assumir o lugar; ou (ii) trabalhar por conta dos atuais proprietários, porque isso seria uma maneira de conhecer e de se relacionar com os clientes antes de efetivamente adquirir o estabelecimento. Assim, toda uma ideia é refutada: o interlocutor acredita que, por todas as qualidades de Henrique e por todos os benefícios que ele poderá adquirir, Henrique, de fato, comprou a farmácia. No entanto, o locutor surpreende seu interlocutor quando diz que ele prefere trabalhar alguns meses antes de comprar o estabelecimento.

Quanto à posição, se atestarmos a mobilidade do item para outras posições, teremos:

- (29a) Acha-se aquella estrada no mais deploravel estado; pontes cahidas, pantanos, caldeirões, é o que n'ella se observa; Sua Excelência o Senhor Presidente parece que nem ao menos sabe **[entretanto]** que tal é o estado d'essa estrada, por onde diariamente tantas tropas transitão!
- (29b) Acha-se aquella estrada no mais deploravel estado; pontes cahidas, pantanos, caldeirões, é o que n'ella se observa; Sua Excelência o Senhor Presidente **[entretanto]** parece que nem ao menos sabe, que tal é o estado d'essa estrada, por onde diariamente tantas tropas transitão!
- (30a) Si o negocio offerecer vantagens elle póde seguir immediatamente para occupar o logar. **[Entretanto]** Como já disse, elle póde comprar a pharmacia preferindo trabalhar primeiro alguns mezes por contados actuaes proprietarios, com o fim de relacionar-se con a freguezia.
- (30b) Si o negocio offerecer vantagens elle póde seguir immediatamente para occupar o logar. Como já disse **[entretanto]**, elle póde comprar a pharmacia preferindo trabalhar primeiro alguns mezes por contados actuaes proprietarios, com o fim de relacionar-se con a freguezia.

Como visto, em (29a), (29b), (30a) e (30b), *entretanto* aparecia em posição inicial e não inicial, respectivamente. Nas paráfrases acima, constatamos que é possível empregá-lo em outras posições que diferem da posição apresentada na ocorrência original, o que atesta a mobilidade para esses casos, indicando que *entretanto* conserva seu caráter adverbial.

Padrão 04: advérbio juntivo adversativo

No quarto padrão funcional, *entretanto* só permite a leitura de adversidade, mas continua flutuando entre as categorias adverbiais e conjuncionais. Vejamos os exemplos (31) e (32):

- | | | |
|------|------------------------------------|--|
| (31) | advérbio
juntivo
adversativo | O Franklin não tem aparecido aqui nos últimos dias, creio entretanto que não esteja doente. (19CWL-74) |
| (32) | advérbio
juntivo
adversativo | Ha dous mezes que não recebo comunicação Alguma do Doutor Lousada sobre o inventario, que já deve estar concluido e satisfeitos os credores do mesmo, o que, entretanto , não posso afirmar. (19CWL-44) |

Nas duas ocorrências acima, já não é possível fazer uma leitura temporal, apenas uma leitura adversativa. Contudo, isso não permite concluir que *entretanto* já atua como uma conjunção, pois conserva, ainda, um comportamento morfossintático típico de um advérbio, particularmente quanto a sua posição na oração, que é uma das características que distancia o item de uma conjunção propriamente dita. A posição não inicial impede a paráfrase com *mas*, uma vez que este só pode ser empregado na fronteira entre as sentenças, i.e., em posição inicial. No entanto, a paráfrase por outros recursos como *apesar de tudo* é perfeitamente possível: “creio, *apesar de tudo*, que não esteja doente” e “o que, *apesar de tudo*, não posso afirmar”, o que sugere que o item ainda guarda resquícios da função referencial anafórica.

As ocorrências (31) e (32) representam casos em que *entretanto* está inserido em contextos em que há a presença de negação no sintagma verbal. Para Barreto (1999), a fixação do uso adversativo é resultado de uma mudança, via metonímia, devido à alta frequência desses itens em contextos negativos. Em nossos dados, os casos de contextos negativos representam 25,8% das ocorrências, sendo que, desse total, 49% tem negação na primeira oração, 38,9% tem negação expressa na segunda oração, conforme (32), enquanto 12,1% dos casos tem negação nas duas orações, como mostra o exemplo (31).

Entre as 70 ocorrências com *entretanto*, há 07 delas (10%) que se configuram de uma forma distinta das demais: aparecem na forma *no entretanto*. Das 07 ocorrências, 04 são advérbios temporais, o que corresponde a 58% dos casos, ao passo que as demais

(42%) são advérbios juntivos ambíguos: expressam a relação de sentido temporal, mas já denotam uma ideia conflitante em razão do contexto em que são utilizados. Não há, entre as ocorrências, nenhum caso em que *no entretanto* seja plenamente adversativo. Vejamos os exemplos a seguir:

- | | | |
|------|----------------------|--|
| (33) | advérbio
temporal | O fogo de fuzilaria e o constante tiroteio do exercito de terra contra a guarnição do alludido Curupaity não tem sido menos mortífero nem menos destruidor. No entretanto a esquadra prepara-se «activãmente» para um ataque geral, e o exercito de terra continua a fazer trincheiras que garantam-no de qualquer sortida inimiga. (19JC-1205) |
| (34) | advérbio
juntivo | Ainda não me foi possível melhorar os terreiros onde se seca o café. No entretanto já temos alguns milheiros de tijollo queimado, devendo na proxima estação da secca dar um começo á factura de mais tijollo para ladrilhar os terroires. (19REL-CNL15) |

Em (33), há prevalência do sentido temporal concomitante: há um tiroteio que continua a destruir, *nesse meio tempo* a esquadra se prepara para um ataque geral e o exército de terra continua a fazer trincheiras. Por sua vez, em (34), o escrevente declara que seus terreiros usados para secar o café não se encontram em um bom estado, mas em seguida faz uma manobra argumentativa que marca compensação: declara que mesmo não sendo possível melhorá-los, provavelmente por não ter o tijolo queimado para ladrilhá-lo, como pode supor o interlocutor, já tem alguns milheiros de tijolo queimado e que na próxima estação, conseguirá mais tijolos para ladrilhar os terreiros. Ainda que a leitura adversativa esteja em evidência, é possível recuperar ainda uma leitura temporal, porém bastante desbotada, que é sustentada pelos advérbios *ainda* e *já*: o primeiro remete a um “até agora”, representando uma temporalidade que condiz com *duração*; *já*, por sua vez, remete ao momento presente e acrescenta uma noção de antecipação, que acaba por compensar o *ainda não* mencionado antes. Assim, temos dois fatos: *não consegui melhorar meus terreiros* e *tenho alguns milheiros de tijolo queimado* postos em uma manobra argumentativa de compensação, que marca uma diferença na direção dos argumentos veiculados em cada enunciado.

Além da trajetória de sentido entre *temporal* > *temporal/adversativo*, há uma hipótese para a trajetória, do ponto de vista da forma, de *no entretanto* > *entretanto*:

partindo do pressuposto de que *entretanto* provem de *nesse meio-tempo, nesse ínterim*, é possível que, em contextos temporais, a *preposição + artigo* tenha se mantido, justamente para que se garanta a relação temporal. É possível que *no entretanto* tenha sido empregado em contextos adversativos e adquirido, metonimicamente, traços adversativos e sofrido, além da dessemantização, perda de segmentos, i.e, *no entretanto* sofreu uma erosão em sua forma, ficando, portanto, na forma convencionalizada que hoje conhecemos.

Padrão 05: conjunção adversativa

O último padrão funcional de *entretanto* corresponde aos usos em que o item é uma conjunção adversativa propriamente dita, conforme exemplificado em (35), justamente por não coocorrer com outros jutores prototípicos, por estar em posição inicial ao estabelecer a ligação sintática entre as orações independentes e por permitir a paráfrase com *mas*. Vejamos o exemplo:

- (35) conjunção adversativa | Por enquanto não tenho necessidade de dinheiro, vou me arranjando por cá mesmo, **entretanto** uma vez que necessite comunicarei para que dê as providencias. (19CWL-43)

O sentido estabelecido para esse caso é o de adversidade, não sendo mais possível uma leitura temporal e a função referencial anafórica de *tanto* não é mais tão saliente como nos usos adverbiais/pronominais. O locutor, em (35), declara que não tem necessidade de dinheiro – o que permite que seu interlocutor entenda que não há necessidade de ajuda financeira. Mas o escrevente logo em seguida declara que, caso ele necessite, irá avisar seu interlocutor para que ele o ajude, gerando, portanto um sentido de ressalva.

Outra consideração importante a ser feita é que a ordem das sentenças se tornou mais rígida, conforme o item foi se gramaticalizando e se constituindo como conjunção. Em outras palavras, em (35) a função do item é introduzir a oração que comporta o argumento decisivo, presente na segunda oração, para que ocorra a relação de contraste,

em oposição com a primeira oração. Conforme Bally (1965 *apud* CARONE, 1988), para a conjunção coordenativa estabelecer a relação de sentido entre a primeira e a segunda oração, é necessário que a ordem das orações seja rígida, ou seja, que o conteúdo da primeira oração (*Por enquanto não tenho necessidade de dinheiro*) venha antes do conteúdo da segunda (*uma vez que necessite, comunicarei*) e não ao contrário.

O exemplo (36) a seguir se assemelha ao exemplo anterior: *entretanto* também tem o valor puramente adversativo e tem função de conjunção, dado o seu comportamento morfossintático: conecta orações independentes de forma que não é permitida a inversão das orações (ordem rígida), está em posição inicial dentro da segunda oração, permite paráfrase com *mas* e não há coocorrência com jutores mais prototípicos. Ademais, percebemos que não requer mais os contextos de negação, que propiciaram a sua convencionalização como juntivo adversativo.

- (36) conjunção adversativa Espanta na verdade, e custa a crer, que no centro de uma Cidade, no meio de um Povo polido e amavel, que tem um Governo fundado nas solidas bases da Justiça se commettesse, talvez sem motivo, uma acção tão estranha. **Entretanto** se a causa indirecta do assassinio foi, como dizem, a publicação de uma carta, que inserimos em nosso ultimo número, sem duvida folgarão com isto os desgostosos das Instituições Liberaes. (19CLJ-401)

Diante dessas considerações, conclui-se que *entretanto*, no século XIX, oscila semanticamente entre as relações de temporalidade e adversidade, além de mostrar um estatuto categorial híbrido, uma vez que as classes adverbiais e conjuncionais coexistem em nossos dados.

Sendo assim, com base nas ocorrências analisadas, há evidências de que *entretanto* passa por uma mudança semântica, de forma bastante gradual, e, do ponto de vista da forma, é bastante evidente a flutuação de *entretanto* entre as categorias de advérbio juntivo e conjunção. O seguinte *cline*, exposto a seguir, representa um percurso possível de mudança para *entretanto*, sob o ponto de vista morfossintático:

ADVÉRPIO ➡ ADVÉRPIO JUNTIVO ➡ [ADVÉRPIO JUNTIVO/CONJUNÇÃO]

Do ponto de vista semântico, propomos um possível *cline* de gramaticalização para *entretanto*:

TEMPO ➡ TEMPO/ADVERSIDADE ➡ ADVERSIDADE

No caso da adversidade, Neves (2011) declara que “as construções adversativas marcam relação de desigualdade entre os segmentos coordenados” (p. 755). Sobre “relação de desigualdade”, a autora afirma que esta é usada, sobretudo, para a organização da informação e para a estruturação da argumentação: há um primeiro segmento (que pode ser um sintagma, uma oração ou um enunciado) coordenado por um item adversativo a um segundo segmento (*P mas Q*) que, de algum modo, é diferente do primeiro. Essa diferença entre eles, para Neves (2011), é especificada conforme as condições contextuais.

Dessa forma, Neves (2011), usando como referência a conjunção *mas*, e Longhin-Thomazi (2003), analisando a perífrase de base adverbial *só que*, especificam os tipos de manobras argumentativas realizadas por construções adversativas, esquematizadas no Quadro 09 a seguir:

Quadro 9: Tipos de manobras argumentativas realizadas por *mas* e *só que*

Manobras argumentativas	Definição	Exemplos³⁸
Compensação	Resulta da diferença na direção dos argumentos.	<i>Longo, MAS lido com voz clara e sem hesitações, o discurso no Congresso arrancou aplausos em várias ocasiões.</i>
Contra argumentação	O locutor dá certa legitimidade a uma conclusão <i>r</i> , mas depois a descarta em favor de uma conclusão contrária a <i>r</i> .	<i>Tem o Carlos de ciência- ciências. (aos) [ele] ele é legal, assim, sabe? SÓ QUE eu não vou com a cara muito com a cara dele não.</i>
Oposição	A oração iniciada pelo item adversativo não elimina o elemento anterior, admite-o, mas a ele se contrapõe.	<i>Vou bem. MAS você vai mal.</i> {eu bem} x {MAS você mal}
Eliminação	O segundo segmento elimina o primeiro.	<i>Terá sido mesmo? MAS não, não pode ter sido.</i> {rejeitou-se a dúvida expressa no 1º segmento}
Marcador de diferença	Há uma comparação de igualdade entre dois elementos,	<i>O analgésico continua o mesmo. SÓ QUE os pesquisadores o combinaram</i>

³⁸Todos os exemplos foram retirados de Neves (2011) e Longhin-Thomazi (2003).

	mas o item adversativo acaba introduzindo uma diferença essencial entre eles.	<i>quimicamente ao plástico do qual são feitas as drágeas dos medicamentos mais modernos.</i>
Marcador de surpresa	Marca um acontecimento inesperado.	<i>ai quando a gente tinha andado assim umas quatro horas mais ou menos...a chuva já tinha parado...SÓ QUI tinha um galho... no meio da estrada</i>
Negação de inferência	Vem contrariada a inferência de um argumento enunciado anteriormente. No primeiro segmento, há a admissão de um fato; no segundo segmento expressa-se a não aceitação da inferência daquilo que foi asseverado.	<i>O bar do Porco era velho e fedia: era muquinfo de um português lá onde, por uns mangos fuleiros, a gente matava a fome, enguindo uma gororoba ruim, preta. MAS eu ia.</i>
Novo argumento para consideração	O argumento no primeiro segmento não é suficiente.	<i>Moro ao lado. MAS se entrar um ladrão?</i>
Refutação	O locutor desmente/ nega/ contesta uma informação veiculada antes e a seguir fornece a informação que julga correta.	<i>[...] ai eu vortei... a senti mal de novo... SÓ QUI ai já num era infarti ai já era... é:: é:: ... uma veia entupida...</i>
Refutação (início de turno)	Não elimina o enunciado anterior. Está presente no início de turno.	<i>- Os bichos comem a gente. - MAS a gente não é só isso.</i>
Restrição	Restringe, por um acréscimo de informação, o que acaba de ser enunciado no primeiro membro coordenado. Essa restrição pode significar uma exclusão parcial, estando expressos, por vezes, indicadores de negação, privação, insuficiência.	<i>Querida que o filho fosse ministro, sim, MAS ministro protestante.</i> {acrescenta uma qualificação restritiva: não apenas ministro. MAS ministro E protestante }

Com base nos tipos descritos e exemplificados no Quadro 9, a Tabela 03 a seguir reúne os tipos de adversidade expressos por *entretanto* em nossos dados, quando veicula o sentido de adversidade. Como se observa, a estratégia de contra argumentação, implementada pelos advérbios juntivos, é a mais frequente (33,3%), ao passo que a estratégia de refutação em início de turno é a menos frequente, juntamente com a marcação de diferença e a eliminação (1,7%).

Tabela 3: Tipos de manobras argumentativas realizadas por *entretanto* em dados do século XIX

Relação adversativa	Advérbio juntivo	Conjunção	Exemplo	Total
contra-argumentação	14	06	(37)	20/60 (33,3%)
oposição	09	04	(38)	13/60 (21,6%)
novo argumento para consideração	04	01	(39)	05/60 (8,3%)
negação de inferência	03	02	(40)	05/60 (8,3%)
compensação	04	01	(41)	05/60 (8,3%)
marcador de surpresa	03	01	(42)	04/60 (6,7%)

refutação	01	02	(43)	03/60 (5%)
restrição	01	01	(44)	02/60 (3,4%)
marcador de diferença	01	-	(45)	01/60 (1,7%)
eliminação	01	-	(46)	01/60 (1,7%)
refutação (início de turno)	-	01	(47)	01/60 (1,7%)
Total: 60 (100%)				

Os exemplos a seguir, de (37) a (47), ilustram os onze tipos de manobras argumentativas anteriormente apresentadas na Tabela 03:

(37) No numero 21 desta folha prevenimos a nossos assignantes de que a publicação de um periodico em formato grande encontra sempre grandes embaraços. Não desconhecendo que o credito de uma folha depende da regularidade de sua publicação, entrega e remessa aos assignantes, temos envidado todos os esforços para conseguir esse desideratum. **Entretanto** temos luctado com grandes difficuldades, e entre ellas a falta de pessoal para montar a typographia, que não se encontra n'esta cidade tem produzido alguma irregularidade na nossa publicação; accrescendo a esses embaraços materiaes que ao mesmo tempo e por alguns dias tiverão de ausentar-se desta cidade dois de seus collaboradores. (19CLJ-479) **CONTRA-ARGUMENTAÇÃO**

(38) Quando no Brasil se reflectir seriamente sobre estas circumstancifs, vêr-se á o grande campo ainda a explorar, a immensa obra a realisar no sentido de abrir novos mercados clientes nossos, de dar expansão ao consumo onde já é apreciado o café, não só reduzindo o custo no varejo, como offerecendo gênero puro com todas as suas preciosas qualidades. Eis a questão em toda a sua simplicidade. O problema é, **entretanto**, vasto e offerece superfície para todas as atividades. (19OC-C01P06) **OPOSIÇÃO**

(39) E depois como se illuminaria a cidade ? Com kerosene em lampadas proprias? Onde ir buscal-as e em quanto tempo? **Entretanto** si tivessesmos 3 fabricas as duas que ficas sem fariam o serviço em quanto durassem as obras de restauração da sentinela. (19CRB-03) **NOVO ARGUMENTO PARA CONSIDERAÇÃO**

(40) De tudo isso irei cuidar com empenho. "O que é certo é que esse sujeito deixou aqui mau nome, e saiu um tanto apressado, sendo até hoje ignorada a sua residencia." O que acima fica exposto bastará ao publico perspicaz para julgar das qualidades do meu contendor: **entretanto** prometo desfiar na praça publica o collar das façanhas de tão digno cavalheiro. (19CLPSP-2109) **NEGAÇÃO DE INFERÊNCIA**

(41) E' impossivel a minha continuação aqui, uma vez que não tenha o direito fazer novas lavouras em terras novas, isto é, em mattas virgens. Para fazer essas plantações é necessario algum capital, e não é justo, que eu empregue sózinho esse capital para depois dividir com outros vocês os luvros que d'ahi provierem. Para obviar estas difficuldades eu proponho um meio - é arrendar a fazenda, tendo **entretanto** o direito de exploral-a do modo que melhor entender. (19CWL-31) **COMPENSAÇÃO**

(42) JOANA - Chamaste-nos, Manuel? (Cumprimentos mudos entre as duas senhoras e Ernesto.)
RIBEIRO - Desejo que conheçam o meu salvador!
JOANA - O teu salvador!
RIBEIRO - É verdade! Este senhor salvou-me a vida!
ERNESTO - Seu esposo exagera, minha senhora: foi obra do acaso; não fiz mais do que faria outro qualquer no meu lugar; **entretanto**, pegou-me no braço, obrigando-me a acompanhá-lo até cá, para apresentar-me a Vossas Excelências... (19PTA-C03) **SURPRESA**

(43) As noticias que vem nos jornaes deixam em plena crise ministerial e abundam em boatos e conjuncturas sobre a sua solução provavel, com a que perdeu para [ilegível] a melhor parte do seu interesse, agora que sabemos pelo telegrapho o rumo que os negocios levaram e como se formou novo ministerio para presidir aos des[]timos do paiz sob a organização delimitava dos poderes. Que a fórmula republicana do governo estava positivamente proclamada, reconheciam-no os proprios adversario e disso se queixavam; **entretanto**, nada se alterára sensivelmente, apenas se removeram os perigos immediatos

de um conflicto entre os poderes, sem mesmo fechar a porta á proclamação pacifica da monarchia por meio da revisão da constituição, que ella mesma faculta. (19CJCP-1204) **REFUTAÇÃO**

(44) A Inglaterra em todas as suas grandes cidades, mantem mais de uma fabrica de gaz; o mesmo acontece na Allemanha, Austria, Italia, e estados Unidos; no Brasil, porem, onde se põe de lado a providencia, as cousas se passam de outro modo, porque tudo se espera da divina providencia. Não será **entretanto** a providencia sugestão da providencia divina, e a imprevidência sugestão diabolica da desidia? (19CRB-03) **RESTRIÇÃO**

(45) Tendo modestamente partido de mim a idéa de se effectuar uma reunião de officiaes da Guarda Nacional desta capital, para um fim já bastante conhecido, encontrou ella, como era de esperar, o mais sympathico e franco acolhimento, despertando verdadeiro entusiasmo da parte, principalmente, daquelles que tomaram armas em defesa das instituições republicanas vigentes, quando ameaçadas pela revolta da armada de 6 de setembro. Impuzeram-se logo alguns [ilegível] officiaes o encargo de levar a effeito a idéa, consultando, commigo, antes de tudo, a opinião de diversos officiaes dos mais graduados desta milicia civica e organizando o convite tal como foi publicado em data de 6 do corrente. Ao que me consta, não houve equívocos nem dissonancias. **Entretanto**, segundo a nota do Estado de hontem, pode parecer que estavamos procedendo levianamente, em vista dos termos em que a referida nota dá conta ao publico do resultado das deliberações tomadas na reunião. (19CJCP-0706) **DIFERENÇA**

(46) Ha dous mezes que não recebo comunicação Alguma do Doutor Lousada sobre o inventario, que já deve estar concluido e satisfeitos os credores do mesmo, o que, **entretanto**, não posso affirmar. (19CWL-44) **ELIMINAÇÃO**

(47) A cidadã Antonia dera volta aos jardins, parando ora onde se dançava, ora sentando-se em um massiço de verdura, comprazendo-se em ouvir as conversas amorosas dos peralvilhos e das modernas hectaires, que passejavam seus hom bros nús, sob os candelabros e lanternas venezianas ; e os que outr'ora haviam conhecido a bohemia Toinon, a criada grave da condessa de Mazures, não conheceriam certamente esse ser grotesco, coberto de pedrarias e encaixado em ridícula toilette. **Entretanto** a cidadã Antonia, em vez de piedade, inspirava respeito e surdas invejas. (19FOJB-380e) **REFUTAÇÃO: INÍCIO DE TURNO**

4.3.1.1. O papel do contexto no caso de *entretanto*

Como discutido anteriormente, há um consenso entre os autores de que o contexto exerce um papel fundamental na mudança por GR (HOPPER; TRAUGOTT, 2003, HEINE et al., 1991, HEINE, 2002).

Entretanto, durante o processo de extensão contextual, tem dois sentidos coexistentes em uma mesma forma: advérbio pronominal, expressando a relação de sentido espacial e, também, advérbio temporal. Em seguida, em determinados contextos, passa a funcionar como um advérbio juntivo, ora conservando seu aspecto de origem, ora partilhando uma nova característica, graças à situação em que é empregado – no caso de *entretanto*, em contextos semanticamente contrastivos, sobretudo em contextos em que há negação. Gradualmente, acaba se desprendendo totalmente do sentido temporal, permanecendo apenas o sentido adversativo, sofrendo, portanto, o processo de dessemantização. Contudo, do ponto de vista categorial, apesar de apresentar traços que o configuram como uma conjunção, permanecem ainda

características de um advérbio juntivo, o que permite classificá-lo como um item híbrido, divergindo da classificação dada pelas gramáticas normativas e dicionários.

Sendo assim, propomos um modelo de reinterpretação induzida pelo contexto para *entretanto*, aos moldes de Heine (2002), esquematizada pelo Quadro 10 a seguir:

Quadro 10: Proposta de reinterpretação induzida pelo contexto para *entretanto*

Estágio	Contexto	SO resultante
Estágio inicial	<p>a. Exerce a função de advérbio pronominal espacial em sua origem (século XVIII)</p> <p>(48) axei amesma Aldea pella disperção de alguns Indios que por faltas de provisoens para a sua umento ncia, ou mesmo por inertes, e preguiçosos, e pouco amantes de sugeição se subtrahiraõ ao trabalho, des empararaão a Povoação, mas entre tanto [<i>entre tantas coisas</i>] procurei todos os meios suaves, egrangeantes para os reunir, e empregallos nos trabalhos deque necescitaõ. (18CAI-29)</p> <p>b. (<i>No</i>) <i>Entretanto</i> é advérbio temporal.</p> <p>(49) É melhor esperar-mos aqui pelo padrinho, e entretanto [<i>enquanto isso</i>] a senhora cobrará forças. (19PTSL-C02)</p>	<p>a. espacial</p> <p>b. temporal</p>
Contexto <i>Bridging</i>	<p>(<i>No</i>) <i>Entretanto</i> permite a leitura adversativa em contextos semanticamente contrastivos, e, em alguns casos, é partícula de realce quando acompanha conjunções prototípicas adversativas. Ainda conserva, porém, traços temporais.</p> <p>(50) Amanhã teremos de obedecer aos senhores que hoje nos ameaçam; mas entretanto [<i>enquanto isso</i>] seja-nos licito dizer-lhes que não conhecem a sua época. (19POLGO-62)</p>	ambíguo: temporal (significado fonte) vs adversidade (significado alvo)
Contexto <i>Switch</i>	<p><i>Entretanto</i> é advérbio juntivo em construções adversativas, sobretudo em contextos de negação, ocupando diferentes fronteiras de constituintes ao relacionar orações.</p> <p>(51) As pernas estão se fortalecendo, não sendo entretanto provável que elle consiga andar ainda este mez. (19CWL-68)</p>	adversativo

Convencionalização	<p>O sentido adversativo, nesse estágio, está convencionalizado, pois não exige o suporte contextual. Contudo, a categoria ainda é flutuante: o sentido de adversidade, no caso de <i>entretanto</i>, está presente no advérbio <i>juntivo e</i>, também, na conjunção.</p> <p>(52) [...] nosso ilustrado contendor pensa mui diversamente. Neste caso prolongar a discussão é inútil. Entretanto o cavalheiro exige de nossa parte, por seu procedimento, que não deixemos de corresponder á sua delicadeza. (19CJPSP-2801)</p>	adversativo
--------------------	---	-------------

4.3.2. No entanto (que)

Como já exposto, os dicionários e as gramáticas de cunho histórico classificam *no entanto* como uma locução datada do século XIII, oriunda do latim *intantum*, resultante da junção da preposição *in* e do advérbio *tantum*. No decorrer da história, o item apresentou flutuação gráfica, em sua representação escrita. Cunha (2010) afirma que a forma *no entanto*, como hoje é conhecida, data do século XVI. Em séculos anteriores, contudo, podemos encontrar *entanto* (séc. XIII), *étanto* e *êtanto* (séc. XIV) e *entãto*, *em tanto* e *emtanto* (séc. XV). O exemplo (53) a seguir ilustra o uso de *entanto* no século XIII:

- (53) advérbio temporal Sua madre fallou com elle, e nom o podemdo rreduzer, nem mudar de sua primeira emtemçom, fallarom com NunAllvarez Alvaro Pereira seu primo, e Alvaro Gill de Carvalho com que avia grande afeiçom; e per suas aficadas rrazoões comssetio de o fazer pois a seu padre prazia. **Entanto** chegou dona Lionor dAllvim a Villa Nova da Rainha, homde elRei e sua molher stavom; e bem rrecebida delles fezeo logo elRei saber ao Prior, e ell veo com Nuno Allvarez seu filho; e logo como chegarom, o casamento foi feito e NunAllvarez rreçebido com a dona sem mais festa, por quanto era viuva. (13CDJ11)

{Sua mãe falou com ele, e não o podendo reduzir, nem mudar sua primeira intenção, falaram com Alvarez Alvaro Pereira, seu primo, e Alvaro Gill de Carvalho com que havia grande afeição; e por suas afincadas razões, consentiu de o fazer, pois a seu pai fazia. **Entanto** chegou dona Lionor dAlvim à Villa Nova da Rainha, onde o Rei e sua mulher estavam, e bem recebida por eles fez logo o Rei saber ao Pior, e ele veio com Nuno Alvarez, seu filho, e logo que chegaram o casamento foi feito e Nuno Alvarez recebido com a dona sem mais festa, porque era viúva.}

Quanto à forma e ao sentido convencionais, os dicionários e as gramáticas normativas atuais (HOUAISS 2001, CUNHA; CINTRA, 2008) afirmam que o item pode assumir o caráter sintático de advérbio temporal, que equivaleria à forma *nesse meio tempo*, ou o de conjunção adversativa, equivalente a outros itens como *entretanto*, *contudo* e *todavia*, conforme sintetizado e exemplificado pelo Quadro 11 a seguir:

Quadro 11. Definição e classificação de *no entanto* nos dicionários e gramáticas atuais

Categoria	Função expressa	Exemplo
1. advérbio temporal	equivalente a <i>entretantes, nesse ínterim, nesse meio-tempo, enquanto isso</i>	O filho dorme, no entanto a mãe vela. O filho dorme, enquanto isso a mãe vela.
2. conjunção adversativa	expressa o mesmo sentido adversativo de <i>mas, entretanto, contudo e todavia</i>	Quis responder-lhe, no entanto faltou coragem. Quis responder-lhe, mas faltou coragem.

Uma característica interessante apresentada por *no entanto* em nossos dados diz respeito à grafia, que se apresentou de maneira variável em todo o *corpus* analisado, em virtude da hipersegmentação (*no entanto* ~ *no em tanto*), que deixa em evidência a composição do item, formado pela preposição e pelo advérbio.

Na Tabela 04, a seguir, apresentamos as frequências *token* e *type* de *no entanto* (*que*):

Tabela 4: Frequências *token* e *type* de *no entanto* em textos dos séculos XVIII e XIX

Frequência <i>type</i>: 07		
Valor semântico	Função	Ocorrências
Tempo	Advérbio	05 (11,4%)
Tempo	Perífrase conjuncional	01 (2,3%)
Tempo > Adversidade	Advérbio juntivo	08 (18,2%)
Tempo > Adversidade	Perífrase conjuncional	04 (9%)
Adversidade	Advérbio juntivo	14 (31,8%)
Adversidade	Conjunção coordenativa	10 (22,8%)
Adversidade	Perífrase conjuncional	2 (4,5%)
Frequência <i>token</i>		44 (100%)

Como se observa, as 44 ocorrências com *no entanto* se distribuem por 07 *type* distintos, a saber: um primeiro padrão em que o item é um advérbio temporal (11,4%), enquanto 2,3% das ocorrências representam o segundo padrão, que veicula o sentido temporal, com um comportamento morfossintático de perífrase conjuncional *no entanto que*. No terceiro padrão, com 18,2% das ocorrências, *no entanto* é advérbio juntivo ambíguo, expressando a relação semântica de temporalidade e, ao mesmo tempo, a de adversidade. Semelhantemente, o quarto padrão também permite dupla interpretação, porém diverge quanto à forma: também é perífrase conjuncional, representando 9% das ocorrências. O quinto padrão – o mais representativo, com 31,8% - mostra o item atuando como advérbio juntivo, mas com um sentido único: o de adversidade. Por sua vez, o sexto padrão de uso para *no entanto* consiste em casos em que o item funciona como conjunção adversativa, com uma frequência de 22,8%. O último padrão de uso, por fim, com 4,5% das ocorrências, mostra *no entanto que* como perífrase conjuncional expressando adversidade.

A seguir, apresentamos as ocorrências, de (54) a (76), que exemplificam todos os cinco padrões de uso de *no entanto*.

Padrão 01: advérbio temporal

Como dito, um total de 13,6% das ocorrências de todo o *corpus* analisado corresponde ao primeiro padrão de uso: *no entanto* é advérbio que expressa temporalidade. Vejamos os exemplos (54) e (55):

- | | |
|------------------------|---|
| (54) advérbio temporal | <p>Em quanto aos bens da segunda das referidas classes: Isto hê aos que sahiram da Minha Real Coroa, e que para ella voltaram pelo Direito da reversão, como são Mercês de Ordinarias, ou tenças de dinheiro, ou de fundos de terras, e outras semelhantes: Mandareis logo fazer huma Relação individual de todas, e cada huma das referidas Mercês; declarando se nelas os títulos porque foram concedidos, os encargos; que pelos mesmos títulos lhe foram impostos, a importancia do Capital, e do Rendimento anual de cada huma das ditas Mercês no estado presente; para Eu â vista destas claras informaçoes poder tomar a Resolução, que me parecer: Recolhendose no em tanto os rendimentos destes bens em hum segundo Cofre, semelhante ao que deixo acima estabelecido, e com a mesma arrecadação, para dele se fazerem os pagamentos, que por Mim vos forem ordenados. (18CR04-171061)</p> <p>{E quanto aos bens da segunda das referidas classes: Isso é aos que saíram da Minha Real Coroa, e que para ela voltaram pelo Direito da reversão, como são Mercês de Ordinarias, ou tenças de dinheiro, ou de fundos de terra, e outras semelhantes: mandareis logo fazer uma relação individual de todas, e cada uma das referidas mercês, declarando-se nelas os títulos porque foram concedidos os encargos; que pelos mesmos títulos lhe foram impostos, a importância do Capital e</p> |
|------------------------|---|

do Rendimento anual de cada uma das ditas mercês no estado presente; para eu à vista destas claras informações poder tomar a Resolução que me parecer. Recolhendo-se, **no entanto/enquanto isso**, os rendimentos destes bens em um segundo cofre, semelhante ao deixo acima estabelecido, e com a mesma arrecadação, para dele se fazerem os pagamentos que por mim vos forem ordenados.}

- (55) advérbio temporal
- Durante alguns minutos Bibi, Munito e o corcunda Benedicto se entreolharam silenciosos, espiando no rosto do louco a metamorphose que se ia opoerando. Isso passou-se com a rapidez de um relampago. O cidadão Paulo em breve começou a dar gargalhadas estridulas, e depois a cantar a Ça [mancha] irá.
- Parece-me incurável, observou Benedicto.
 - Não é, retrucou friamente Munito, tu verás como hei de cura-lo.
 - Com que papá? perguntou Bibi.
 - Com os bohemios, respondeu Munito, possuem drogas mysteriosas e meio de [mancha] mentos particulares.
 - Bem o sei
 - O que este diz, apontando para Benedicto, é bem imagino. Levaremos o doido para os sitios em que vive, e si os meus medicamentos foram efficazes, curado o teremos em tres dias.
 - E **no entanto** que farás de Nichette e de Antonia?
- Um sorriso transpareceu nos lábios do bohemio.
- Tu não tens precissão de mim durante estes oito dias.
 - Porque não?
 - Não vou contigo. (19FOJB-424e)

Nos dois exemplos acima, *no entanto* não possui a função de estabelecer a conexão entre as duas orações do período. Na realidade, o item atua como advérbio de valor semântico temporal, equivalendo às formas *enquanto isso* e *nesse intervalo de tempo*. Assim, em (54) é possível fazer a seguinte leitura de tempo concomitante: o locutor toma a resolução e, *enquanto isso*, o escrevente recolhe os rendimentos destes bens em um segundo cofre. A mobilidade do item na oração é o que colabora para classificar o item como advérbio: a posição de *no entanto* é posposta ao verbo “recolhendo-se”.

Em (55), *no entanto* também possui o mesmo status de advérbio temporal, uma vez que uma das personagens faz uma declaração: levará o doente para o sítio com o propósito de curá-lo. Em seguida, outra personagem indaga o que será feito com Antonia e Nichette, mãe e filha do doente, *enquanto isso*, ou seja, enquanto o doente estará sendo tratado.

Assim, para os dois casos, vemos que *no entanto* assume uma relação mais semântica do que sintática (BLÜHDORN, 2008), uma vez que seu valor é altamente

anafórico, por retomar a ação expressa anteriormente que, pelo emprego de *no entanto*, concomitantemente ocorrerá com o que é expresso pela oração seguinte.

Padrão 02: perífrase conjuncional temporal

Vejam os o único exemplo representativo para este padrão:

- | | | |
|------|---------------------------------------|---|
| (56) | perífrase
conjuncional
temporal | E como me consta, pelo Jornal do Commercio de 2 do corrente, que em Cabo-Frio houve ainda maior attentado, julgo do meu dever dar disto sem demora parte a V. Ex., para ordenar que a fortaleza da barra seja reforçada, no entanto que passo a prevenir ao tenente-coronel commandante para estar com toda a vigilância, pois não tem senão 12 praças de guarnição. (19-DMN-16) |
|------|---------------------------------------|---|

No exemplo (56), a relação de sentido expressa é a relação temporal de simultaneidade: o escrevente declara que julga ser do seu dever dar notícias ao seu interlocutor (que provavelmente ocupa um cargo maior que o seu, uma vez que ele se refere ao destinatário empregando o pronome de tratamento *Vossa Excelência*) sobre um atentado em Cabo Frio, e, *ao mesmo tempo* em que o informa, também previne o tenente-coronel, avisando-o também do mesmo atentado.

Ainda que o sentido seja o mesmo do padrão anteriormente descrito, vemos que este difere do primeiro quanto à forma: por ser uma construção $x + que$, avaliamos que o item, para este exemplo, é uma locução conjuncional cristalizada.

Padrão 03: advérbio juntivo ambíguo

Neste terceiro padrão, *no entanto* passa a assumir a função sintática de juntor, mas com propriedades que não o caracterizam como conjunção. Ademais, o sentido original de temporalidade, embora ainda presente, é bastante fraco, estando o sentido adversativo em primeiro plano. Vejam os exemplos (57) e (58):

- | | | |
|------|--------------------------------|--|
| (57) | advérbio
juntivo
ambíguo | O principal genero cultivado neste Municipio é o arroz, por existirem planicies extensas, em grande parte charcosas e alagadiças, que não servem para outros productos. Nos terrenos banhados pelo S. Lourenço, affluente do Juquiá, dá-se no entanto bem o café e o algodão. (19APSP-335) |
| (58) | advérbio
juntivo
ambíguo | A paz é de urgente necessidade tanto para uma como para outro parte; nós a desejamos, sem no em tanto , tememos a guerra. Ainda que estejamos preparados, e com força para continuar, com tudo nós rigosijariamos mais de celebrar a paz, por quanto, pelo que se nos assegura devera ser honrosa, para a Republica Argentina. (19JFP-1405) |

Em (57), o item estabelece uma relação de sentido temporal, porém, por estar inserido em um contexto semanticamente adversativo, também habilita uma segunda leitura, de caráter contrastivo. É possível fazer a leitura temporal – “O arroz é o principal produto neste município, dá-se ao mesmo tempo o café e o algodão.” –; e, é igualmente possível uma leitura adversativa: o escrevente claramente contrapõe lugares e produtos – há, portanto, dois pares de opostos. De um lado, *neste município* e o produto que vai bem é o *arroz*, por conta da planície alagada. De outro, *terrenos banhados pelo rio* e os produtos são *café e algodão*.

O mesmo ocorre no exemplo (58): há dois fatos semanticamente distintos que podem ser interpretados (*paz e guerra; necessidade e desejo*). O primeiro deles é uma oposição por contraste: “nós desejamos a paz, mas não tememos a guerra”. A adversidade, para este caso, se dá na oposição expressa pelo contexto “paz” – “guerra”. Contudo, o sentido temporal está preservado, ainda que seja desbotado e esteja em segundo plano: “nós desejamos a paz ao mesmo tempo em que não tememos a guerra”.

Em ambos os casos, *no entanto* não aparece em posição inicial: em (57) está posposto aos verbos da segunda oração; já em (58) aparece posposto à preposição *sem*, o que demonstra, através da mobilidade, que o item conserva traços de seu caráter adverbial.

Padrão 04: perífrase conjuncional ambígua

O exemplo (59) caracteriza este quarto padrão de uso:

- | | | |
|------|--------------------------------------|--|
| (59) | perífrase
conjuncional
ambígua | Parece que na mocidade e na velhice, o homem domina menos os produtos da concepção, que na época de sua força, ou do maior ardor viril, e a mulher então obtém a preponderância. Disto resulta nascerem as meninas em maior número, nas épocas de que falamos a respeito do pai, no entanto que na idade florescente deste, nascem mais rapazes. (19-PHP-111) |
|------|--------------------------------------|--|

Neste caso, o item assume um estatuto ambíguo, uma vez que está inserido em um contexto de oposição: nascem meninas em maior número se o pai é moço demais ou velho demais, mas, em outra época, que não a mocidade e a velhice, nascem mais rapazes, pois os homens são mais viris. A relação de contraste é mais evidente para este caso; porém é possível perceber, ainda que não tão evidente, uma sequencialidade temporal, decorrente da construção como um todo, que ajuda a construir o sentido de contraste: um “antes”, que se refere ao período da mocidade; e um “depois”, que se refere à velhice. Assim, estes pares de opostos - *homem x mulher / mocidade x velhice* - são sustentados pela relação de tempo, que possivelmente servirá de elo para que, em outros contextos, *no entanto que* adquira, via processos metonímicos, o sentido adversativo.

Padrão 05: advérbio juntivo adversativo

No terceiro padrão funcional de *no entanto*, o item estabelece uma única relação semântica, a adversativa, mas flutua entre as categorias adverbiais e conjuncionais. Vejamos os exemplos (60), (61) e (62):

- | | | |
|------|------------------------------------|--|
| (60) | advérbio
juntivo
adversativo | Nossa situação era dahi em diante difficilima. Os paraguayos, em observação em torno de nós, parecião, como disse o Seminario de Assumpção, gozar sem risco e tranquillamente do espectáculo de nossa destruição pela peste e pela fome. Tinhamos com efeito á nossa frente um grande rio cheio a transbordar que nos tirava toda a vida de salvação. A estação de Abril a Setembro não é das chuvas; mas como se a própria natureza se tivesse conjurado contra nós, os aguaceiros desde 13 de meio tinham sido taes que o Mirande crescêra de um modo assustador, sibillando e escumando por entre as raizes nuas das arvores da margem, e não dava esperança de que se pudesse descobrir um vão antes de muitos dias: era no entanto este meio o único que a columna tinha para passar. (19APSP-160) |
|------|------------------------------------|--|

- | | | |
|------|------------------------------------|---|
| (61) | advérbio
juntivo
adversativo | A sociedade só lhes deixa a pratica das virtudes obscuras, sem contradicção as difíceis e ásperas; e no entanto , reserva para os homens as brilhantes. (19-PHP-39a) |
| (62) | advérbio
juntivo
adversativo | A inveja é um máo sentimento,—bem o sei: e no entanto começarei confessando-vos que tenho inveja. (19ROOdP-C29) |

Nesse padrão, a relação temporal, expressa nos dois padrões anteriores, se torna tão sutil que é difícil recuperar um sentido de coocorrência entre os eventos codificados pelas orações. Os três exemplos acima retratam bem o enfraquecimento do sentido temporal: em (60), o escrevente declara que havia muitos problemas causados pela chuva que impossibilitavam a passagem da tropa, o que complicava a situação dos homens, que estavam morrendo pela fome e pela peste. Contudo, apesar desta declaração, que faz com que o interlocutor conclua que não haverá maneira de saírem do local, o locutor prontamente diz que, apesar da impossibilidade, aquele era o único caminho e, portanto, a única saída.

Em (61), também há uma declaração na primeira oração que prontamente é refutada na segunda que a segue: a sociedade apenas traz virtudes obscuras e difíceis. Assim, o interlocutor pode vir a concluir que todo homem, então, é dotado destas virtudes negativas. Contudo, na segunda oração, o interlocutor, por quebra de expectativa, declara que aos homens são reservadas as virtudes brilhantes.

Por fim, em (62), o escrevente declara que a inveja é um mau sentimento, mas diz que tem inveja, mesmo sabendo que esta não é um bom sentimento para ser sentido.

Ainda que o sentido original do item esteja opaco e o significado alvo seja predominante, *no entanto* adquire traços conjuncionais, sem perder, contudo, seus traços típicos de advérbio: do ponto de vista da forma, *no entanto*, nestes casos, ainda permanece como um advérbio juntivo. Nos exemplos (61) e (62), há a coocorrência com a conjunção prototípica *e*; enquanto, no exemplo (60), *no entanto* ainda preserva o caráter móvel ao aparecer posposto ao verbo, comportamento típico de advérbio. No caso da coocorrência, é a conjunção *e* que se encarrega de estabelecer a conexão, ao passo que *no entanto* opera como um reforço adverbial, sem a função de estabelecer a conexão entre as orações, contribuindo para a argumentação do escrevente.

Além disso, podemos notar que a ordem, para estes exemplos, é mais rígida, para que a leitura de adversidade seja garantida. No exemplo (58), dado anteriormente, em que é expressa uma relação temporal, a ordem das orações não interfere na relação semântica. Assim, em vez de dizermos “Nós desejamos a paz sem *no entanto* [nesse mesmo tempo] temermos a guerra” poderíamos inverter as orações “Não tememos a guerra, *no entanto* [nesse mesmo tempo] desejamos a paz”, sem que a relação temporal seja afetada.

Como se observa, das três ocorrências acima, duas delas apresentam casos em que *no entanto* está inserido em contextos de negação (cf. exemplos 60 e 61). Em um panorama geral, quase metade das ocorrências do nosso *corpus* com *no entanto* está inserida em contexto de negação – 20 ocorrências (45,4%) no total, ao passo que, dentre estas, 40% dos casos ocorre negação na primeira oração, 35% na segunda oração e 25% em ambas.

Padrão 06: conjunção coordenativa adversativa

Neste padrão de uso, *no entanto* é caracterizado como um item plenamente conjuntivo: em 32% dos casos, *no entanto* conecta orações coordenadas, expressando um sentido único: o de adversidade. Vejamos os exemplos (63) e (64):

- | | | |
|------|--|---|
| (63) | conjunção
coordenativa
adversativa | Assento-me deliberação a consumir todo papel que encontrar sobre a mesa, apresenta-se-me, desde logo, á imaginação uma cordilheira de ideias, e todas ellas offercem vastissimo assumpto para um bello artigo; no entanto como começar? (19JC-0912) |
| (64) | conjunção
coordenativa
adversativa | O ultimo dos portuguezes, deveria nascer n'aquelle periodo de decadência, não para gemer sobre as ruinas da pátria, já que não podia araparal-a na columna de seus braços (muito bem)', mas para, em nome do patriotismo, erguer um monumento tão largo que podesse conter o cadáver da grande nação. (Applausos),
Esse homem foi Luiz de Camões.
Portuguez, não podia mais ser comprehendido por aquella raça que se corrompera. Poeta, a Dejanira da fatalidade pregara-lhe aos hombros a túnica ensangüentada do infortúnio e da fome, do desespero e da morte. (Muito bem).
Por isso repudiaram-n'o. Portugal recusou-lhe fortuna e amor, dimento e mortalha!
Ao apparecer na corte, amara doudamente essa Nathercia, immortalizada em seus cantos.
Mas Jogo a muralha dos preconceitos levantóu-se entre os dous amantes.
Negára-lhe a fortuna meios com que restaurasse o velho solar de seus avós, e |

mandasse gravar, em letras de ouro, sobre o escudo da familia, os titulos de sua nobreza. (Muito bem).

No entanto, montanhas de pergaminhos, pyramides de brazões jamis poderiam, na concha da immortalidade, pesar mais que uma só folha da sua laurea de poea; brilhar mais do que uma só das estrophes de sua epopeia. (Applausos geraes).

Nos dois exemplos acima, observamos as seguintes características quanto à forma: *no entanto* se apresenta em posição inicial, não coocorre com outros itens mais prototípicos, a ordem das sentenças se tornou mais rígida e o item pode ser parafraseado por *mas*. No exemplo (64), por sua vez, vemos o item iniciando um novo parágrafo, sendo possível avaliá-lo como um conectivo que está articulando partes maiores do texto, o que nos remonta ao que fora proposto por Neves (2006) que defende que, muitas vezes, os juntores, ao conectar unidades maiores, podem extrapolar a organização sintática da frase e assumir o estatuto de articulador semântico-discursivo.

Quanto ao sentido, notamos que *no entanto* se desprende totalmente do seu sentido original e assumiu o sentido alvo, como já havia acontecido no terceiro padrão, apresentado anteriormente. Agora, para este padrão, o item não requer mais os contextos de adversidade para sustentá-lo. Assim, o item passa, agora, a veicular ele mesmo o sentido próprio de contraste.

Padrão 07: perífrase conjuncional adversativa

Exemplificamos, por fim, o último padrão de uso para *no entanto que*:

- | | | |
|------|--|---|
| (65) | perífrase
conjuncional
adversativa | Geralmente, as mulheres consomem muito menos alimento que os homens, e nota-se, que todos os exemplos de voracidade extraordinária, que as observações tem colhido, são fornecidos por homens, no entanto que os exemplos de longos jejuns e prolongadas abstinencias, de muitos mezes, nos tem sido fornecidos por mulheres. (19-PHP-61a) |
|------|--|---|

Neste exemplo, há um contexto prévio de comparação. Assim, temos pares de opostos que são postos em balança, a fim de mostrar ou uma diferença ou uma similaridade entre as proposições: de um lado, temos *homem/voracidade x mulher/jejum*. Desta comparação, o escrevente enfatiza uma diferença, que é, justamente, o que caracteriza a construção como adversativa.

Do ponto de vista de forma, o item, em (65), ganha estatuto de perífrase conjuncional, motivado pela conjunção *que*. Tem posição fixa na segunda oração, mantendo maior afinidade com o segundo membro, que traz a diferença geradora de contraste.

Em síntese, tal qual *entretanto*, *no entanto* oscila entre as categorias advérbio juntivo > conjunção, não apenas em sua forma, mas também semanticamente, o que mostra que a perífrase também é fruto de um processo de variação e mudança. Estabelecendo um *cline* de mudança sintática, teríamos o seguinte:

ADVÉRPIO ➡ **ADVÉRPIO
JUNTIVO** ➡ **[ADVÉRPIO
JUNTIVO/CONJUNÇÃO]**

Sob o ponto de vista semântico, percebe-se, ainda, a seguinte trajetória:

TEMPO ➡ **TEMPO/ADVERSIDADE** ➡ **ADVERSIDADE**

Para a perífrase conjuncional cristalizada *no entanto que*, temos a seguinte trajetória semântica:

TEMPO/ADVERSIDADE ➡ **ADVERSIDADE**

Quanto ao tipo de adversidade expressa, vimos na subseção anterior que são muitas as manobras argumentativas que expressam o contraste (LONGHIN-THOMAZI, 2003; NEVES, 2011), tais como contra-argumentação, progressão temática, negação de inferência, compensação, marcador de diferença, marcador de surpresa, refutação. Para o caso de *no entanto (que)*, constatamos que os nossos dados apresentam as seguintes estratégias argumentativas, de acordo com a Tabela 05 a seguir:

Tabela 05. Tipos de manobras argumentativas realizadas por *no entanto (que)* em dados do século XVIII e XIX

Relação adversativa	Advérbio juntivo	Conjunção	Perífrase conjuncional	Exemplo	Total
contra-argumentação	15	07	02	(66)	24 (57,8%)
marcador de diferença	-	-	02	(67)	02 (5,3%)
negação de inferência	04	02	-	(68)	06 (7,9%)
refutação	04	02	-	(69)	06 (13,2%)
Total: 38 (100%)					

A fim de ilustração, os exemplos (62) a (65) a seguir mostram cada tipo de adversidade expresso pelas ocorrências do nosso *corpus*:

(66) Oh! Os homens! Não podem ver o rio deslizar sereno pela campina, sem que enturbem a pureza de suas águas; buscam lançar no pó do esquecimento aquelles que caminham pela senda do dever, e **no entanto** erguem altares ao vício e queimam incenso ao Bezerra de ouro! (19JC-1703) **CONTRA-ARGUMENTAÇÃO**

(67) A sociedade só lhes deixa a pratica das virtudes obscuras, sem contradicção as difficeis e ásperas; e **no entanto**, reserva para os homens as brilhantes. **MARCADOR DE DIFERENÇA**

(68) Não foi o homem o primeiro seduzido, mas sim a mulher, porém elle, o foi depois por ella. **No entanto** sejamos justos: se a mulher succumbe facilmente á seducção, nem por isso, seu coração é menos inclinado á virtude e a receber todas as impressões, que o podem enobrecer e torná-lo mais amável. (19-PHP-45) **NEGAÇÃO DE INFERÊNCIA**

(69) As mulheres possuem ainda, o que commumente se chama espirito, em maior gráo que os homens. Elias o tem natural, porque recebem asidéas da impressão immediata dos objectos, porque pensam e raciocinam apóz das sensações, que as produzem; **no entanto** nós adoptamos loucamente os pensamentos e os sentimentos dos outros. (19-PHP-39b) **REFUTAÇÃO**

4.3.2.1. O papel do contexto para o caso de *no entanto (que)*

Para *no entanto (que)*, propomos o seguinte modelo de contextos, conforme o Quadro 12:

Quadro 12. Proposta de reinterpretação induzida pelo contexto para *no entanto (que)*

Estágio	Contexto	SO resultante
Estágio inicial	a. Exerce a função de advérbio temporal (70) Os fundos das terras, e Cazas allodiaes, livres, e portaes pertencentes a esta primeira Classe, Seraõ da mesma	temporal

	<p>Sorte vendidos em Hasta publica na prezença da referida Iunta congregada em Corpo; tomando-se nella os lanços dos que mais offerecerem, e fazendose as arremataçoens, por não excederem as facultades ordinárias; ou em duas, três, quatro, e cinco Solluçoens annuaes a respeito das propriedades de vallor mais considerável como são os Engenhos, e outras semelhantes: Ficando no entanto as fazendas que se venderem hypothecadas athe integral pagamento do presso das Suas vendas (18CR04-171061)</p> <p>b. <i>No entanto que</i> é perífrase conjuncional e, assim como a forma não perifrástica, também expressa a relação temporal</p> <p>(71) E como me consta, pelo Jornal do Commercio de 2 do corrente, que em Cabo-Frio houve ainda maior attentado, julgo do meu dever dar disto sem demora parte a V. Ex., para ordenar que a fortaleza da barra seja reforçada, no entanto que passo a prevenir ao tenente-coronel commandante para estar com toda a vigilância, pois não tem senão 12 praças de guarnição. (19-DMN-16)</p>	
Contexto <i>Bridging</i>	<p>a. <i>No entanto</i> permite a leitura adversativa em contextos semanticamente contrastivos, e, em alguns casos, é partícula de realce quando acompanha conjunções prototípicas adversativas. Ainda conserva, porém, traços temporais.</p> <p>(72) Benedicto sentou-se debaixo de uma arvore, a cem passos da porta do castello. As campinas estavam desertas, e o sol acabava de desaparecer por detraz das arvores enormes da floresta. No entanto pensava o corcunda : - Insto de tornar a ver as pessoas que a gente julga mortas, excita uma commoção bem forte. Eu tenho só a dar alguns passos, e não ousou. O tio Cornu é capaz de se pôr a gritar contra as</p>	ambíguo: temporal (significado fonte) vs adversidade (significado alvo)

	<p>almas do outro mundo como fez Jacob. Si ao menos eu lhe viesse anunciar a chegada de Aurora... (19FOJB-426e)</p> <p>b. Com a mesma relação de sentido ambígua, tem-se a construção perifrástica conjuncional <i>no entanto que</i>, em que há uma sequencialidade temporal em contextos com pares de opostos a fim de gerar o contraste.</p> <p>(73) Parece que na mocidade e na velhice, o homem domina menos os productos da concepção, que na época de sua força, ou do maior ardor viril, e a mulher então obtém a preponderancia. Disto*resulta nascerem as meninas em maior numero, nas épocas de que falíamos a respeito do pai, no entanto que na idade florescente deste, nascem mais rapazes. (19-PHP-111)</p>	
Contexto <i>Switch</i>	<p><i>No entanto</i> é advérbio juntivo em construções adversativas, sobretudo em contextos contrastivos, ocupando diferentes fronteiras de constituintes ao relacionar orações.</p> <p>(74) Aristóteles fallava mal das mulheres, no entanto adorava cegamente a sua bella. (19-PHP-65b)</p>	adversativo
Convencionalização	<p>a. Há casos de advérbio juntivo e de conjunção em que o sentido adversativo está convencionalizado. É, portanto, um item híbrido. <i>No entanto</i> não requer mais os contextos contrastivos.</p> <p>(75) O ministro da guerra, Alfredo Chaves, demittiu-se depois da sessão em que tratou-se d'esse assumpto. Vaga no senado a cadeira que occupára o senador Antão, pela provincia do Rio de Janeiro, Alfredo Chaves appresentou a sua candidatura, tendo po contendores Pereira da Silva e Andrade Figueira, dois antigos políticos de relevantes qualidades, chefes</p>	adversativo

	<p>de partidos e deputados em varias legislaturas. Alfredo Chaves foi o que obteve mais suffragios, dando-se este factio digno de mencionar-se, porque abona a sympathia que sua conducta firma e resoluta grangeara no proprio exercito; os districtos militares, as escolas militares da Côrte e Campo Grande e a 1ª secção de Santa Rita, em que domina o elemento da marinha de guerra, votaram unanimemente no ex-ministro. No entanto, a princeza regente, segundo uns, por lisonja á classe militar, ou, segundo outros, por suggestão da condessa do Barral, elegeu o menos votado, isto é, Pereira da Silva. (19HFRB-P41)</p> <p>b. A perífrase conjuncional <i>no entanto que</i> é convencionalizada como perífrase conjuncional adversativa.</p> <p>(76) Geralmente, as mulheres consomem muito menos alimento que os homens, e nota-se, que todos os exemplos de voracidade extraordinária, que as observações tem colhido, são fornecidos por homens, no entanto que os exemplos de longos jejuns e prolongadas abstinencias, de muitos mezes, nos tem sido fornecidos por mulheres. (19-PHP-61a)</p>	
--	---	--

4.3.3. Portanto

Formada pela justaposição da preposição *por* com o indefinido *tanto*, *portanto* tem o primeiro registro datado no século XIV (CUNHA, 1986, 2002, 2010), conforme o exemplo (77) a seguir, retirado do *Corpus Diacrônico do Português*:

- (77) advérbio | En desvayrados logares acheý desvayradas propriedades e naturezas que a poonba ha. E **portanto** me trabalhey, meu irmão ffrey Ramiro, que as possesse en aquesta obra que eu fiz a teu rogo. (14LA)

{Em desvairados lugares achei desvairadas propriedades e naturezas que há pombas.
E portanto trabalhei, meu irmão frei Ramiro, para que as pusesse nesta obra que eu
fiz a teu rogo.}

Ainda sobre a origem, Cunha (1986, 2002, 2010) ressalta que o item pode variar graficamente: no século XIV, a forma *portanto*, que é a mesma usada atualmente, também coocorre com *por tanto*, *por tãto*, *por tanto* e *portãnto* no século seguinte. Contudo, os dicionários históricos declaram que, a partir do século XV, apenas a grafia *portanto* prevaleceu.

Para as gramáticas normativas (BECHARA, 2009, CUNHA; CINTRA, 2008), *portanto* é uma conjunção coordenativa que expressa o sentido de conclusão ao introduzir uma oração coordenada que contém a conclusão de um raciocínio exposto no período que a antecede, podendo ser parafraseada por *logo* ou *consequentemente*, conforme os exemplos (78a) e (79b):

- | | | | |
|------|-------------------------|--|--|
| (79) | conjunção
conclusiva | | a. Não veio, portanto não receberá o prêmio. (HOUAISS, 2001)
b. Médica, portanto em 1924. (CUNHA; CINTRA, 2008) |
|------|-------------------------|--|--|

Bechara (2009), em oposição, afirma que *portanto*, ao lado de *contudo*, *entretanto*, *todavia*, *então* e *assim*, não é uma conjunção coordenativa, pois não desempenha o papel de articular orações. O gramático as classifica como unidades adverbiais, cuja função é marcar relações textuais. Vejamos o exemplo (80) dado por Bechara (2009, p. 322):

- | | | | |
|------|-------------------------------------|--|---|
| (80) | marcador
de relações
textuais | | Não foram ao mesmo cinema e, portanto , não se poderiam encontrar. (BECHARA, 2009) |
|------|-------------------------------------|--|---|

Para o autor, *e* é que desempenha a função de articular as unidades independentes em (80), enquanto *portanto* desempenha a função de advérbio marcando uma relação semântica com o que já foi dito.

Em nossos dados, a frequência *token* corresponde a um total de 59 ocorrências, que se realizam em 5 *type* semânticos, a saber: advérbio espacial, advérbio juntivo causal, advérbio juntivo ambíguo, advérbio juntivo conclusivo e conjunção coordenativa conclusiva. Na Tabela 06 a seguir, apresentamos as frequências de cada *type*:

Tabela 6. Frequências *token* e *type* de *portanto* em textos dos séculos XVIII e XIX

Frequência <i>type</i> : 05		
Valor semântico	Função	Ocorrências
Espaço	Advérbio	01 (1,7%)
Causal	Advérbio juntivo	19 (32,2%)
Causal > Conclusivo	Advérbio juntivo	24 (40,7%)
Conclusivo	Advérbio juntivo	12 (20,4%)
Conclusivo	Conjunção coordenativa	03 (5%)
Frequência <i>token</i>		59 (100%)

Enquanto conjunção conclusiva, *portanto* apresenta a menor frequência (5%), se compararmos aos demais padrões. Como se nota, a maior frequência está em *portanto* cuja relação de sentido é ambígua (40,7%), o que sugere que o item estava em vias de mudança nas duas sincronias analisadas.

A seguir, discutimos os diferentes padrões de *portanto*:

Padrão 01: advérbio espacial

(81)

Excelentissimo Senhor, agora apresentace ao Suplicante o requerimento junto, feito Em nome de hú Irmão do Suplicado prezo na Cadea desta Cidade com despaxo de Vossa Excelencia para aconcervação do dito rapaz Em Seu poder, ao qual dá o Suplicante proptissima Execução como tem obidiente Subdito deVossa Excelencia, em cuja presença poem ao mesmo tempo tam ilicito, e impraticavel com que fortiva e violentamente foi tirado daAldea, e da Caza do Suplicante o dito rapaz. Seguindoce da Sua Concervação na Companhia dos Suplicados, pécinias concequencias pelo Mão Exemplo aos mais em prejuizo da boa diciplina, educação e obediencia, em que devem concervar-ce **portanto**. (18CAI-23)

{Exceletíssimo Senhor, agora apresenta-se ao Suplicante o requerimento junto feito em nome de um irmão do Suplicado preso na cadeia desta cidade com despacho de Vossa Excelência para a conservação do dito rapaz em seu poder, ao qual dá o Suplicante prontíssima execução como tem o obediente Súdito de Vossa Excelência, em cuja presença põem ao mesmo tempo tão ilícito e impraticável com que furtiva e violentamente foi tirado da aldeia e da casa do Suplicante o dito rapaz. Seguindo-se da sua conservação na companhia dos suplicados, péssimas consequências pelo mau exemplo aos demais em prejuízo da boa disciplina, educação e obediência, em que devem conservar-se portanto. }

O exemplo (81) acima ilustra um caso em que *portanto* é plenamente um advérbio: pode ser parafraseado por “por [tudo] isso”, e retoma termos da oração anterior – no caso em questão, “disciplina”, “educação” e “obediência”. A foricidade de *portanto* é bastante evidente para este caso. Retomando Blühdorn (2008), a conexão exercida, neste exemplo, é semântica, em virtude da referência anafórica. Além disso, pode-se admitir que o item, o qual se encontra na posição final da oração, seja realocado para outro lugar na sentença sem que haja alteração do sentido fórico, da seguinte forma:

- a. Exceletíssimo Senhor, agora apresenta-se ao Suplicante o requerimento junto feito em nome de um irmão do Suplicado preso na cadeia desta cidade com despacho de Vossa Excelência para a conservação do dito rapaz em seu poder, ao qual dá o Suplicante prontíssima execução como tem o obediente Súdito de Vossa Excelência, em cuja presença põem ao mesmo tempo tão ilícito e impraticável com que furtiva e violentamente foi tirado da aldeia e da casa do Suplicante o dito rapaz. Seguindo-se da sua conservação na companhia dos suplicados, péssimas consequências pelo mau exemplo aos demais em prejuízo da boa **disciplina**, **educação** e **obediência**, em que [**portanto**]/**por todas estas coisas** devem conservar-se.

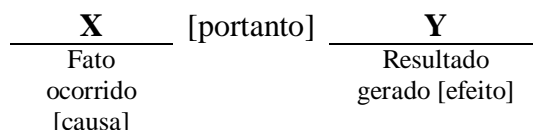
É por meio da paráfrase acima que constamos que *portanto*, para este exemplo, tem um caráter móvel, o que nos permite afirmar que, dada a possibilidade de mais uma posição, o item conserva traços da fonte adverbial pronominal.

Padrão 02: advérbio juntivo causal

Vejamos o exemplo (82) a seguir:

- (82) advérbio
juntivo
causal
- No dia 15 de Fevereiro próximo passado as 11 horas da noite appareceu na Travessa do Commercio uma besta arreada, que por suppor-se andar perdida recolheu-se; e tendo-se feito inculcas até o presente não tem apparecido dono; fáz-se **por tanto** o annuncio para que, quem for seu dono procure a dicta besta na rua acima, Casa número 16, que, dando os signaes certos e pagando as despesas que tem feito, se-lhe-entregara. (19AJFP-1504)
{No dia 15 de fevereiro próximo, passado às 11 horas da noite, apareceu na Travessa do Comércio uma besta arreada, que por supor-se andar perdida recolheu-se, e tendo-se feito inculcas até o presente não tem apparecido dono, faz-se portanto o anúncio para que, quem for seu dono, procure a dita besta na rua acima, casa número 16, que, dando os sinais certos e pagando as despesas que tem feito, se lhe entregará. }

O exemplo (82) mostra um caso em que *portanto*, além de manter seu estatuto fórico, assume características de advérbio pronominal juntivo: é advérbio, pois sua posição é não inicial, conforme o próprio exemplo ilustra – o item tem posição não inicial, posposto ao verbo; e faz o papel de juntor, ao estabelecer o efeito gerado por uma causa, expressa em uma oração estruturalmente coordenativa anteposta: uma besta, perdida, apareceu e até então o dono não apareceu para buscá-la. O motivo do proprietário não ter aparecido é o que leva o escrevente a redigir o anúncio. Não há, aqui, uma relação conclusiva estabelecida. O que temos é um fato gerado por outro fato que aconteceu antes e que motivou o segundo, conforme ilustra o esquema:



Em X, temos um fato ocorrido em determinado tempo, que acabou por gerar o fato Y, consequência de X. Nas palavras de Paiva (1995, p. 61), há um eixo de *anterioridade > posterioridade* presente nas relações causais: X e Y são regidos pelo princípio de iconicidade³⁹, ou seja, estabelecem uma sequencialidade temporal que não pode ser invertida no mundo real: primeiro apareceu a besta, que não foi procurada pelo seu legítimo dono. Por não ter aparecido o dono, então se colocou o anúncio no jornal, e não ao contrário. Ademais, *portanto* é, para este caso, dispensável: poderíamos apagá-lo sem que seja perdido o sentido de causa > efeito.

³⁹ Croft (1990, *apud* PAIVA, 1995, p. 61) define que “a estrutura da língua reflete de alguma forma a estrutura da experiência, isto é, a estrutura do mundo” Ou seja, o modo como enunciamos reflete a nossa própria experiência de mundo. A isso chamamos de princípio de iconicidade.

Padrão 03: advérbio juntivo ambíguo

O exemplo (83) é representativo do terceiro padrão de uso, com 40,7% das ocorrências:

(83)	advérbio juntivo ambíguo	Tenho, porém, o prazer de comunicar a v. exc. que já fizemos grande colheita de feijão, que esperamos nova e mais abundante colheita do mesmo gênero, e que nao menos prometedoras colheitas de milho e d'arroz nos batem és portas; devendo portanto , ser muito inferior a despeza do corrente anno. (19REL-CNL31)
------	--------------------------------	---

Para este caso, *portanto* atua como advérbio juntivo, pois conecta as orações independentes, e pode ser empregado em outras posições na sentença a qual pertence, conforme:

- a. 1. Tenho, porém, o prazer de comunicar a v. exc. que já fizemos grande colheita de feijão, que esperamos nova e mais abundante colheita do mesmo gênero, e que nao menos prometedoras colheitas de milho e d'arroz nos batem és portas; devendo ser **[portanto]** muito inferior a despeza do corrente anno.
2. Tenho, porém, o prazer de comunicar a v. exc. que já fizemos grande colheita de feijão, que esperamos nova e mais abundante colheita do mesmo gênero, e que nao menos prometedoras colheitas de milho e d'arroz nos batem és portas; devendo ser muito inferior a despeza do corrente anno **[portanto]**.

Quanto à relação semântica expressa, coocorrem as relações de causa e de conclusão. Assim, em (84), temos a seguinte leitura: pelo fato de ter havido uma boa colheita, as despesas anuais serão inferiores. Assim, a relação expressa é a de causa (a boa colheita) gerar uma consequência (despesas menores). Contudo, uma segunda leitura também é possível para o mesmo exemplo e, por isso, podemos considerar que há ambiguidade. Os verbos da segunda oração “devendo ser” indicam que o fato não se consolidou: “as despesas não serão menores”, mas “pode ser que sejam menores”, o que gera as chances de não serem também, justamente pela marcação de possibilidade gerada pela carga semântica verbal. Assim, o escrevente faz uma constatação, a safra foi produtiva, não só do feijão, mas do milho e do arroz também; logo, dado o seu

conhecimento de mundo (o fato de se ter boa safra ser positivo, e não negativo), conclui que as despesas, em virtude disso, serão menores.

Dessa forma, dado o contexto em que está inserido, o contexto de possibilidade regida por uma lógica que advém do conhecimento de mundo, é que *portanto* começa a veicular a relação de conclusão, sem que o significado de origem tenha se perdido.

Padrão 04: advérbio juntivo conclusivo

Antes de se consagrar como uma conjunção propriamente dita, estabelecendo a relação conclusiva, *portanto* apresenta-se, em 20,4% dos casos, como advérbio juntivo, dado algumas características morfosintáticas. Vejamos o exemplo (85):

- | | | |
|------|-----------------------------------|--|
| (85) | advérbio
juntivo
conclusivo | As vantagens therapeuticas deste bom remedio, producto de sabio e acurado estudo, estendem se mais além: curam hemorrhoidas, curam catharro do estomago e intestinos, indisposições (humor ácre) etc., etc. E vem portanto este virtuoso remedio, preencher uma lacuna que sempre esteve vaga, e, assim é recomendavel a todos a necessidade de estar sempre provido de um ou mais frasquinhos das boas Pilulas depurativas de M. Morato, com indispensaveis o toda a humanidade. (19AJCP-0401) |
|------|-----------------------------------|--|

Para os dois casos, a característica morfosintática é dada pela mobilidade: o item aparece em posição não inicial, pós-verbal, e, no caso do exemplo (92), há também a coocorrência com *e*, prototípico.

Diferentemente do padrão anterior, em que havia dupla interpretação, o sentido de causa já não é mais recuperável, prevalecendo apenas o sentido de conclusão. No primeiro exemplo, o remédio apresenta vantagens, pois curam uma variedade de enfermidades. Partindo da premissa de que a multifuncionalidade do remédio é algo positivo, o escrevente conclui que as pílulas resolverão problemas antes não resolvidos.

Padrão 05: conjunção conclusiva

A ocorrência (86) é um exemplo de *portanto* convencionalizado como item conjuntivo conclusivo:

- (86) conjunção conclusiva | Valle mais ir alli ao rio buscal-a; pois essa mesquinha, e (como dizem por ahi) envenada, das bicas, não serve mesmo, senão para a lavagem, e até ganhar-se-ha n'isso tempo, e paciencia de Job, por que pingos raros de um esguicho indocil levão muito tempo até encher algum pequeno balde. E estamos em tempos d'agua! **Portanto**, sem muitas considerações, a obra pode fazer-se; e sua execução não é muito difficil, aplique-se-lhe boa vontade. Não venha a camara com as suas; nem se desculpe com engenheiros: e o povo terá, como d'antes, a agua para beber. (19CLJ-453)

Em (87), após uma constatação – “E estamos em tempos d’água!” –, que lhe serve como um argumento que alimenta todo seu discurso e que o permite concluir o que virá a seguir, o escrevente conclui, por fim, que “a obra pode-se fazer”. Morfossintaticamente, *portanto* se comporta como uma conjunção propriamente dita: articula orações, permite a paráfrase com *logo*, mais prototípico.

Com base nas ocorrências analisadas, há evidências de que *portanto* passa por mudança semântica, e, do ponto de vista da forma, é bastante evidente a flutuação do item entre as categorias de advérbio juntivo e conjunção. O seguinte *cline*, exposto a seguir, mostra uma representação possível da mudança experimentada por *portanto*, sob o ponto de vista morfossintático:

ADVÉRBIO ➡ ADVÉRBIO JUNTIVO ➡ [ADVÉRBIO JUNTIVO/CONJUNÇÃO]

Do ponto de vista semântico, propomos:

CAUSA ➡ CAUSAL/CONCLUSIVO ➡ CONCLUSIVO

Verificamos, dessa forma, que um significado mais abrangente, “por isso”, com propriedades fóricas, de caráter mais concreto, acabou por ser empregado, no decorrer do tempo, como um item cujo significado é mais abstrato e, por conseguinte, mais

restrito, configurando, no caso de *portanto*, um juntor cuja relação estabelecida é a de conclusão. No decorrer dessa trajetória, flagramos a flutuação do item do ponto de vista do sentido, o que o torna, muitas vezes, um item ambíguo. Além disso, constatamos que *portanto*, nas duas sincronias analisadas, também flutua entre as categorias adverbial e conjuncional, o que permite caracterizá-lo como um item híbrido, do ponto de vista da forma.

4.3.3.1. O papel do contexto no caso de *portanto*

Portanto, inicialmente, é advérbio com propriedades fóricas por excelência e advérbio juntivo causal. Como não há, em nossos dados, evidência da transição ESPAÇO > CAUSA, tomamos como base a coexistência de dois usos diferentes. Em um dado momento, passa a ser empregado em construções que articulam relações de causa, regida pelo princípio da iconicidade. A coocorrência com *e*, permanece em alguns casos, o que reforça o caráter adverbial. A leitura conclusiva pode ser inferida, em contextos em que há uma constatação por parte do falante, seguida de uma conclusão, regida pela lógica, gerada pelo que foi dito anteriormente. Em seguida, no terceiro estágio da mudança, há a chamada *dessemantização*: o significado fonte já não pode ser mais inferido, tendo o significado alvo se sobrepondo. Por fim, no estágio de convencionalização, *portanto* é semanticamente conclusivo, dispensando o contexto condicionador no qual, inicialmente, foi inserido. Contudo, apesar de já possuir propriedades de junção ao articular orações, tanto independentes quanto dependentes, ainda permanece com um estatuto de advérbio juntivo em alguns casos, oscilando entre as categorias adverbiais juntivas e conjuncionais, expressando o sentido convencionalizado de conclusão.

Com base no modelo de contexto proposto por Heine (2002), propomos a seguinte reinterpretação induzida pelo contexto, exposta no Quadro 13:

Quadro 13. Mudança processual de *portanto* sob o ponto de vista do contexto

Estágio	Contexto	SO resultante
Estágio inicial	<p>a. <i>Portanto</i> tem caráter de advérbio fórico, podendo ser parafraseado pela junção da prep. + pronome “por isso”. Pode vir acompanhado da conjunção <i>e</i>.</p> <p>(88) O Doutor Ricardo Gumbleton Daunt obrigado por circunstancias imprevistas á partir da capital antes do dia que havia designado, não pode cumprir o seu dever despedindo-se pessoalmente das pessoas que dignarão honral-o por suas relações durante a sua estada em São Paulo, e por tanto o faz por este annuncio, e á todos offerece o seu muito limitado prestimo na cidade de Itú, pedindo-lhes desculpa desta falta inteiramente involuntária.</p> <p>b. Coexiste, juntamente com o tipo expresso em a., o uso de <i>portanto</i> como advérbio fórico.</p>	causal
Contexto <i>Bridging</i>	<p>Torna-se advérbio juntivo em construções de causa > consequência, ocupando diferentes fronteiras de constituintes ao relacionar orações independentes. Porém, é possível fazer uma segunda leitura: a de conclusão.</p> <p>(89) Perdeo-se no Hospital, onde tem morado os Colonos Alemãos, uma caixa de prata com letras iniciaes do nome de seu dono: roga se portanto a qualquer pessôa, que a tenha comprado, haja de a entregar no mesmo Hospital, onde seu dono lhe satisfará a quantia por que tiver comprado a referida caixa.</p>	causal (significado fonte) > conclusivo (significado alvo)
Contexto <i>Switch</i>	<p>Permanece, sintaticamente, como advérbio juntivo por ainda não assumir aspectos conjuncionais propriamente ditos. Porém o significado alvo se torna predominante e o significa fonte, causal, é perdido.</p> <p>(90) Passei alguns dias sem te escrever, por ter estado com erysipella, que felizmente já me abandonou. Graças as bichas, já comecei a andar de muletas, e creio que d’entro de 15 dias poderei dispensar o auxilio d’estes trastes. De accôrdo com as tuas ordens entreguei ao Tio Torquato 70#000, ao Senhor G. Jordeia 60#; mandei chamar o Antonio, para entregar- lhe 170#; estas quantias reunidas a que tem que receber o Doutor Ramos, sommam 350#ooo, fica portanto em meu poder a quantia de 150# oo.</p>	conclusivo
Convencionalização	<p><i>Portanto</i> tem o sentido conclusivo convencionalizado. Contudo, há ainda flutuação entre as categorias advérbio > conjunção. Nesse sentido, também é híbrido.</p>	conclusivo

	(91) - Mas esse tenente Dachin era um miseravel, disse Aurora. - Eu não affirmo o contrario. - E esse homem não fez nada mais que defender-se. - Ah! Bem o sei. - Portanto não se deve punir como um verdadeiro assassino.	
--	---	--

4.3.4. Contanto que

Conforme já mencionado, a perífrase *contanto que*, formada pela reanálise da preposição *com* com o pronome *tanto* e a conjunção *que*, tem seu primeiro registro datado do século XIV na forma hipersegmentada *com tanto que*, conforme ilustra o exemplo (92), retirado de CUNHA (2002):

- (92) | Eu prestes som pera (te) satisfazer **com tanto que** me nom leixes nem desampare.
 | {Eu estou prestes para te satisfazer **com tanto que/desde que** não me deixes nem me desampare}

Os dicionários históricos (CUNHA, 1986, 2002, 2010) trazem uma variedade de formas gráficas coocorrentes, no século XV, em que o vocábulo pode ser encontrado no decorrer da história: *cõ tanto que* e *cõtãto que*, além da forma convencional *contanto que*.

Com relação ao sentido e à forma, tradicionalmente se classifica *contanto que* como uma locução que expressa o sentido de condicionalidade entre orações, podendo ser parafraseada por *com a condição de que*, *uma vez que*, *desde que* (CUNHA, 2002; BECHARA, 2008): “Ajudaria, **contanto que/desde que** não houvesse interferência” (HOUAISS, 2001).

Segundo Rocha Lima (1972, p. 278) as orações condicionais, que se enquadram no grupo das subordinadas adverbiais, expressam “a circunstância de que depende a realização do fato contido na principal”. Nesse sentido, podem apresentar um fato cuja realização é possível ou provável, além de poder indicar algo que é desejável. Dessa forma, além de exprimirem condição, as orações condicionais podem trazer as nuances

de hipótese, eventualidade, concessão ou tempo, sem que muitas vezes se tracem demarcações rigorosas entre esses vários sentidos possíveis.

Sobre as construções condicionais, Said Ali (1964) afirma que a proposição hipotética é caracterizada por uma conjunção condicional: *caso*, *se* ou *que*. Algumas conjunções são compostas – as locuções ou perífrases conjuntivas – tendo o elemento *que* como final: *caso que*, *dado que*, *contanto que*. Para o gramático, a construção condicional acrescenta sentido à sentença principal.

No que tange às relações expressas pelos conjuntos condicionais, Neves (2011) declara que “as conjunções condicionais entram nas construções que exprimem o que genericamente se pode designar como condição”, tendo a forma *se p, q*, como mais tradicional, em que tanto **p** quanto **q** são verdadeiros. A autora considera que as construções condicionais apresentam ordem variável, podendo ser enunciadas conforme as seguintes possibilidades:

- (i) *se* + **oração subordinada** + **oração principal**
- (ii) **oração principal** + *se* + **oração subordinada**

Ademais, seguindo a terminologia consensual do âmbito das condicionais, a autora se refere à *prótase*, a oração que exprime a condição, ao passo que aquela que exprime o que é condicionado é dominada *apódose* (NEVES, 2011, p. 832). Para a autora, a oração condicional expressa a condição para a realização e a oração principal expressa a consequência ou o resultado da condição enunciada, que pode ser (i) uma **realização** ou um fato; (ii) uma **não realização** ou um não fato; ou (iii) uma **realização eventual** ou um fato eventual. Além disso, Neves (2011) declara que o princípio de iconicidade é o que rege a anteposição da subordinada em relação à principal, sendo a oração condicional anteposta mais frequente: nela, há um conhecimento partilhado entre locutor e interlocutor, isto é, a informação veiculada é dada, e não nova, tendo, portanto, um ponto de apoio para a referência em relação à oração principal.

Sobre as orações condicionais, Reilly (2009 [1986]) declara que o sistema condicional, na fala dos adultos, é extremamente complexo, tanto do ponto de vista morfológico quanto do sintático, semântico e pragmático. Baseando-se em Schachter (1971), a autora mostra os diferentes tipos semânticos de sentenças condicionais, de

acordo com o grau de complexidade, dividindo-as em dois grandes grupos que, de certa forma, recuperam a classificação de Neves, mencionada anteriormente. Reilly assume uma distinção entre **condicionais simples** e **condicionais imaginativos**, conforme o Quadro 14 a seguir, cada qual com seus subtipos:

Quadro 14. Os tipos de orações condicionais (SCHACHTER, 1971 *apud* REILLY, 2009 [1986], p. 313).

Condicionais Simples	
<i>Presente</i>	If I touch my eye, it hurts. ⁴⁰ If the cat is in the kitchen, he's eating the meat on the conter. ⁴¹
<i>Passado</i>	If it rained last year in Egypt, the Nile overflowed. ⁴²
<i>Genérico</i>	If the tortoise has a runny nose, he sleeps in the house. ⁴³
<i>Preditivo</i>	If Kate sees the ice cream, she will want some. ⁴⁴
Condicionais imaginativas	
<i>Hipotético</i>	If he ate all those doughnuts, he would be ill. ⁴⁵
<i>Contrafactual</i>	If I were a boy, I would have curls. ⁴⁶ If you had been awake, you would have heard the coyote. ⁴⁷

Os **condicionais simples** são factuais e os **condicionais imaginativos** codificam irrealidade. Os condicionais simples incluem (i) *presente*, que se refere às orações cujos eventos tomam lugar no momento da enunciação; (ii) *passado*, que indica eventos que podem ter ocorrido em um determinado tempo anterior; (iii) *genérico*, que são afirmações atemporais, ou seja, codificam habitualidade, contingência, e, por fim, (iv) *preditivo*, que preveem um acontecimento que é possível de acontecer no mundo real.

⁴⁰ Se eu tocar meu olho, ele dói.

⁴¹ Se o gato estiver na cozinha, ele está comendo a carne no balcão.

⁴² Se choveu no Egito ano passado, o Nilo transbordou.

⁴³ Se a tartaruga estiver com o nariz escorrendo, ela dorme em casa.

⁴⁴ Se Kate vir o sorvete, ela vai querer um pouco.

⁴⁵ Se ele tivesse comido todas essas rosquinhas, ele estaria doente.

⁴⁶ Se eu fosse um menino, eu teria cachos.

⁴⁷ Se você estivesse acordado, você teria escutado o coiote.

As **condicionais imaginativas** refletem uma noção irreal, podendo ser *hipotéticos*, com alguma possibilidade de acontecer ou, *contrafactuais*, que não tem a possibilidade de ocorrência.

No contexto dessas discussões sobre condicionalidade, passamos à análise das ocorrências de *contanto que*. Em nosso *corpus*, foram encontradas 49 ocorrências, conforme a Tabela 07 a seguir:

Tabela 7. Frequências *token* e *type* de *contanto que* em textos dos séculos XVIII e XIX

Frequência type: 03		
Valor semântico	Função	Ocorrências
Contraste	Perífrase não-cristalizada	04 (8,2%)
Contraste > Condicionalidade	Perífrase conjuntiva	24 (48,9%)
Condicionalidade	Perífrase conjuntiva	21 (42,9%)
Frequência token		49 (100%)

Como podemos observar, a frequência *token*, com 49 ocorrências, desdobra-se em 03 *type* distintos: um primeiro padrão para *contanto que*, equivalendo a 8,2% das ocorrências, aproxima-se de uma perífrase conjuncional, porém não-cristalizada, e está inserido em contextos de contraste. O segundo padrão, de maior representatividade, com 48,9%, abriga a perífrase conjuncional que admite dupla interpretação, entre as relações de contraste e de condição. Por fim, no terceiro padrão, com 42,9% das ocorrências, *contanto que* já atua como perífrase conjuncional condicional.

A seguir, apresentamos as ocorrências, de (75) a (86), que exemplificam os três padrões de uso de *contanto que*, conforme esboçados na Tabela 06 acima. A seguir, descrevemos e exemplificamos os três padrões de *contanto que*.

Padrão 01: perífrase (não-cristalizada) adversativa

Em todo o *corpus* analisado, encontramos apenas quatro casos em que *contanto que* se apresenta na forma de uma perífrase não-cristalizada. Em todos os casos desse padrão, a perífrase está inserida em um contexto de adversidade. Vejamos os exemplos (93) e (94):

- | | | |
|------|-----------------------------------|--|
| (93) | perífrase
não-
cristalizada | <p>Quasi todos os terrenos, ou terras convêm ao Cafeseiro, ainda os que são pedregosos; com tanto porém que consintão que as raizes as hajão de penetrar facilmente ; e que ellas gozem de huma ligeira humidade. (18-FAZB-152)</p> <p>{Quase todos os terrenos, ou terras, convêm ao cafezeiro, ainda os que são pedregosos; com tanto porém que consintam que as raizes as penetrarão facilmente, e que elas gozem de uma ligeira umidade.}</p> |
| (94) | perífrase
não-
cristalizada | <p>E no que toca ao espiritual, recorrerá ao Colleitor, para que lhe conceda exercício de commição, em quanto se manda pedir a Sua Santidade: e estando o Commissario Geral ausente, ou impedido, servirá o mesmo Deputado mais antigo, a quem elle fará commissão na fôrma de Direito; com tanto porém, que se não espere haja de durar a ausencia, ou impedimento, por mais tempo que tres mezes; porque havendo de ser mais comprido, se me dará conta, para mandar o que houver por meu serviço. (18-RAFR-216)</p> <p>{E no que toca ao espiritual, recorrerá ao Colleitor para que lhe conceda exercício de comissão, enquanto se manda pedir a Sua Santidade: e, estando o Comissário Geral ausente, ou impedido, servirá o mesmo deputado mais antigo, a quem ele fará comissão na forma de direito; com tanto porém que se não espere haja de durar a ausência, ou impedimento, por mais tempo que três meses; porque havendo de ser mais comprido, se me dará conta, para mandar o que houver por meu serviço.}</p> |

Nos dois exemplos acima, o que chama a atenção é o fato de haver material interveniente entre as partes que compõem a perífrase: *porém* aparece entre *contanto* e *que*. Esta característica nos permite avaliar que, nas quatro ocorrências em que isso acontece (todas pertencentes ao século XVIII), não é possível considerar *contanto que* como uma conjunção perifrástica propriamente dita, uma vez que, segundo Kortmann (1997), um dos critérios para caracterizar uma perífrase conjuncional é o fato de que a construção necessita apresentar uma fusão mínima, isto é, não se deve ter nenhuma outra palavra, de qualquer natureza que seja, que se interponha entre as partes que constituem a perífrase. Assim, podemos concluir que a perífrase, nestes casos, está ainda em vias de cristalização.

Além disso, as quatro ocorrências para este padrão partilham do mesmo material interveniente: em todas, *porém* se interpõe entre *contanto* e *que*. Para nós, parece significativo que um mesmo material seja frequente em mais de um caso. Como sabido, *porém* é um item juntivo de natureza contrastiva. Assim, em (93), por exemplo, podemos entender que o escrevente afirma que todos os terrenos convêm, até mesmo um terreno pedregoso, que, pelo conhecimento de mundo, não é um terreno propício

para a plantação, o que induz a uma quebra de expectativa, afinal, para o escrevente, que faz uma ressalva, este tipo de terreno também pode vir a servir.

A leitura é semelhante para o exemplo (94). O interlocutor declara que, em uma hipótese - marcada pelo verbo no modo subjuntivo na segunda oração - em que haja a falta do comissionário, por direito o deputado mais antigo pode assumir o posto. Contudo, em seguida há uma quebra por contraste: é permitido que outro assuma o cargo, mas há uma restrição que surge na segunda oração em que há o emprego de *porém*: a ausência do comissionário não pode se estender por mais do que três meses.

Assim, com base nos dois exemplos acima, constatamos que, formalmente, *com tanto que ~ contanto que* não se consagrou ainda como uma perífrase conjuntiva por excelência, pelo fato de permitir material interveniente entre suas partes componentes; semanticamente, há a evidência de que o item estabelece um sentido fórico, pois retoma tudo o que fora dito na primeira oração para que a ressalva seja feita na oração que é encabeçada por *porém*.

Padrão 02: perífrase conjuncional ambígua

Para o segundo padrão de uso de *contanto que* temos, conforme mostrou a Tabela 06, um total de 24 ocorrências, o que representa o padrão mais frequente, com 48,9% das ocorrências do *corpus*. Vejamos os exemplos (95), (96) e (97):

- | | | |
|------|---------|---|
| (95) | juntivo | A vaidade naõ se contenta com o que as cousas são, mas com o que parecem, com tanto que pareçãõ grandes. (18-RSVAH-355) |
| (96) | juntivo | Se algumas pessoas, ou Mercadores trouserem ho dita vinho pera despeza de suas cazas em quanto estiverem na dita Cidade naó pagarãõ delle ho dito Direita com tanto que naõ venha per Fooz. (18-RAFR-494) |
| (97) | juntivo | O que tiver diversos estabelecimentos, e dos outros a metade da que lhes fõr correspondente; comtanto que o total das meias taxas naõ exceda o dobro da principal, Exceptuãõ-se as Sociedades, que pagarãõ a taxa integral de todos os seus estabelecimentos. (19APSP-90) |

Nos três exemplos expostos acima, observa-se que *contanto que* já está a caminho de se tornar uma perífrase cristalizada, já que, diferentemente dos outros dois exemplos mostrados anteriormente, não há, para estes três casos, material interveniente, ainda que em (95) e (96) o item esteja graficamente hipersegmentado. Além disso, *contanto que* já possui o sentido condicional, uma vez que a paráfrase por elementos de mesmo conteúdo semântico – *na condição de* ou *desde que* – é perfeitamente possível.

Contudo, apesar dessa diferença, vemos que o item atua em um contexto em que há a negação explícita, como nos exemplos acima. De todas as ocorrências que configuram esse padrão, 23,1% apresentam um elemento negativo de natureza adverbial na primeira oração, como no exemplo (95), ao passo que em 57,7% delas há negação na segunda oração encabeçada por *contanto que*, conforme o exemplo (97). Por fim, há, em apenas 19,2% dos casos, o elemento de natureza negativa ocorreu tanto na primeira oração quanto na segunda. O exemplo (96) ilustra esse caso. Ademais, independente da oração em que o elemento negativo se insere, em todos os casos ele incide sobre o verbo, negando-o.

Diferentemente do **Padrão 01**, constatamos que a condicionalidade, nos dados do **Padrão 02**, é mais evidente. Contudo, a negação explícita mostra que, ainda, é possível recuperar uma leitura contrastiva. No exemplo (95), há a presença da conjunção *mas* que indica um contexto prévio de contraste, além do elemento negativo. Já em (96) e (97), ainda que não haja um elemento prototípico adversativo, a relação de contraste é estabelecida pelo advérbio *não*, que garante a quebra de expectativa. Em (96), por exemplo, o escrevente declara que as pessoas não pagarão uma taxa por um vinho, enquanto estiverem na cidade, porém declara, em seguida, que isso não se aplica a quem vier por Foz: quem vier por este caminho, deverá pagar a taxa pelo produto. Assim, temos um contraste gerado por uma ressalva: algumas pessoas não pagarão, porém há uma condição para que elas não paguem. Assim, verificamos que *contanto que* começa a ser sustentado por um contexto cuja relação de sentido condicional, também fortemente marcada pelos verbos no subjuntivo, é mais evidente do que no primeiro padrão, contrastivo, em que *contanto que* era empregado.

Padrão 03: perífrase conjuntiva

O terceiro padrão refere-se ao uso convencionalizado: 42,9% das ocorrências mostram *contanto que* como locução conjuntiva que expressa o sentido de condição. Vejamos os exemplos (98) e (99):

- | | | |
|------|--------------------|--|
| (98) | locução conjuntiva | Fazem parte da assemblea e nella têm voto deliberativo, todos os empregados da casa, d'úm e d'outro sexo, com tanto que os homens sejam maiores de 18 annos, e as mulheres de 16. (19REL-CNL34) |
| (99) | locução conjuntiva | Escolha para esta grande obra os mais antigos e graves padres, com tanto, que sejam de compleição mais viva, e conversação mui lhana. (19JC-1702) |

Nos dois exemplos anteriores, no que diz respeito à forma, *contanto que* já se consagra como um item conjuntivo: está encabeçando a oração, é uma perífrase conjuntiva, cuja função é articular as duas orações que expressam condicionalidade. A relação de condição expressa também uma ressalva, como já acontecia em usos anteriores: em (98), afirma-se que pessoas, de ambos os sexos, fazem parte da assembleia, mas há uma restrição: ainda que tanto os homens quanto as mulheres desfrutem do mesmo direito, existe uma idade mínima para tal. Em (99), há a ordem de se escolher antigos e graves padres. Contudo, o fato de serem antigos e graves não é suficiente: devem ter, além destas características, boa índole e amabilidade. Assim, nos dois exemplos, há um acréscimo de informação de natureza restritiva, no sentido de condicionar o conteúdo do enunciado anterior.

Além disso, com o propósito de apreender possíveis nuances condicionais, julgamos relevante analisar o esquema modo-temporal nas construções condicionais com *contanto que*. Sobre esse aspecto, a partir da análise do português culto falado, Neves (2011, p. 848) faz as seguintes observações, esquematizadas no Quadro 14 a seguir:

Quadro 15. Esquema modo-temporal presente nas orações condicionais (NEVES, 2011, p. 848)

	Modo	Tempo
oração condicional (iniciada pela conjunção condicional básica <i>se</i>)	Indicativo Subjuntivo	Presente Passado Futuro
oração condicional (iniciada com outras conjunções: <i>caso, dado que, desde que, uma vez que, contanto que</i> etc.)	Subjuntivo	Presente Passado
oração principal	Indicativo Subjuntivo*	Presente Passado Futuro

De acordo com o quadro acima, o verbo da oração principal pode estar tanto no presente como no passado e no futuro. Quanto ao modo, ocorre o indicativo, porém Neves (2011) alerta que, caso haja algum tipo de modalização, esta pode levar ao modo subjuntivo (sinalizado no quadro anterior), como em “Se **tivesse podido** prever o resultado, talvez **nada tivesse** mandado dizer”. Nas orações subordinadas, a relação modo-tempo expressa irá depender da conjunção empregada: com a conjunção *se*, há a possibilidade de construções com indicativo e subjuntivo, nos três tempos verbais. Com outras conjunções condicionais, o modo será sempre subjuntivo, restringindo apenas a passado e presente. Ademais, Neves (2011, p. 832) declara que as orações condicionais “entram nas construções que exprimem o que genericamente se pode designar como **condição**”, e, como já mencionado anteriormente, podem ser de três tipos: **reais** (ou também **factuais**), **irreais (contrafactuais)** e **eventuais (potenciais)**.

No caso dos nossos dados, com base nas relações modo-temporais, foram constatados os seguintes subtipos de condicionalidade, conforme a Tabela 08 a seguir:

Tabela 8. Características das orações condicionais em textos dos séculos XVIII e XIX

Modo/Tempo Tipo		PE.I	FUPE.I	PE.S	FUPE.I	FUPRI.I	PTLI	PTP.I
		PE.S	PE.S	PE.S	PRET.S	PRET.S	PTLS	PE.S
Factual	Ant.	-	-	-	-	-	-	-
	Pos.	19 (38,8%)	-	-	-	-	-	-
Eventual	Ant.	03	01 (2%)	-	-	-	-	-
	Pos.	-	14 (29,6%)	08 (16,4%)	01 (2%)	-	-	-

Contrafactual	Ant.	-	-	-	-	-	-	-
	Pos.	-	-	-	-	01 (2%)	01 (2%)	01 (2%)

Legenda:

FUPE = Futuro do Presente I: Indicativo
 FUPR = Futuro do Pretérito S: Subjuntivo
 PE = Presente
 PRET = Pretérito P = Posposta
 PTI = Pretérito Imperfeito A = Anteposta
 PTP = Pretérito Perfeito

De acordo com a tabela acima, sobre a ordem das ocorrências, a posposição é a mais frequente: 45 ocorrências, o que equivale a 91,8% do *corpus*, seguem a ordem **Oração Principal [contanto que] Oração Condicional**, conforme o exemplo (100) a seguir:

- (100) locução conjuntiva | Examinando os interessados a citada ordenança, ahi acharão outra clausula impondo aos juizes a obrigação de assistirem as audiencias com cabeleiras; e em vista d'esta disposição declararão-se prompos a rasparem os bigodes **com tanto que** os juizes deitassem cabeleiras. (19JC-1407)

Quanto à relação modo-temporal, a oração encabeçada pelo juntor traz os verbos ou no presente ou no pretérito, do modo subjuntivo. O verbo da oração principal, como visto, pode estar nos dois modos, indicativo ou subjuntivo, e em qualquer um dos três tempos verbais.

Sendo assim, com base nas ocorrências analisadas, há evidências de que há três padrões de uso distintos para *contanto que*: a perífrase, como observado, passa por mudança semântica e também formal. O seguinte *cline*, exposto a seguir, mostra uma representação possível da mudança para *contanto que*, sob o ponto de vista morfossintático:

**PERÍFRASE NÃO
CRISTALIZADA** ➡ **PERÍFRASE
CONJUNTIVA**

Do ponto de vista semântico, propomos um possível *cline* de gramaticalização:

ADVERSATIVO ➡ ADVERSATIVO/CONDICIONAL ➡ CONDICIONAL

4.3.4.1. O papel do contexto no caso de *contanto que*

Uma proposta de reinterpretação induzida pelo contexto para *contanto que*, nos moldes de Heine (2002), seria a que esboçamos Quadro 15 a seguir:

Quadro 16. Proposta de reinterpretação induzida pelo contexto para *contanto que*

Estágio	Contexto	SO resultante
Estágio inicial	<p>A perífrase conjuncional está inserida em contextos adversativos que expressam ressalva. Há material interveniente, o que mostra que a perífrase não está cristalizada.</p> <p>(101) E ajustadas ellas pelos Contadores com os conhecimentos em fôrma do dinheiro , que o Thesoureiro mór tiver entregue ao recebimento daCruzada; e sendo primeiro vistas, e aprovadas emjunta , se lhe passará sua quitação na fôrma costumada , como está dito no § 37; com tanto porém que antes disso entregue todo o dinheiro. (18-RAFR-250)</p>	Contraste
Contexto <i>Bridging</i>	<p>A condicionalidade nos contextos em que <i>contanto que</i> é empregado se torna mais evidente, porém os mesmos contextos de uso ainda preservam o valor de contraste e o caráter fórico, uma vez que a construção não tenha se cristalizado e nem se abstratizado, o que significa que a porção anterior que <i>tanto</i> retoma é mais fácil de ser identificada.</p> <p>(102) A repugnância voluntária queremos fazer passar por necessaria: o violar a boa fé nunca nos serve de embaraço, com tanto que a violação se attribua a outrem; e o ser a culpa nossa não importa, com tanto que pareça alheya. (18-RSVAH-138a)</p>	ambíguo: contrastivo > condicionalidade
Contexto <i>Switch</i>	A leitura contrastiva já não é mais	condicionalidade

	<p>possível. No entanto, ainda requer os contextos hipotéticos que expressam a condicionalidade.</p> <p>(103) Que aquelles que quizerem terras, se lhes dem, com tanto que as peção onde estiverem desocupadas, ficando a concessão dependente da uprovação do Corpo Legislativo na conformidade do Aviso a este respeito. (19JFP-1511)</p>	
Convencionalização	<p>Formalmente, é convencionalizado como perífrase conjuncional de condição. Nesta fase, o item perde o sentido fórico inicial e não requer mais os contextos condicionais para ocorrer.</p> <p>(104kbatk) Os Tabeliliães poderão registrar em livro especial as procurações e documentos que as partes apresentarem, e de accordo com ellas; com tanto que na escriptura publica fação declaração e remissão á flha desse livro com as especificações necessarias, a aprazimento das partes. (19APSP-158)</p>	condicionalidade

CONCLUSÃO

O presente trabalho buscou descrever e analisar, com base nos funcionamentos morfossintático, semântico e também pragmático, os diferentes usos de itens juntivos cuja formação deriva do item *tanto – entretanto, no entanto (que), contanto que e portanto –*, além de buscar, no contexto em que são empregados, pistas que, supostamente, influenciaram no processo de constituição desses itens enquanto conjunção, como convencionalmente conhecemos.

Para tanto, inicialmente tratamos do estatuto das conjunções em PB e, também, do processo de articulação de orações, retomando definições e abordagens tanto normativas quanto funcionalistas. O objetivo foi mostrar que, no caso das conjunções, não se trata de uma categoria estanque, no sentido de que, conforme Neves (2011) e Pezatti (2001) argumentam, nem sempre as conjunções dadas pela gramática tradicional são verdadeiramente conjunções, dada a natureza de alguns itens e algumas propriedades formais e funcionais que estes apresentam no uso, como a coocorrência com outros jutores e a mobilidade do item na sentença, por exemplo.

Em continuidade, na seção seguinte, apresentamos todo o arcabouço teórico no qual nos baseamos, partindo de um breve histórico acerca dos primeiros estudos sobre gramaticalização para que, em seguida, pudéssemos defini-la, tanto como processo e também como paradigma, além de expor e distinguir as diferentes perspectivas em que a GR pode ser estudada e o conjunto de quatro alterações que, segundo Heine e Kuteva (2007), garantem a singularidade do processo de mudança por GR. Feito isso, nos preocupamos em tratar do princípio da unidirecionalidade, bastante recorrente no processo, e, assim, definir os mecanismos cognitivos e pragmáticos de mudança (metáfora e metonímia), bem como os mecanismos morfossintáticos (analogia e reanálise). Ademais, trouxemos o modelo de contextos, proposto por Heine (2002), que nos auxiliou no alcance de um dos objetivos principais deste trabalho: o de flagrar o gatilho de mudança sofrida por determinado item e os estágios percorridos em que há polissemia até, finalmente, chegar a um estatuto convencional. Ao final desta seção, trouxemos alguns estudos que se propõem a postular teorias em gramaticalização, como Kortmann (1997), por exemplo, ou trabalhos como os de Barreto (1999), Rocha (2006), Bellay (2011) e Longhin-Thomazi (2009), de natureza empírica, que contribuem para os estudos em GR de jutores no português brasileiro.

Na terceira seção, mostramos como se deu a composição do *corpus*, com a exposição dos quatro critérios de escolha, além de mostrar a operacionalização metodológica para a análise das ocorrências: (i) buscar o significado fonte e o contexto de ocorrência; (ii) constatar a transição da mudança semântica por meio do uso ambíguo, com a identificação do elo entre o sentido fonte e o sentido alvo; e (iii) mostrar a convencionalização do sentido alvo do item em questão. Quanto ao funcionamento morfossintático, nos apoiamos nos seguintes parâmetros: (i) posição do juntor; (ii) co-ocorrência com outros jutores; (iii) dimensão da unidade articulada pelo juntor; (iv) possibilidade de paráfrase; (v) correlações enfáticas; (vi) itens de negação ou demais itens que podem direcionar para outra relação semântica; (vii) ordem das sentenças e (viii) presença de material interveniente.

A partir das análises das ocorrências, constatamos que *entretanto* e *no entanto* (*que*), antes de se convencionalizarem como construções adversativas, mais e menos prototípicas, partem de usos adverbiais, expressando relações de sentido que fogem ao contraste: *entretanto*, enquanto advérbio, veicula as relações de tempo e espaço. Em nossos dados, não foi possível flagrar a passagem ESPAÇO > TEMPO, o que não nos permitiu postular uma hipótese de derivação. Assim, verificamos que os estatutos adverbial temporal e adverbial espacial de *entretanto* coexistem no período analisado. A forma *no entanto*, por sua vez, tal qual *entretanto*, também é inicialmente um advérbio que expressa tempo. Com o mesmo sentido de temporalidade expresso, temos também a forma perifrástica *no entanto que*.

Em seguida, *entretanto* e *no entanto* (*que*) passam a articular orações, mas preservando traços de sua natureza adverbial, o que nos permite classificá-los, tal como Neves (2011), como *advérbios juntivos*. Além disso, quanto ao sentido veiculado, nossas ocorrências mostraram que, pelo contexto, ainda preservam traços temporais, significado de origem. Concomitantemente, o contexto semanticamente contrastivo – como os contextos em que há negação explícita – também permite que se faça uma leitura adversativa.

No estágio seguinte, os dois itens perdem o sentido de origem e passam a veicular apenas o sentido de adversidade, que ainda é sustentado pelo contexto. Morfossintaticamente, os itens ainda permanecem como advérbios juntivos.

Por fim, os contextos contrastivos se tornam dispensáveis: por metonímia, *entretanto* e *no entanto* têm o sentido convencionalizado e expressam, por si só, a relação de contraste. No entanto, há casos de advérbios juntivos e também de conjunção

expressando o sentido adversativo convencionalizado, o que nos permite verificar que *entretanto* e *no entanto* são itens adversativos, mas que flutuam entre as categorias de advérbio juntivo e conjunção. Quanto à manobra argumentativa expressa no contexto da adversidade pelos dois itens, o subtipo mais comum foi o de contra-argumentação, com 57,8% dos casos para *no entanto* e 33,3% para *entretanto*.

Por sua vez, *portanto*, à semelhança de *entretanto* e *no entanto (que)* também percorre, do ponto de vista sintático, a trajetória *advérbio* > *advérbio juntivo* > [*advérbio juntivo/conjunção*], e tal como os itens adversativos, também oscila entre as categorias de advérbio juntivo e conjunção, ainda que o sentido conclusivo tenha se convencionalizado. Sobre esse aspecto, os dados nos permitiram verificar a mudança gradual, sob o ponto de vista semântico, que o item sofreu. Inicialmente, *portanto*, enquanto advérbio, expressa a relação espacial que coexiste com outro tipo de relação semântica, a de causa. Como item adverbial, a função exercida pelo item não é sintática, mas semântica, uma vez que a propriedade anafórica, em virtude de *tanto*, é bastante evidente.

Gradualmente, *portanto*, em contextos de causa > consequência, passa a articular orações, ocupando, porém, diferentes posições na oração a qual pertence, o que sugere que o item ainda conserva traços adverbiais. Contudo, a leitura de conclusão também pode ser inferida, uma vez que *portanto* é empregado em contextos de possibilidade, regida pela lógica de conhecimento de mundo. Esse tipo de relação expressa, em um momento posterior, passa a se sobrepôr, até que o sentido inicial é perdido, e é veiculado apenas o sentido conclusivo, ainda sustentado pelo contexto.

Por fim, o contexto se torna dispensável, e *portanto* tem seu sentido conclusivo convencionalizado. Contudo, sintaticamente, mantém o caráter híbrido, oscilando entre as categorias de advérbio juntivo e conjunção.

Diferentemente de *entretanto*, *no entanto (que)* e *portanto*, em que flagramos a constituição dos itens conjuncionais a partir de usos adverbiais, as ocorrências com *contanto que* sinalizaram que construção, em dados do século XVIII, é uma perífrase conjuncional em vias de cristalização, pois há a presença de material interveniente entre as partes que a compõem. Como constatado, o material presente é o mesmo para todas as ocorrências: trata-se do conectivo adversativo *porém*. Assim, o sentido inicial expresso é o de contraste, que, no estágio seguinte, permanece, mas coocorrendo com o sentido de condicionalidade, o que mostra que o significado resultante é ambíguo. Dado

o contexto, a ressalva, para estes casos, é o elo que permite a dupla interpretação em termos de contraste e de condição.

Seguindo a trajetória da mudança, *contanto que* perde, em alguns dados referentes ao século XIX, a possibilidade de leitura contrastiva. Assim, o contexto condicional hipotético é o que sustenta a relação de condicionalidade, o que possivelmente possibilitou que, via processos metonímicos, *contanto que* pudesse adquirir convencionalmente o sentido de condição. Com a convencionalização, este contexto se tornou dispensável.

Com relação à base *tanto*, nos quatro jutores analisados percebemos que este foi, no decorrer da constituição destes itens enquanto conjunção, se abstratizando conforme a função de articular orações foi se intensificando. Em outros dizeres, a aproximação destes itens do estatuto conjuntivo é diretamente proporcional à perda da propriedade anafórica de *tanto*, que, em usos adverbiais, estabelecia uma relação semântica ao recuperar partes da porção textual anterior.

Em suma, nossa contribuição consistiu em fornecer evidências para os estudos que se dedicam à gramaticalização de jutores no PB que corroboram a mudança TEMPO > CONTRASTE para os jutores adversativos; CAUSA > CONCLUSÃO para *portanto*; e CONTRASTE > CONDIÇÃO para o condicional *contanto que*; com o destaque para a dessemantização sofrida pelo item, com as perdas e ganhos semânticos, e, também, para a extensão contextual que levou à mudança de sentido. Ademais, com relação à constituição gradual enquanto conjunção, *entretanto*, *no entanto (que)* e *portanto* são, em sua origem, advérbios, o que ratifica o consenso na literatura acerca do tema: de que a classe das conjunções é uma classe sujeita à renovação a partir de palavras já existentes na língua, como advérbios e pronomes, mas que são reaproveitadas para atuar além da conexão de orações: servem como mecanismos de coesão textual e estabelecem relações de sentido.

REFERÊNCIAS

- ALVES, F. C. *Gramaticalização de juntores paratáticos*. (Relatório de Iniciação Científica). Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2012.
- BARRETO, T. M. M. *Gramaticalização das conjunções na história do português*. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1999.
- BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. ver. ampl. e atual. conforme o novo acordo ortográfico. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- BELLAY, R. *O processo de gramaticalização do uso de tanto que (e variantes) em corpus dos séculos XIII, XIII~XIV, XV, XVI, XVII e XIX*. Dissertação (Mestrado em Letras) - Centro de Ciências Humanas Letras e Artes, Universidade Estadual de Maringá, 2011.
- BLÜHDORN, H. *Subordination, Coordination and Syntax, Semantics and Discourse*. In: FABRICIUS-HANSEN, C; RAMM, W. 'Subordination' and 'Coordination' in *Sentence and Text*. John Benjamins: Amsterdam/Philadelphia, 2008. p. 59-85.
- BRAGA, M.L. *As orações encaixadas no dialeto carioca*. Conferência apresentada para Professor Titular junto ao Departamento de Linguística e Filologia da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1999.
- BYBEE, J. *Mechanisms of change in grammaticization: the role of frequency*. In: JANDA, R.; JOSEPH, B. (Eds.) *The handbook of historical linguistics*. Oxford: Blackwell, 2003. p. 602-623.
- CÂMARA, J.M. *História e estrutura da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Padrão – Livraria e Editora Ltda, 1975
- CARONE, F. *Subordinação e coordenação: confrontos e contrastes*. São Paulo: Ática, 1988.
- CASTILHO, A. T. de. *Gramática do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2012.
- COSERIU, E. *Sincronia, diacronia y historia*. Montevideu: Universidad, 1958.
- CUNHA, A.G. *Dicionário etimológico da Língua Portuguesa*. 2.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- _____. *Vocabulário histórico-cronológico do português medieval*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2007
- _____. *Dicionário etimológico da Língua Portuguesa*. 4.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.
- CUNHA, C; CINTRA, L. *Nova gramática do português contemporâneo*. 2 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

- DUBOIS, J. et al. *Dicionário de Linguística*. São Paulo: Cultrix, 2006.
- FABRI, K. *Da diferenciação das conjunções adversativas em diferentes tipos de textos escritos*. Dissertação de mestrado. UFU, Uberlândia (MG), 2001.
- GONÇALVES, S.C.L. et al. *Introdução à gramaticalização: princípios teóricos e aplicação*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- HALLIDAY, M. *An Introduction to Functional Grammar*. London: Edward Arnold, 1985.
- HEINE, B. *On the Role of Context in Grammaticalization*. In: WISHER, I. (ed.) *New Reflections on Grammaticalization*. PA, USA: Johns Benjamins, 2002, p. 83-99.
- _____. *Grammaticalization*. In: JOSEF, B. D.; JANDA, R. *The Handbook of Historical Linguistics*. Blackwell Publishing. 2003. p. 575-601.
- HEINE, B. et al. *Grammaticalization: a conceptual framework*. Chicago: The University of Chicago Press, 1991.
- HEINE, B.; KUTEVA, T. *The Genesis of Grammar: a reconstruction*. Oxford: Oxford University Press, 2007.
- HOPPER, P.; TRAUGOTT, E. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.
- HOUAISS, A. *Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro, 2001.
- ILARI, R. *As conjunções*. In: ILARI, R.; NEVES, M.H.M. (org.) *Gramática do português falado culto no Brasil: classes de palavras e processos de construção*. Vol 2. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2008. p. 809-860.
- KABATEK, J. *Tradições discursivas e mudança linguística*. In: LOBO, T; RIBIERO, I.; CARNEIRO, Z.; ALMEIDA, N. (org) *Para a história do português brasileiro*. Salvador, EDUFBA, tomo II, 2006.
- KORTMANN, B. *Adverbial Subordination: a typology and history of adverbial subordinators based on European languages*. Berlin: Mouton de Gruyter, 1997.
- KURY, A. G. *Novas lições de análise sintática*. São Paulo: Ática, 1987.
- LAKOFF, R. *If's, And's and But's about conjunction*. In: FILLMORE, C. LANGENDOEN, D. (eds.). *Studies in linguistic semantics*. New York: Holt, Rinehart and Winston, 1971.
- LONGHIN, S. R.. *Tradições discursivas: conceito, história e aquisição*. 1. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2014.
- _____. *Emergência e uso da perífrase conjuncional 'no que': gramaticalização, polissemia e argumentação*. Revista de Estudos da Linguagem, v. 23, p. 63-93, 2015.

LONGHIN-THOMAZI, S. R. *Gramaticalização da perífrase conjuncional só que*. Tese (Doutorado em Linguística). Instituto de Estudos da Linguagem, UNICAMP, Campinas, 2003.

_____. *Considerações sobre gramaticalização de perífrases conjuncionais de base adverbial*. Veredas (UFJF), Juiz de Fora, v. 8, p. 215-232, 2004a.

_____. *Gramaticalização de conjunções: o caso da perífrase 'só que'*. Sínteses (UNICAMP), Campinas, v. 9, p. 231-243, 2004b.

_____. *Gramaticalização de conjunções coordenativas: a história de uma conclusiva*. Gragoatá, n. 21, 2006.

_____. *Corpus diacrônico do Português*. UNESP/São José do Rio Preto. 2007. Disponível em: www.cdp.ibilce.unesp.br.

_____. *A relevância dos tipos de contexto para o processo histórico de constituição de porém*. In: MAGALHAES, J.S.; TRAVAGLIA, L.C.. (Org.). *Múltiplas Perspectivas em Lingüística*. Uberlândia: EDUFU, 2008, p. 2701-2709.

_____. *Grammaticalization of conjunctions*. In: CASTILHO, A. T. (Org.) *História do Português Paulista*. Campinas: UNICAMP/Publicações IEL, 2009.

_____. *Junção em mudança: reanálise morfossintática e redes polissêmicas de 'que nem'*. Diadorim (Rio de Janeiro), v. 8, p. 223-243, 2011.

MARTELOTTA, M. E. *Unidirecionalidade na gramaticalização*. In: VITRAL, L.; COELHO, S. (orgs). *Estudo de processos de gramaticalização em português: metodologias e aplicações*. São Paulo: Mercado das Letras, 2010. p. 139-171.

MARTELOTTA, M. E.; SILVA, L R. *Gramaticalização de então*. In: MARTELOTTA, M. E.; VOTRE S. J.; CEZARIO, M. M. (org). *Gramaticalização no português do Brasil: uma abordagem funcional*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

MEILLET, A. *Linguistique historique et linguistique générale*. Paris: Libraire Honoré Champion, 1912.

NEVES, M. H. M. *A gramática funcional*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

_____. *Texto e gramática*. São Paulo: Contexto, 2006.

_____. *Gramática de usos do português*. São Paulo: Editora UNESP, 2011.

PAIVA, M. C. *Empregos de porque no discurso oral*. DELTA. Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada, São Paulo, v. 11, n. 1, 1995. p. 27-39.

PAUL, H. *Princípios fundamentais da história da língua*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1880.

- PEZATTI, E.G. *O advérbio então já se gramaticalizou como conjunção?* DELTA, v. 17, n. 1, p. 81-95, 2001.
- RAIBLE, W. *Linking Clauses*. In: HASPELMATH et al. (eds) *Language Typology and Language Universals – an International Handbook*. Berlin, New York: De Gruyter, 2001. p. 590-617.
- REILLY, J. S. *The acquisition of temporal and conditionals*. In: TRAUOGOTT, Elizabeth et. al. (eds) *On conditionals*. Cambridge: Cambridge University Press, 2009, p. 309-331.
- ROCHA, A.P.A. *Gramaticalização de conjunções adversativas em português: em busca da motivação conceptual do processo*. 2006. Tese (Doutorado em Linguística) – Departamento de Letras do Centro de Teologia e Ciências Humanas, PUC-Rio, Rio de Janeiro.
- ROCHA LIMA, C. H. da. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 32. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1972.
- SAID ALI, M. *Gramática histórica da língua portuguesa*. 3.ed. São Paulo: Melhoramentos, 1964.
- SAPIR, E. *A linguagem: uma introdução ao estudo da fala*. 2 ed. Rio de Janeiro: Acadêmico. 1971, [1921]
- SILVA, A. M. *Grande Dicionário da Língua Portuguesa*, Lisboa, Confluência. Atualização de Cardoso Moreno e José Pedro Machado. 1958.
- SWEETSER, E. *Grammaticalization and semantic bleaching*. In: *Proceedings of the Fourteenth annual meeting of the Berkeley Linguistics society*. 1988.
- _____. *From etymology to pragmatics*. Cambridge: Cambridge University Press, [1991] 1995.
- TARALLO, F. *A pesquisa sociolingüística*. São Paulo: Ed. Ática S.A., 1985.
- TRAUGOTT, E. *From propositional to textual and expressive meanings: some semanticpragmatic aspects of grammaticalization*. In: Lehman, C., Malkiel (Orgs.). *Amsterdam studies in the theory and history of linguistic science*. 24: 245-271, 1982.
- _____. *Conditionals markers*. In: HAIMAN, John (ed) *Iconicity in Syntax*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1985, p. 296-307.
- _____. *From subjectification to intersubjectification*. Paper presented at the Workshop on Historical Linguistics, Vancouver, Canadá, 1999.
- TRAUGOTT, E. C.; DASHER, R. B. *Regularity in Semantic Change*. (Cambridge Studies in Linguistics 96.) Cambridge: Cambridge University Press, 2002

TRAUGOTT, E., KÖNIG, E. *The semantic-pragmatics of grammaticalization revisited*.
TRAUGOTT, E., HEINE, B. (orgs.) *Approaches to grammaticalization*. Vol. 1. John
Benjamins Publishing Company, 1991.

VOGT, C., DUCROT, O. *De magis a mas: uma hipótese semântica*. In: *Linguagem,
Pragmática e Ideologia*. São Paulo: Hucitec, 1980.

Autorizo a reprodução xerográfica do presente Trabalho de Conclusão, na íntegra ou em partes,
para fins de pesquisa.

São José do Rio Preto, 05 de setembro de 2016.

FLÁVIA CAMBI ALVES